

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ÁUREA EMÍLIA DA SILVA PINTO

LUDOPOLIESE E HUMANESCÊNCIA NA VIDA
DE EDUCADORES EM SAÚDE DA ANEPS-RN

NATAL/RN
AGOSTO/2012



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA CORPOREIDADE E EDUCAÇÃO

ÁUREA EMÍLIA DA SILVA PINTO

LUDOPÓIESE E HUMANESCÊNCIA NA VIDA
DE EDUCADORES EM SAÚDE DA ANEPS-RN

NATAL/RN
AGOSTO/2012

ÁUREA EMÍLIA DA SILVA PINTO

LUDOPOIESE E HUMANESCÊNCIA
NA VIDA DE EDUCADORES EM SAÚDE DA ANEPS-RN

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, junto a linha de pesquisa Corporeidade e Educação, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Edmilson Ferreira Pires.

Natal/RN
Agosto/2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA CORPOREIDADE E EDUCAÇÃO

FOLHA DE APROVAÇÃO

Dissertação apresentada à comissão abaixo-assinada, intitulada:

Ludopoiese e humanescência na vida de educadores em saúde da ANEPS-RN

Elaborada por: Áurea Emília Da Silva Pinto

Aprovada em: ____/____/ 2012.

BANCA EXAMINADORA

Profº Dr. Edmilson Ferreira Pires - Orientador
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

Profª Dra Tereza Luiza de França
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Profª Drª Erika dos Reis Gusmão Andrade
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

Profª Drª Maria do Rosário de Fátima Carvalho - Suplência
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

*Aos meus pais Servilho e Áurea,
por me ensinarem, pelo exemplo, os bons caminhos da vida*

*A minha filha Anailine Mônica e ao meu filho Álvaro Walterler
por me fazerem compreender o sentido da vida*

*Ao meu neto João Guilherme
por me fazer recuperar a velha e quase esquecida tradição do acalanto e
das canções de ninar, resignificando o prazer e a alegria de amar e brincar*

AGRADECIMENTOS

A fonte superior da vida, da sabedoria e da capacidade criativa da humanidade;

Aos meus pais, Servilho e Áurea, pelo amor, carinho e atenção dedicados à família;

À minha filha Anailine Mônica e ao meu filho Álvaro Walterler por compreenderem o sentido da minha disponibilidade voluntária em favor das minorias;

À Arquidiocese de Natal, especialmente a Pastoral da Criança que há 15 anos contribuí para o meu êxito, pessoal e profissional, apoiando, incentivando, somando esforços na perspectiva de promover a vida em plenitude;

Ao CAPES que garantiu a ajuda financeira, por meio de bolsa de estudos, possibilitando minha participação no Mestrado Acadêmico da Universidade Federal do Rio Grande do Norte;

À Professora Dra Katia Brandão Cavalcanti pela dedicação aos estudos, as pesquisas e aos ensinamentos da Pedagogia Vivencial Humanescente;

Ao Professor Dr. Edmilson Ferreira Pires pela orientação, apoio e partilha de conhecimentos que nortearam as trilhas necessárias para a melhoria desta dissertação;

À Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte pelo apoio e valiosas contribuições;

Às companheiras da BACOR Ana Tânia, Ligia, Narla, Edileuza, Rita, Maristela, Hunnaway, Siomara, Kalina, Ellen, Sônia, Evanir, Luciane, Teresa, Artemisa, Dorinha e Massilde pela amorosidade e companheirismo nos momentos de estudos, nas vivências ludopoiéticas bastante significativos e autoformativos.

Aos integrantes da ANEPS-RN, especialmente os participantes da pesquisa, pelo envolvimento, companheirismo e partilha de saberes no cotidiano das cirandas da vida.

*Sonhando perto do rio, consagrei minha imaginação à água, à
água verde e clara, à água que enverdece os pardos. Não posso
sentar perto de um riacho sem cair num devaneio profundo, sem
rever a minha ventura...*

*Não é preciso que seja o riacho da nossa casa, a água da nossa
casa. A água anônima sabe todos os segredos.
A mesma lembrança sai de todas as fontes.*

Gaston Bachelard

RESUMO

Este estudo foi desenvolvido com educadores em saúde que atuam no Núcleo Estadual da Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular em Saúde do Rio Grande do Norte, tendo como objetivo central descrever e interpretar como a ludopoiese e a humanescência se revelam na vida de educadores em saúde e contribuem para a sua autoformação humanescente. Pesquisa compreendida no contexto da abordagem qualitativa e caracterizada como pesquisa-ação existencial, adotando os princípios e fundamentos etnofenomenológicos que contemplam valores, desejos, sentidos e significados. Como recurso para explorar a riqueza da construção do conhecimento, utilizamos a Metáfora Água atenta as suas ações e consciente de sua importância para a humanidade. Buscamos construir novo saberes, experienciar novas descobertas, iluminada pelos momentos de autorreflexão e de autorreconhecimento, fazendo novas conexões ontológicas, epistemológicas e metodológicas, mediadas pela emoção, sensibilidade, criatividade e pela ludicidade. A pesquisa delimitou-se a um grupo de dez educadores em saúde participantes do Núcleo Estadual da ANEPS/RN, nos anos 2010 a 2011. Utilizamos como instrumentos o questionário, a entrevista, a observação participante, o jogo de areia e o registro fotográfico. O processo de análise e interpretação dos dados foi centralizado nas propriedades ludopoiéticas: autotelia, autovalia, autoterritorialidade, autoconectividade e autofruição, fazendo relações com o referencial teórico trabalhado. As análises também revelam a importância do diálogo, da escuta das experiências comunitárias. É na interação, na experiencialidade, na reflexividade sobre a vida que a humanescência se revela transformando, embelezando, configurando a Teia da Corporeidade, onde emerge o fenômeno da ludopoiese. Na riqueza dos processos revelados na vida dos educadores em saúde se expressaram a beleza do encontro das águas com o oceano ludopoiético e humanescente.

Palavras-chave: Corporeidade; Ludopoiese; Humanescência; Educação em Saúde; Autoformação Humanescente.

ABSTRACT

This study was conducted with health educators who work in Core State Joint National Movements and Practices of Popular Education in Health of Rio Grande do Norte, with a main objective to describe and interpret how ludopoiese humanescência and reveal themselves in the lives of educators health and contribute to their self-formation humanescente. Search understood in the context of qualitative research and action research characterized as existential, adopting the principles and fundamentals that include etnofenomenológicos values, desires, and meanings. As a resource to explore the wealth of knowledge construction, we use the metaphor Water aware of his actions and aware of its importance to mankind. We seek to build new skills, experience new discoveries, illuminated by moments of self-reflection and self-recognition, making new connections ontological, epistemological and methodological mediated by emotion, sensitivity, creativity and playfulness. The research was delimited to a group of ten health educators participating Core State ANEPS / RN, in the years 2010 to 2011. We use as instruments the questionnaire, interviews, observation, play sand and photographic record. The process of analysis and interpretation of the data was centralized in the properties ludopoiéticas: autotelia, autovalia, autoterritorialidade, autoconectividade autofruição and making relationships with the theoretical worked. The analyzes also reveal the importance of dialogue, listening to community experiences. It is in the interaction, in experiencialidade in reflexivity about life that is revealed humanescência making, embellishing, configuring the Web of Embodiment, which emerges the phenomenon of ludopoiese. In the richness of the processes disclosed in the lives of health educators expressed themselves against the beauty of the ocean waters and ludopoiético humanescente.

Keywords: Embodiment; Ludopoiese; Humanescência; Health Education; Humanescente self-training.

LISTA DE SIGLAS

ANEPS - Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular em Saúde

BACOR - Base de Pesquisa Corporeidade e Educação

CONTAG - Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura

DENEM - Direção Nacional Executiva dos Estudantes de Medicina

EPENN - Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste

GTA - Grupo de Trabalho da Amazônia

MEB - Movimento de Educação de Base

MEC – Ministério de Educação e Cultura

MMC - Movimento das Mulheres Camponesas

MOPS - Movimento Popular de Saúde

MORHAN - Movimento de Reintegração dos Atingidos pela Hanseníase

MST - Movimento dos Trabalhadores Sem Terra

NASF - Núcleos de Apoio à Saúde da Família

NURE - Núcleo Regional de Educação

OMS - Organização Mundial da Saúde

ONGs - Organizações Não Governamentais

PNPIC - Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares

PPGEEd - Programa de Pós-Graduação em Educação

SUS - Sistema Único De Saúde

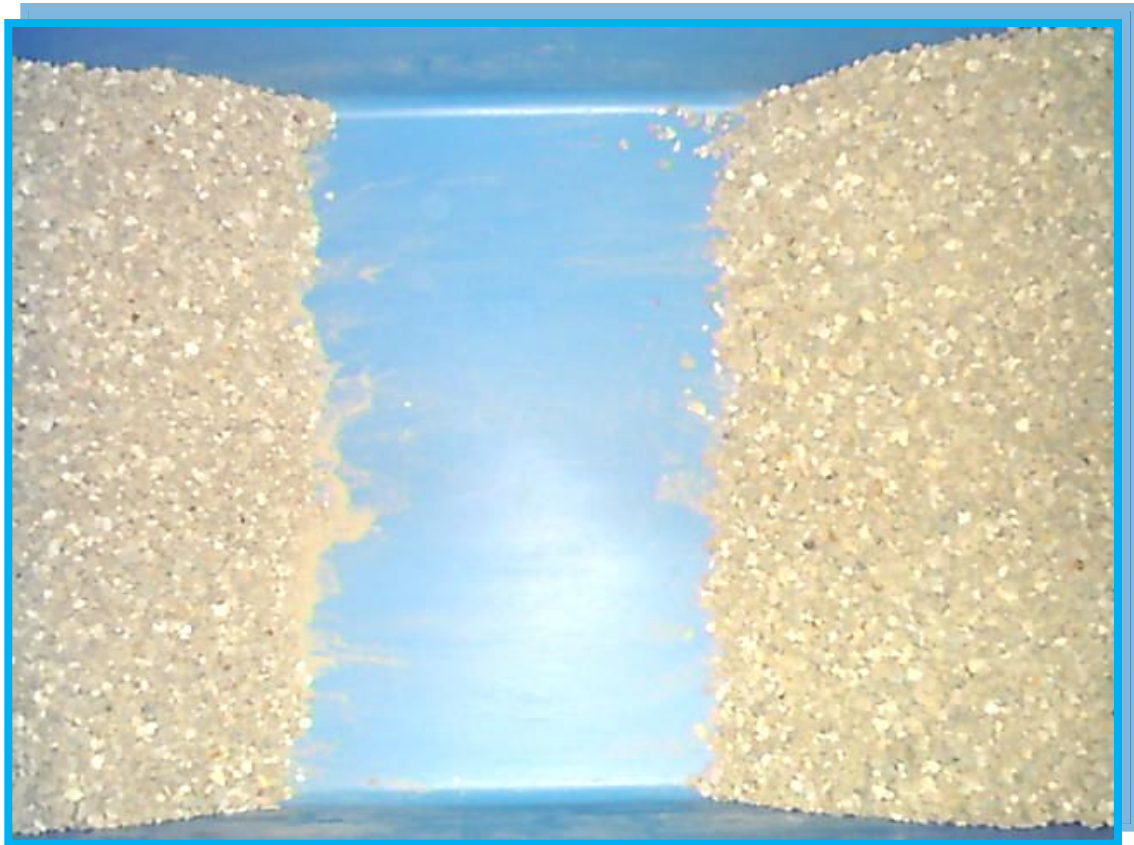
UFRN - Universidade Federal Do Rio Grande Do Norte

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1 DESVELANDO OS CAMINHOS DA ÁGUA	14
1.1 O Desafiante Percorso de Possibilidades Inexploradas	16
1.2 Água, Elemento Essencial para a Vida	19
1.3 Singularidades de uma Trajetória Educativa	21
1.4 A Beleza do Encontro da Água com a Corporeidade	31
1.5 Mergulhando na Problemática	34
1.6 Objetivos do Estudo	37
1.6.1 Objetivo Geral	37
1.6.2 Objetivos Específicos	37
1.7 Justificando a Escolha dos Caminhos da Água	37
1.8 Pressupostos Teóricos	43
1.9 Delimitando o Caminho Percorrido	44
 2 A TEIA DA CORPOREIDADE NA PROFUNDIDADE DO REFERENCIAL TEÓRICO	 45
2.1 Do Corpo à Corporeidade	48
2.2 Da Ludicidade à Ludopoiese	54
2.3 Do Humano à Humanescência	62
2.4 Da Educação à Transdisciplinaridade	67
 3 GOTAS D'ÁGUA EM MOVIMENTO NA TEIA ETNOFENOMENOLÓGICA	 78
3.1 O Oceano da Pesquisa	79
3.2 A Abordagem Etnofenomenológica	87
3.3 Os Princípios Etnofenomenológicos da Autoformação Humanescente	92

3.3.1 Princípio Etnofenomenológico da Experiencialidade	92
3.3.2 Princípio Etnofenomenológico da Indicialidade	93
3.3.3 Princípio Etnofenomenológico da Reflexibilidade	93
3.3.4 Princípio Etnofenomenológico da Auto-Organizalidade	94
3.3.5 Princípio Etnofenomenológico da Filiabilidade	94
3.3.6 Princípio Etnofenomenológico da Arquetipalidade	95
3.3.7 Princípio Etnofenomenológico da Humanescencialidade	95
3.4 Os Caminhos Percorridos pelas Águas	96
4. O ENTRELAÇAMENTO DA ÁGUA COM OS FIOS DA CORPOREIDADE	99
4.1 A Natureza do Ser Integral	101
4.2 À Luz da Corporeidade, o Sentido da Vida	105
4.3 Despertar para a Condição Humana	108
4.4 No Jogo de Areia, a Obra de Arte da Vida	111
4.5 O Querer Bem as Práticas Educativas	116
4.6 O Fluir da Autoformação Humanescente	119
4.7 O Movimento das Águas na Autoformação Ludopoiética	124
5 O ENCONTRO DAS ÁGUAS COM O OCEANO DA LUDOPOIESE E DA HUMANESCÊNCIA	129
REFERÊNCIAS	138
ANEXOS	144



*A alegria não chega apenas no encontro do achado,
mas faz parte do processo da busca. E ensinar e
aprender não pode dar-se fora da procura, fora da
boniteza e da alegria.
Paulo Freire*

CAPÍTULO 1

DESENLANDO OS CAMINHOS DA ÁGUA

A imagem que abre esse capítulo é a de um cenário construído com o jogo de areia. Expressa a vida! Nela está implicado o meu encontro com a problemática desta investigação, mostra o quanto é prazeroso observar as constantes transformações que ocorrem em nossa vida, a nossa abertura para a beleza da vida, em sua abundância e plenitude, desde os momentos iniciais de minha vida, quando estive totalmente envolvida pela água morna do ventre materno. Representa também como nossa corporeidade vai sendo transformada pela força de nossas emoções, no nosso modo singular de ser e estar no mundo, ao buscar dentro de nós a alegria pela vida. A epígrafe, de autoria do grande educador Paulo Freire, indica nossa alegria de ensinar e de aprender, que não pode dar-se fora desse processo infinito de busca, tão pouco fora da boniteza e da alegria do encontro com os achados da pesquisa.

O jogo de Areia é uma vivência belíssima. Originalmente foi concebido no contexto da psicoterapia por Dora Maria Kalff, analista junguiana suíça, a partir do desenvolvimento da técnica psicológica *World Technique* de Margaret Lowenfeld, na Inglaterra; do *World Test* de Charlotte Bühler, na Alemanha; e do *Erica Method* de Gösta Harding e Allis Danielson, na Suécia (THOMPSON, 1981; AMMANN, 2001). Caracteriza-se essencialmente como instrumento criativo para apoiar as intervenções que buscam o desenvolvimento humano, o processo de individuação (KALFF, 2003), apresentando-se como uma tecnologia leve nos ambientes educativos.

Para desvelar caminhos em busca de novos saberes, de experienciar novas descobertas, optei pela Metáfora Água, atenta a suas ações, consciente de sua importância para a humanidade, por suas especificidades de formação, composição e interação com os quatro elementos da natureza - terra, fogo, ar e água - por reconhecê-la como um ser integral, com corpo, alma, voz, acolhedora de uma realidade poética completa, manifestada na variedade de seus espetáculos (BACHELARD, 1989). É como água viva, que nasce na fonte serena do mundo, que renasce de si, de pessoas e coletividade, que busco incessantemente construir novos conhecimentos, experienciar novas descobertas, iluminada pelos momentos de autorreflexão e de autorreconhecimento, fazendo novas conexões ontológicas, epistemológicas, metodológicas mediadas pela emoção, sensibilidade, criatividade e pela ludicidade.

O presente estudo se inicia por minha trajetória autobiográfica, norteadas por afinidades, inquietações e questionamentos com a temática que sustentam esta dissertação, a partir da minha própria vivência e experiência acumulada há quinze anos

como educadora popular, articulada aos movimentos sociais e populares do estado do Rio Grande do Norte e do Brasil, disseminando as práticas educativas em defesa de uma educação em saúde integral, pública e de qualidade.

Levar alguém a relatar sua vivência inserida em uma conjuntura acadêmica é hoje uma prática comum nas áreas das Ciências Humanas. Considerar a pessoa em sua história, em suas lembranças, imagens, é esse um pouco o objetivo de se estudar. Evidenciamos com base em Josso (2002) à utilização desta abordagem de pesquisa como projeto de formação e autoformação, para um renascer permanente.

1.1 O Desafiante Percurso de Possibilidades Inexploradas

Sob o olhar sutil e delicado da educadora, a água segue seu curso natural, da nascente à foz, na singularidade de sua trajetória de vida, no encontro com diferentes rios: alguns estreitos, outros largos; ora raso, ora profundo. Em seu entorno a beleza da paisagem, o som da mata, a vegetação, os diversos tipos de solo, o canto dos pássaros, as cores de areia, a velocidade das correntezas, cuja profundidade é vivida, penetrando na riqueza inesgotável do rio da materialidade do mundo. A água vislumbra o caminho a seguir, de possibilidades inexploradas, guiada pelo amor que constitui toda coexistência social (MATURANA, 2001), reconstruindo permanentemente novos significados, alimentando um sonho de, após ultrapassar os obstáculos, encontrar o mar.

Era um percurso difícil, imaginava desde o princípio, mas não impossível. Desafios surgiram. Superei tempestades, galhos, pedras, evaporação. Mas, agarrada ao fio da esperança, embalada pelas águas calmas e ternas dos rios, no desejo de me empenhar nessa aventura, em minha ânsia de buscar inovações para as práticas educativas no campo da Educação Popular em Saúde.

Como água desejo ardentemente experienciar e reviver minha história de vida, trajetórias importantes, lembranças das brincadeiras com familiares e amigos, principalmente às margens do rio potengi, contemplando seu percurso, o encontro amoroso entre o rio e o mar, ouvindo o som da água abraçando os arrecifes da praia do forte, berço da minha amada cidade Natal, tão admirada por sua exuberância e beleza.

Memórias lúdicas que me acompanham e aquecem meu corpo, minha alma, permitem vivenciar minha ludicidade de forma plena, influenciar minha prática educativa, proporcionando prazerosas aventuras nos rios existenciais por onde transitei em minha vida pessoal e atuação profissional até os dias atuais.

Uma forma singular de expressar a imensidão das lembranças tão próprias é a imagem do cenário que abre este capítulo introdutório, representando o meu olhar sobre o caminho das águas, englobando nossas ações, reflexões e reações do corpo no contexto das práticas educativas no campo da Educação Popular em saúde. Lembranças repletas de sentimentos e emoções da nossa corporeidade, no desejo de abraçar e compreender, de maneira poética e metafórica, a autoformação humanescente. Esta autoformação entendida como um processo cíclico que se desenvolve a partir de vivências lúdicas, realizadas no dia a dia, na constante reflexão dos indivíduos sobre si mesmo, sobre as outras pessoas, suas atitudes e ações no mundo e sobre este, como forma de gerar e fazer emergir a alegria de viver (MATURANA, 1995; FREIRE, 2006).

É importante observar que ao escrever sobre nossos saberes e práticas, especialmente no contexto da educação popular em saúde, às vezes temos a sensação de que esse é um tema desgastado ou ultrapassado. Por outro lado, por meio de um processo crítico, reflexivo, criativo, vivencial é possível pensar a educação de outras formas e, com isso, reencantar a educação (ASSMANN, 1996), trazendo o tema ao centro das discussões, reconhecendo a aprendizagem como um processo educativo permanente. Isso exige atualizações teóricas e estudos a partir de nossas práticas, como realça Paulo Freire (2000, p. 43):

É por isso que, na formação permanente dos educadores e profissionais de saúde, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática.

Para tanto, somos convidados a mergulhar no oceano da Pedagogia Vivencial Humanescente, a reconhecer que o fluir do impulso lúdico faz emergir a beleza nas nossas vidas, as alegrias da vida. A beleza precisa reencontrar o seu lugar na educação e a autoformação humanescente apresenta-se como uma perspectiva. A Pedagogia Vivencial Humanescente parte de uma concepção que reconhece a educação como um campo energético vibracional, sendo adotada por vários pesquisadores da Linha de

Pesquisa Corporeidade e Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, nos seus laboratórios de pesquisas. Em permanente construção como tudo que existe, ela contempla o ser humano em suas diversas dimensões, tratando-o em sua integralidade (CAVALCANTI, 2010). Propõe a reforma do pensamento anunciada por Morin (2005), para uma vida em plenitude. Movimento que deve convergir para a conservação, expansão e defesa da vida, para o profundo cultivo da afetividade nas relações.

É como um ser relacional, que o ser humano experimenta esse pulsar da vida, da vivência do aqui e agora, através da conexão com o todo, com o outro, com a natureza e consigo mesmo, trilhando o caminho da construção de um mundo melhor, onde tudo está conectado e percebido como tal, como poetiza Maturana e Varela (2001): viver é conhecer e conhecer é viver. Nossa expectativa é uma educação estética, encantadora, transdisciplinar, transcultural, que valorize o ser humano, sendo cada processo singular de individuação, que faz das belezas a beleza, da vida uma obra de arte (SCHILLER, 1995).

Sensibilidade, ludicidade, criatividade, reflexividade vivencial e recursividade humanescente, pilares da corporeidade, dão movimento à água, fonte de inspiração deste desafiante percurso epistemológico, fazendo emergir o verdadeiro significado do ato de educar apresentado por Paulo Freire nas Pedagogias do Oprimido, da Autonomia, da Esperança, pedagogias da práxis, libertárias, transformadoras, transdisciplinar e vivencial. É no encantamento da vivência das práticas educativas em saúde, que desejamos transformar gotas na água dos rios, destes na bacia que segue ao encontro do mar, e finalmente deságua no grande oceano.

Educadores em saúde que atuam junto ao Núcleo Estadual da Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular em Saúde, enquanto participantes da pesquisa, foram desafiados a seguir os caminhos da água e serão denominados de gotas d'água. Através da água integram o mar e trazem em seus corpos pensantes suas histórias de vida, suas marcas, seus sentimentos e emoções, as condições e significados de suas intervenções no mundo para a efetivação de um processo educativo de sentido, com qualidade.

A Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular em Saúde – ANEPS é um espaço de articulação entre os saberes popular e científico, entidades de movimentos sociais e populares, de práticas de educação em saúde, das

práticas integrativas, complementares e populares de saúde. Inclui no seu corpo desde os profissionais que tem formação acadêmica, como médicos, enfermeiros, psicólogos, pedagogos, sociólogos entre outros, até as benzedeiras, rezadeiras, curadores, raizeiros, parteiras, colocando todos na mesma roda de conversa, de forma democrática e participativa. Essa grande roda itinerante parte do princípio de que todas as pessoas, organizações, comunidades e grupos têm o direito de participar das discussões e decisões da sociedade, quando o assunto é saúde. “As rezadeiras, os curandeiros, os raizeiros e raizeiras, as parteiras, todas essas pessoas vivem em permanente contato com os problemas de saúde da população e tentam encontrar soluções. Por isso, essas pessoas devem ser chamadas a opinar sobre saúde, a partir das suas experiências de vida e do saber que acumularam”, afirmam os participantes da ANEPS.

Algumas gotas d’água que partiram comigo, antes de chegarem ao mar, escolheram um percurso diferente. Outras se identificaram com a aventura e foram capazes de penetrar nos arcanos mais profundos dos oceanos.

Tendo a frente um novo universo imaginário, a água segue sua caminhada epistemológica com o coração, sentindo o sangue aquecer nossas veias, a energia circular por todo o corpo; envolvida pelo rio na correnteza torna-se forte, sempre pensando no dia em que se deleitará ao mar, no seu amoroso encontro com as belas águas do oceano.

1.2 Água, Elemento Essencial para a Vida

Optei por esse elemento abundante na natureza, por ser a água uma substância essencial para a vida, composta por dois elementos químicos, o oxigênio e o hidrogênio, que juntos garantem a unidade. A água é um solvente universal repleto de mistérios. Vive harmonicamente com o sol e a lua nos movimentos das marés. Contrariando as leis da física, quando congelada, ao invés de se retrair, como acontece com a maioria das substâncias, a água se expande. Consegue penetrar em espaços que fogem a capacidade da percepção humana. Percorre distâncias quilométricas quando está deitada no leito de um rio.

Nosso corpo é composto basicamente de água. Ela está presente nos menores movimentos do corpo. Representa cerca de setenta por cento do peso do corpo humano. Entra na constituição dos tecidos, como dissolvente transporta as substâncias não aproveitadas pelo organismo. É uma substância que vemos nascer e crescer, proporcionando uma força gigantesca na vida de todos os seres vivos, aos demais recursos naturais do nosso planeta terra, oportunizando infinitos ciclos. O chamado ciclo da água é o caminho que ela percorre.

O Consumo de água potável é fundamental à manutenção de um bom estado de saúde. Nossas funções orgânicas necessitam da água para o seu bom funcionamento. Todo nosso corpo depende da água, por isso é preciso haver equilíbrio entre a água que consumimos e a água que perdemos. A falta de água provoca a debilidade ou até a morte. A água se encontra ameaçada pelas alterações climáticas, pela poluição, pela contaminação que o ser humano vem provocando, representando um perigo para a saúde e o bem estar das pessoas.

Como a água que jorra em sua nascente, se renovando através dos ciclos de vida, buscando com delicadeza, amorosidade e perspicácia trilhar seu caminho, revelando sua essência, seus valores, sua unidade no contato direto com os elementos da natureza, eu também me encontro em processo permanente de autoformação, aberta às transformações, inspirada na dinâmica da vida, na capacidade que todo ser humano tem de aprender a conhecer, a fazer, a ser e a conviver, construindo, desconstruindo, reconstruindo saberes e práticas, movimento que ascende no interior do meu ser a alegria de viver, a convicção de ser educadora, vislumbrando a esperança de um futuro melhor para a humanidade.

Refletir sobre minha prática educativa, desperta em meu viver o desejo permanente de aperfeiçoamento dos valores morais, intelectuais e espirituais construídos na vida familiar, social, profissional e acadêmica, integrando os conhecimentos adquiridos nos quais me apoio para a minha autoformação humanescente, para uma ação mais efetiva, pautada em responsabilidades sociais. Este trabalho investigativo amplia minha visão de mundo e enriquece minha prática educativa, quebrando velhos paradigmas, principalmente, por me reconhecer uma educadora atuante, participativa na organização do processo educacional, mediadora de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que visam à transformação dos indivíduos e do meio em que vive, atendendo aos anseios e interesses de uma sociedade

justa, um mundo mais igualitário, cada vez melhor. Imagens e lembranças suscitam devaneios encantadores da água banhada por raios de sol, outras vezes por gotas de neblina.

O fluxo da água constituído pela cultura e a diversidade de opiniões, pelos saberes populares e científicos se misturam na alegria de estarmos juntos construindo realizações do presente e sonhos para o futuro, no fazer emergir a emoção, a ludicidade, a criatividade e a sensibilidade.

É no jeito singular de ser, conhecer, conviver, fazer, pensar, sentir a vida, que se torna essencial novas leituras e pesquisas no campo da educação em saúde como elementos teóricos essências desse percurso, adentrando no mar da ludopoiese e da humanescência, em busca de respostas para nossos questionamentos, no qual os educadores em saúde compartilhem a definição do rumo da água, tempo em que vamos ampliando o conhecimento, ressignificando o que aprendemos, socializando novos saberes e como seres autopoieticos nos autoformando para um viver em plenitude.

1.3 Singularidades de uma Trajetória Educativa

O rebentar das águas, as primeiras contrações... Do refúgio da vida intrauterina e o do impulso à aventura... A vida germinada brota em cada instante, se manifesta abrindo caminho pela senda da vida, construída dia a dia.

Uma simples gota d'água em uma nascente do rio... Nasci numa bela manhã ensolarada de domingo, dia caloroso, um dos mais favoráveis ao lazer, principalmente para quem vive em cidade litorânea, banhada por praias exuberantes. O berço de minha existência possui um litoral belíssimo, praias e paisagens exuberantes, sol intenso, clima agradável, além de outro atributo extremamente importante, a cultura.

Na época, meus pais Servilho e Áurea moravam no Bairro Tirol. Oriundos do interior do Estado, já tinham três filhos: João Clímaco, José Carlos e Servilho Júnior. Sou a única filha do casal. Posteriormente, nasceram mais dois filhos: Sérvulo Marcelino e Alexandre Emiliano, totalizando seis. Cresci, rodeada de muita atenção, amor e carinho. Meu pai é natural de Pau dos Ferros, militar reformado da Força Aérea

Brasileira, um sábio educador nato, com quem aprendi grandes lições de vida. Minha mãe é natural de Lagoa de Velhos, sempre dedicou sua vida ao lar e à família, bondosa e carinhosa, gosta de partilhar conhecimentos. Ao longo deste percurso especial, singularidades, particularidades e conquistas pessoais e profissionais influenciaram e persistiram em minhas decisões até os dias atuais.

Hoje, entre tantos outros prazeres tenho o privilegio de conviver feliz e em harmonia ao lado de meus pais e familiares, como a água que vai da primavera ao inverno e que reflete facilmente, passivamente, levemente, toda a beleza das estações do ano (BACHELARD, 1999).

Resgatar as histórias que vivi, as quais dimensionaram e redimensionaram minha existência, fazer esta apresentação autobiográfica, além de ser uma vivência muito marcante, exigiu um esforço maior, por revelar atitudes, pensamentos, sentimentos que ajudaram a reformular e rever ações transformadoras, possibilitando inovações, momento de entrega total do ser, permitindo conhecer melhor a sensação de bem estar, a plenitude nesse processo de redescoberta e de autoformação (CSIKSZENTMIHALYI, 1992).

Muitas são as lembranças de minha primeira infância. As imagens registradas na memória em geral são dos momentos de lazer na família, junto aos meus irmãos, primos, tios, padrinhos, principalmente no pequeno sítio da família, em Massaranduba, localizado numa comunidade do município de São Gonçalo do Amarante, bem próximo a Natal, onde costumávamos passar as férias escolares. Sair de casa, conhecer outros lugares significava liberdade para conhecer o novo, uma oportunidade prazerosa de expansão para a vida. A prática de jogos, pescarias, passeios em trilhas era sempre em família. Até os meus dez anos lembro que não tínhamos televisão. Isso de certa forma favorecia as brincadeiras e cantigas de roda, corridas, tica-tica, pula-corda, faz-de-conta, além da contação de histórias.

Uma lembrança muito forte são os momentos em que, quando acometida de alguma doença, desde a mais simples, as mais complexas, minha mãe me levava para Dona Dorinha “rezar”. Uma senhora magrinha, corpo franzino, vestidos acentuados na cintura sempre na cor azul claro ou branco, de voz serena, atenciosa, prestativa, pronta a ajudar as famílias, principalmente na hora de maior aflição. Como num passe de mágica as crianças ficavam “boas”. Prática que minha mãe busca até os dias atuais, embora já tenha bastante dificuldade de encontrar pessoas dedicadas a algum tipo de “cura”

através de rezas e orações, que são as pouco conhecidas tradicionais benzedadeiras, rezadeiras, curandeiras. Daquela época, até hoje, cresce a admiração e o reconhecimento pelos saberes da educação popular, pelas práticas integrativas e complementares em saúde.

Outras boas lembranças registradas são da vida escolar, certamente com grande influência na minha forma de ser e estar no mundo. Meus primeiros passos a caminho do mundo letrado aconteceram no seio de minha família através de meus pais. Aprendi com a carta do ABC, único recurso didático da época, além do caderno, lápis grafite e borracha. A vontade de aprender a ler e a escrever era imensa, principalmente, para garantir o acesso à escola. Meu pai sempre me estimulava e acompanhava a leitura da cartilha. Minha mãe sempre, que era possível, comprava revistas em quadrinho e lia para mim, posteriormente, soletrava as famílias para que eu identificasse as palavras. Repetia aquelas palavras, inúmeras vezes, de uma forma brincante que me permitia vivenciar minha ludicidade. Como num passo de mágica, aprendi a arte da leitura. Estas memórias me banham de sentimentos, aquecem minha alma. São memórias lúdicas bastante gratificante e, certamente influenciam o meu fazer pedagógico, minha prática educativa.

Aprender a escrever foi, também, um grande desafio. Apenas com as palavras já estudadas. As atividades eram diárias, geralmente, com cópias de textos. Utilizava apenas a letra manuscrita. Ao final de cada atividade, escrevia meu nome completo, sem erros ortográficos e rasuras, uma exigência de meus pais. Deu-se, assim, o meu processo de alfabetização. Para Brandão (1982, p.7):

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação.

Aos seis anos, ingressei na Escola Ambulatório Padre João Maria, uma instituição pública destinada à Educação de Grau Primário, administrada por religiosas, sob a direção de uma grande missionária a Irmã Lúcia Montenegro, atualmente, colaboradora da Casa do Menor Trabalhador, com quem tenho a honra de partilhar as

singularidades de minha trajetória até os dias atuais, junto aos movimentos políticos e sociais de nossa capital e do Estado.

Tia Júlia foi a minha primeira professora. Ela era diferente, jovem e muito atenciosa com os alunos. Gostava de brincadeiras em sala de aula, muitas vezes, lecionava de portas trancadas para não chamar à atenção da inspetora. Isso quebrava um pouco o temor que existia contra as professoras mais conservadoras. Lembro suas recomendações, para os alunos não se esquecerem de fazer os “deveres” de casa, além de “decorar” os “pontos” marcados no livro.

As lembranças mais marcante e lúdica eram as “formaturas” em fila no pátio da escola. Cantávamos várias músicas, alguma ainda guardo na memória e, sempre que possível canto para meu neto, João Guilherme. As quintas-feiras eram hasteadas as Bandeiras do Brasil e do Rio Grande do Norte na frente da escola, sempre acompanhadas pelo Hino Nacional e da Bandeira, cantados em coro, apesar do rigor, pra mim eram momentos de muita alegria e ludicidade. Recordo das fantásticas histórias das grandes navegações e das antigas civilizações, tão bem contadas e interpretadas pela professora Edimilsa. Isso tornava as aulas mais interessantes, pois permitiam a entrada no mundo da imaginação.

Tive algumas dificuldades com a professora Nelcina, devido suas exigências e autoritarismo. Única professora na escola a fazer uso das punições em sala de aula. Recebi várias, por não aprender a tabuada, com facilidade. O pavor de uma reprovação era imenso, principalmente, por saber que iria continuar com a mesma professora.

Mas, qual a finalidade de se estudar a estrutura, formação e classificação das palavras, as tabuadas, o espaço geográfico do país e do mundo, conhecer datas e fatos históricos de épocas passadas? Na época era difícil compreender. Certamente, foi a partir destes questionamentos, inquietações que passei a buscar e a corporalizar o desejo de uma educação de sentidos e significados. Hoje, atuando junto aos movimentos sociais e populares de minha cidade, me coloco nesse processo não somente como educadora, mas, principalmente, como uma eterna aprendiz (FREIRE, 2000).

No quinto ano com a preparação para o exame de admissão ao ginásio o tempo de brincadeiras de infância já havia passado. Eu já sentia o corpo amadurecendo, aflorava mais fortemente os sentimentos e as emoções, a alegria de viver pulsava mais forte no corpo de menina-mulher. Esse momento foi de muita dificuldade e conflitos,

pois imaginava a dor da separação das colegas em virtude de mudança de escola, porém a força de vontade de aprender e o incentivo de meus pais ajudaram a superá-lo. Fui encaminhada, através do Iº NURE, à Escola Estadual Professor Luís Antônio, que, na época, funcionava nas dependências da atual Escola Estadual Nestor Lima, em Lagoa Seca.

Este período escolar foi extremamente importante para minha formação estudantil, superando, inclusive, as várias barreiras da escola tradicional. Ingressar numa nova escola, com novas tendências e novos valores foi a realização de um grande sonho. Coll (1996, p.159-160) ressalta que,

Seguramente as experiências mais importantes para a aprendizagem e formação da personalidade são as experiências interpessoais, aquelas que se tem, não com o meio físico ou impessoal, mas com o meio social, com outras pessoas, sobretudo com pessoas significativas para nós mesmos: a mãe e a família próxima, nos primeiros anos, os colegas, os professores e outros adultos, nos anos escolares.

A relação com os docentes era mais próxima e de respeito mútuo. A aprendizagem tornou-se mais significativa, porém continuava centrada nos conteúdos dos livros didáticos. As cobranças eram ainda maiores. Algumas atividades eram em grupo, o que gerava conflitos com os colegas, pois havia resistência por parte dos alunos, considerados mais sábios, em serem mais cooperativos e solidários para com os outros menos favorecidos. Tal atitude, geralmente, era apoiada pelos professores, selecionando, assim, os mais e os menos capazes intelectualmente.

Os professores, apesar de exigentes, eram de grande competência. Alguns tinham curso superior, outros eram estudantes universitários. Havia aqueles que ministravam várias Disciplinas, a exemplo da professora Maria Coeli que ensinava português e inglês. Professor Cosme era ótimo em Matemática, apesar de muito sério, era bastante inteligente e tinha amor pela profissão, o que ele mais gostava era da atenção e participação dos alunos. Superei, algumas das muitas dificuldade que tinha em relação a matemática, através dele, pois demonstrava o interesse para com minha aprendizagem.

Com a metodologia da Pastoral da Criança do ver, julgar, agir, avaliar e celebrar fui descobrindo novas formas de partilhar conhecimentos, numa perspectiva

inovadora do aprender e ensinar, ao mesmo tempo, em que, enquanto ensino, aprendo. Nossa formação é um processo contínuo e inacabado, participamos de vários eventos, encontros, seminários, congressos, fóruns, audiências, debates e capacitações em ações básicas de educação, saúde, nutrição e cidadania. Nessa caminhada pastoral, descobri a importância do trabalho coletivo, da partilha e do amor ao próximo. Foi a partir dessas experiências que passei a corporalizar uma educação de sentidos, me colocando nesse processo educativo contínuo, não somente como educadora, mas, principalmente, como ser aprendente (FREIRE, 2000).

As afinidades com a temática que sustentam esta dissertação têm início na Pastoral da Criança, um organismo da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, na qual coordenei por dez anos a área metropolitana de Natal. Maior aproximação com as práticas educativas em saúde aconteceu em 1999, quando a Pastoral da Criança em parceria com a Universidade Federal do Ceará realizou um curso de extensão de terapia comunitária e corporal tendo como objetivo trabalhar as relações interpessoais para prevenir a violência no ambiente familiar e comunitário. Este projeto foi coordenado pelo professor doutor Adalberto Barreto, médico psiquiatra, teólogo, antropólogo, terapeuta familiar, que sentiu a necessidade de articular o saber científico com o saber popular, na perspectiva do desenvolvimento das dinâmicas individuais e das comunidades. Durante dois anos aprofundei meus conhecimentos, participei de vários módulos com aulas teóricas e vivências terapêuticas, atividades lúdicas e corporais, além de um estágio supervisionado.

Como terapeuta comunitária, conheci e me conscientizei dos graves problemas sociais vividos por populações vulneráveis, às margens dos bolsões da pobreza e miséria, sem acesso aos direitos humanos fundamentais como a saúde, educação, moradia, alimentação, lazer, falta de trabalho, emprego e renda. Atividade que ajudou a vislumbrar novas trilhas na busca de novas práticas educativas, inovadoras formas de cuidado, ações transformadoras de possibilidades ainda inexploradas, as mais diversas expressões do lazer que promova e envolva não só crianças, jovens e adultos, como também pessoas idosas. Atividade que ajudou a vislumbrar novos caminhos.

Decidi reingressar, no ano 2000, na escola pública para aprimorar meus conhecimentos e buscar uma aproximação maior com o processo educacional do nosso país. Fiz o Magistério do Ensino Médio na Escola Estadual Professor Luis Antonio, em candelária. Uma bela e gratificante experiência! Tive oportunidade de, não só conhecer,

mas vivenciar as novas tendências progressistas e libertadoras da educação, que visam levar professores e alunos à descoberta do saber, dando ao homem a oportunidade de pensar, tendo uma visão crítica do mundo que o cerca, levando-o a questionar sobre sua postura como cidadão na construção de uma nova sociedade. Pedagogia do grande mestre, Paulo Freire. Estes fundamentos são necessários à caminhada, principalmente, junto aos mais carentes e necessitados, excluídos da educação escolar.

Entendendo que todo ser humano é capaz de apreender conhecimentos, devemos refletir um pouco mais sobre nossa responsabilidade social, questionando os motivos que acarretam um número tão crescente de pessoas que ainda não sabem ler e escrever. Desta forma, estaremos refletindo, também, nossa prática educativa, estabelecendo relações que promovam mudanças neste contexto, rompendo com as barreiras existentes na sala de aula contra as pessoas que não tiveram chance de frequentar uma escola.

Concluí o Magistério do Ensino Médio no final do ano 2001, com uma bela festa de Colação de Grau, realizada no Centro de Convenções de Natal, um momento marcante para todos os concluintes. Na perspectiva de um crescimento maior de saberes, concorri ao vestibular da Universidade Estadual Vale do Acaraú, em dezembro de 2001, almejando o ingresso no Curso de Graduação de Pedagogia, em Regime Especial, ofertado pela Instituição. Minha aprovação no vestibular foi motivo de muita alegria junto aos amigos e familiares. Lições de vida que crescem a cada dia, despertando o desejo de um futuro promissor para todos, acreditando nas nossas escolhas e trabalhando para aprimorá-las.

A realização do curso de Pedagogia, em regime especial, ofertado pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, tão bem conduzido pela grande e inesquecível equipe de professores, sábios semeadores, com quem tive a honra de partilhar minha trajetória acadêmica, foi um momento muito significativo para minha formação e autoformação. No contexto das discussões pedagógicas, construí e reconstruí saberes, suscitando um desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional, integrando os conhecimentos adquiridos, para uma ação mais efetiva, pautada em responsabilidades sociais, tendo como finalidade escrever um memorial de formação atendendo a estrutura curricular do Curso de Pedagogia, em Regime Especial, um trabalho de conclusão de curso intitulado “Singularidades de uma trajetória: memórias sócio-históricas e culturais, um olhar mais amplo e abrangente sobre a educação”.

Tenho a convicção de que renovo a cada dia, não só conhecimento, mas grande parte da minha vida, desenvolvendo uma visão mais ampla do processo de aprender, do ensinar, estabelecendo com a comunidade uma relação de reciprocidade, objetivando uma educação transformadora, que satisfaça às expectativas de uma sociedade mais igualitária e humanizadora. Para isto, precisamos zelar pela dignidade profissional, pautados nos princípios da ética, reconhecendo e respeitando a diversidade dos educando, compreendendo o processo ensino-aprendizagem e suas relações com o contexto, no qual, se inserem os espaços educativos.

Percebo que o panorama cultural e educacional vivenciado, a todo instante, leva-nos a enfrentar desafios antes não apresentados. A educação não é um processo isolado dos demais processos sociais, mas um processo inclusivo, uma dimensão dos outros processos. Diante da complexidade do ato de ensinar, torna-se necessária uma reflexão mais ampla entre os saberes apreendidos na Universidade, os conhecimentos pedagógicos, as vivências do cotidiano e a dinâmica político-social.

Entendo que, através da interrelação entre a teoria e a prática, devemos projetar nossa ação pedagógica, com capacidade crítica e reflexiva sobre a ação desenvolvida, num processo contínuo de aprendizagem, pautado na ética, na competência e na compreensão da realidade com a qual trabalhamos. Nessa dinâmica, a Metodologia do Trabalho Científico, é fundamental para ajudar-nos a unir o prático-efetivo com o teórico-conceitual, aprimorando a leitura de textos, aplicando técnicas necessárias ao desenvolvimento de trabalhos científicos e suas formas de apresentação, permitindo um maior discernimento sobre os acontecimentos do mundo que nos rodeiam, discutindo sua evolução, conceito, características, objetivos e papéis da ciência, classificando-os e mostrando como diferenciá-los, para então, aplicá-los.

A partir desta formação, percebi mudanças, as quais dimensionaram e redimensionaram minha existência. Muito foi feito, muito foi desfeito para que minha postura profissional e pessoal ganhasse uma identidade própria, para a formação do espírito transdisciplinar, do espírito desafiador que exige que tenhamos a sensibilidade amorosa, lembrada na obra de Gaston Bachelard, *A formação do espírito científico*, publicada originalmente em 1932. Outras formações e vivências possibilitaram-se experiências de fluxo, teoria estudada por Csikszentmihaly (1992), caracterizada como momentos de entrega total do ser, de excelente sensação de bem estar, de um sentir mais profundo e ao mesmo tempo mais aberto à vida.

Durante todo o trajeto da minha formação acadêmica, adquiri novos conhecimentos, que me possibilitaram rever os conceitos básicos que permeiam as áreas do conhecimento, articulada a Pedagogia e as demais Ciências que dão suporte à educação, obtendo uma visão crítica do processo ensino-aprendizagem, numa perspectiva cada vez mais inovadora. Apreendi saberes necessários para o bom desenvolvimento intelectual, profissional e de mudanças atitudinais que possibilitaram um melhor desempenho, junto aos grupos sociais a que pertenço, principalmente, através do diálogo e da troca de experiências.

Mantendo contato com os diversos tipos de exclusões sociais, nas comunidades carentes de minha cidade, através da Pastoral da Criança, surgiu o interesse de contribuir com a erradicação do analfabetismo no Brasil. Participei de vários Projetos de Educação de Jovens e Adultos promovidos pelo Ministério da Educação e Cultura em parceria com a Pastoral da Criança e a Frente de Alfabetização Popular da Arquidiocese de Natal, posteriormente, do Programa SESI – Por um Brasil Alfabetizado, liderado pelo MEC como estagiária da Universidade Estadual do Vale do Acaraú, de agosto de 2003 a fevereiro de 2004, uma experiência que ampliou, ainda mais, minha prática educativa e, até em consequência disso, conquistei a independência financeira, garantindo minha autossustentabilidade econômica, contribuindo e melhorando a renda familiar.

Através de parceria do SESI com a Universidade de Brasília - UNB e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO, participei do Programa Formação de Formadores, um curso de extensão à distância, Educação Básica: Alfabetização de Jovens e Adultos. Estudar o tema e os Fundamentos da Educação de Jovens e Adultos ajudou a superar os processos inadequados e, até desumanos, da educação tradicional. Ainda hoje, tenho indignação, diante das condições de ensino de algumas escolas e, até mesmo, da postura de alguns profissionais, pela falta de sensibilidade, diante das reais condições de vida dos alunos.

O Curso de Pedagogia, em Regime Especial, ofertado pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, através do magnífico corpo docente, despertou em mim a sede do saber, um saber que vai além de todas as minhas expectativas anteriores, e que, a cada dia, remove-se na esperança de um mundo cada vez melhor e uma educação de grandes possibilidades para as gerações futuras. Analisando minha trajetória acadêmica, tenho a clareza de que aquilo que aprendi se torna insignificante, diante do que posso

saber, e mais ainda, sobre o que pretendo conhecer, principalmente, no contexto das discussões pedagógicas. Precisamente no final do ano 2004, me formei Pedagoga. Época que assumi o compromisso de integrar a Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular em Saúde - ANEPS, ajudando na criação do Núcleo Estadual da ANEPS no Rio Grande do Norte, facilitadora desse processo até os dias atuais.

Como apoiadora da Pastoral da Criança na Arquidiocese de Natal, facilitadora do Núcleo ANEPS/RN, como membro da Rede de Assessores do Centro Nacional Fé e Política “Dom Helder Câmara”, atuando no Conselho de Saúde do município de Natal, nos espaços privilegiados para a vivência política social, de reflexões e troca de experiências, entendo que o saber e o fazer precisam estar interligados, para que a formação inicial e continuada atenda às reais necessidades do mundo atual, favorecendo a construção de novos conhecimentos. É preciso nos situar no tempo e espaço sócio, histórico e cultural, enquanto cidadãos, tendo como parâmetro os preceitos da ética e da solidariedade.

Reconheço que, depois da família, a escola é o espaço onde a indivíduo desenvolve suas habilidades educacionais e sociais, necessárias para sua atuação na sociedade, formando uma consciência crítica e realista do mundo em que vive, interagindo com os grupos sociais existentes. No entanto, apesar dos avanços tecnológicos e até mesmo epistemológicos no campo da educação, na atualidade das práticas educativas ainda prevalece a fragmentação corpo, mente, espírito, uma educação bancária que visa exclusivamente à acumulação de conhecimentos. Modelos não mais compatíveis com o que as Biociências e em particular as Ciências Cognitivas descobriram acerca da corporeidade (ASSMANN, 2001)

Em 2006, tive a oportunidade impar de conhecer e ingressar numa proposta renovadora de educação global através do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte que promoveu o Curso de Especialização em Educação Holística e Qualidade de Vida, coordenado pela Base de Pesquisa Ecopedagogia, na qual o ser humano é visto de forma integral, trazendo uma nova visão de saúde, uma consciência ecológica e uma direção avançada de gestão de pessoas nas empresas, frente ao Terceiro Milênio. O pensamento holístico tem uma abordagem de ciência humanizada, uma ética para o cotidiano e uma proposta inovadora de educação

direcionada para o cuidado de si, do próximo e da terra, contribuindo para a criação de uma cultura de paz planetária.

A vivência no Curso de Especialização em Educação Holística e Qualidade de Vida despertou interesse maior por essa área de conhecimento, reconhecendo a importância das práticas corporais, das vivências lúdicas e criativas nos espaços educativos que possibilitassem inovações para a educação, em especial uma educação que valorizasse a cultura, a arte, a beleza, o lazer. A experiência do lazer é alicerçada por valores, sentidos e significados, devendo ser iniciada nas escolas, que deve estimular a educação para o lazer, a educação como lazer e a educação permanente, instigando nas crianças, adolescentes e adultos ideias sobre como escolher formas prazerosas de lazer (PARKER 1978).

Neste sentido, compreendi que atividades culturais como a arte popular, pintura, música, teatro, repentes, danças tradicionais, circulares e de rua, cantigas de roda, poesia, emboladas, cordel, ritos sagrados, rezas, curas, entre outras manifestações da cultura popular devem ser estimuladas em todos os espaços educativos, em especial nas práticas educativas em saúde que precisam assumir verdadeiramente as outras dimensões do ser, valorizando suas potencialidades, sua capacidade criativa, a alegria do viver, inclusive na autoformação humanescente de educadores em saúde.

1.4 A Beleza do Encontro da Água com a Corporeidade

Meu processo de autoformação tem se constituído de observações, vivências, aprendizagens, que me possibilitaram ampliar o conhecimento, vivido intensamente em diferentes contextos, pautado nas ações do cotidiano, abarcando experiências pessoais, familiares e profissionais num espaço-tempo, me faz um ser humano de histórias que, ao serem contadas, expandem minha ação no mundo, na vida.

Na busca de novos conhecimentos e melhoria da prática educativa, frente da realidade social, ouvindo as angústias dos educadores nas rodas de conversa, em reuniões do Núcleo Estadual da ANEPS-RN, que compreende experiências formativas e autoformativas na vida dos educadores em saúde e, diante às minhas fragilidades, de

porte epistemológico e metodológico que servissem de alicerce para o desenvolvimento de ações mais concretas e significativas à demanda nos serviços de saúde locais, em 2008, busquei aproximação como integrante da Base de Pesquisa Corporeidade e Educação, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

O vínculo com a Linha de Pesquisa Corporeidade e Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), oportunizou um enraizamento mais profundo em torno desta problemática, ampliando os estudos acerca do processo ludopoiético humanescente como foco de investigação e aplicação, que se faz presente nos estudos da corporeidade.

Este trabalho encantou e ampliou minha visão de mundo e enriqueceu minha prática educativa, quebrando velhos paradigmas, principalmente, reconhecendo-me sujeito participativo na organização do processo educacional, mediador de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que visam à transformação do Ser humano e do meio em que vive. Representa também o desejo e o compromisso de estarmos inseridos num movimento de esperança e luta por um mundo mais justo, humano e de um sentido existencial para a vida, tornando-me eterna aprendiz, em permanente construção, desconstrução e reconstrução na busca de novos saberes e práticas significativas de cuidado humanescente à saúde.

A partir do primeiro contato com o grupo, vivenciando e convivendo com pesquisadores, em contato com os estudos da Linha de Pesquisa de um grupo que se ocupa das relações entre a Corporeidade e a Educação, compreendi o verdadeiro sentido das ciências. Cresceu no interior do meu ser o desejo de mergulhar em águas mais profundas, a curiosidade de adentrar nas profundezas de mares distantes, buscar caminhos ainda pouco conhecidos em torno da corporeidade.

Com a alegria de quem descobre um precioso tesouro no fundo do mar, seguindo o caminho da água, considerando que a partir deste divisor de águas que provocou a ruptura definitiva com as práticas pedagógicas bancárias, sem vida, nas quais, educandos e educadores são vistos como pessoas sem histórias de vida, sentimentos, emoções, desejos, pensamentos, vontades, conhecimentos acumulados, decidi participar do grupo da Linha de Pesquisa Corporeidade e Educação, com o intuito de ampliar meus conhecimentos acerca dos estudos de uma pedagogia vivencial, do corpo, da corporeidade e da ludicidade, motivada principalmente pelo pensamento de

Paulo Freire (2000) que sempre respeitou os saberes dos educandos, das classes trabalhadora e popular.

Para tanto, no semestre letivo 2008.1, efetuei minha matrícula como aluna especial no Seminário filosofia da Motricidade Humana, no qual aprofundei o estudo sobre a fenomenologia do movimento abstrato, norteadada pelo pensamento de Merleau-Ponty.

Os conhecimentos adquiridos na BACOR/UFRN, a proposta renovadora, o caráter vivencial adotado nos ateliês, envolvente e contagiante, proporcionou momentos prazerosos de reflexividade, de formação e da autoformação, a partir da ludicidade, serviram de alicerce para a construção de referenciais teóricos-metodológicos dos fenômenos revelados e nos diálogos mantidos com atores sociais, em especial com educadores em saúde. Assim, para minha satisfação e alegria, no primeiro semestre de 2010 ingressei como aluna regular do Programa de Pós-graduação na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, no Mestrado Acadêmico em Educação.

Junto ao grupo de pesquisadoras, integrantes da Base de Pesquisa Corporeidade e Educação aprendi o significado e a importância da apropriação do conhecimento, como construir conceitos por meio das vivências lúdicas, das práticas corporais integrativas, desenvolvendo e valorizando o pensamento transdisciplinar, reforçando a responsabilidade e o compromisso de levar aos educadores em saúde a esperança de uma educação integral, uma pedagogia vivencial, nossas inquietações e descobertas.

Pesquisadores da Linha de Pesquisa Corporeidade e Educação lançam sementes de amor, de poesia, de generosidade por onde passam. Acreditam que o conhecimento e sentimento são versos que compõem a poesia da vida (CAVALCANTI, 2010). Os ateliês adotavam o vivencial, a reflexão, a autoformação a partir da ludicidade. Um verdadeiro despertar pelo estudo das relações do lazer com o trabalho, a família, a política, permitindo rever certas ideias pedagógicas estabelecidas em outras épocas, considerações apresentadas há tempos nos estudos de Joffre Dumazedier (2001, p. 13).

Confiante, aberta para o novo, senti aflorar em meu ser o desejo do autoconhecimento. Iniciei um processo de redescoberta e de autorreconhecimento. Permiti a mim mesma, num mergulho existencial, fazer uma autoavaliação, uma

reciclagem, realizar uma limpeza profunda no interior do meu ser. Coloquei fora tudo o que me incomodava, possibilitando o enxergar a vida por outros ângulos, ver um mundo novo de grandes possibilidades para todas as pessoas.

Hoje sou uma pessoa renovada, centrada, tranquila, segura, alegre e feliz. Encontrei dentro de mim espaço para minha corporeidade se expandir. A partir de então, conquistei novas amizades, encontrei pessoas que acreditam na transformação, desejam fazer uma prática educativa diferenciada, provocando mudanças na educação popular em saúde. Afloraram novos sentimentos e paixões. Minha vida foi transformada! Vivo o presente, o aqui e agora, tenho consciência de minha corporeidade. Sinto realização e prazer naquilo que faço. Desejo que outras pessoas sintam o mesmo, tenham a oportunidade e o desejo de reformar e transformar a própria vida. Para tanto, deve-se reconhecer e fazer expandir a corporeidade.

É na beleza desse meu encontro com a corporeidade, mergulhando nos cenários ontológico, epistemológico e metodológico que, como água, me sinto ora rio, ora oceano, na busca do curso existencial de nossos processos, repleto de pensamentos, sentimentos, ações, desejos, tendo a convicção de que com os saberes apreendidos, refletidos nas lembranças do passado e do presente de minha formação acadêmica profissional serei capaz de enfrentar, com êxito, os novos desafios, num processo permanente de construir e reconstruir conhecimento, me tornando uma eterna aprendiz da vida.

1.5 Mergulhando na Problemática

Desde os primórdios da formação da sociedade humana, a educação voltada para a cura e a prevenção das doenças tem se organizado estreitamente ligada às práticas educativas. As preocupações com a Educação em Saúde disseminam-se pelo mundo.

Todas as pessoas aspiram por saúde e estão cada vez mais preocupadas com o grande número de doenças que afetam a população. Há a ausência de uma saúde pública de qualidade, garantia de uma vida digna e saudável em suas múltiplas dimensões. Essa

legítima preocupação deve nos remeter à reflexão sobre tal questão, buscando identificar novas formas de cuidado da saúde, de promoção e preservação da vida.

Por outro lado, é crescente a busca e oferta de tratamentos que utilizam as práticas integrativas de saúde pelo mundo afora e que vêm interferindo na abordagem do processo saúde-doença, principalmente com a crise da medicina vigente, com seus altos custos e o apoio intensivo em tecnologias.

Também entre os muitos profissionais e usuários de saúde é bastante reconhecida a importância da Educação Popular, das práticas educativas em saúde. São numerosos os grupos de vivência e reflexão sobre os cuidados com a saúde. Tem-se a convicção de que, nas questões relacionadas com a formação de educadores, há caminhos possíveis de serem percorridos, embora sejam permeados de dúvidas e incertezas. Essa não é uma tarefa das mais fáceis, mas é consenso que é preciso ampliar o debate.

A emergência do interesse neste tema no Brasil no campo da Educação em Saúde se deve ao contínuo aprendizado e o contato próximo com o meio popular, onde se percebe uma valorização das práticas populares em saúde como forma de expressão de sua cultura e interesses. A educação popular em saúde é parte da minha vida, uma vez que pontua fatos reais vivenciados, lembranças marcantes registradas e que resgatam memórias de fases importantes da minha trajetória de vida.

Certamente essas afirmações são determinantes para a construção de nossa autonomia, de nossa identidade pessoal e profissional. Como água límpida e nutritiva desse processo epistemológico, metodológico, ontológico, vivenciando momentos de autorreflexão e de autorreconhecimento busco experimentar novas sensações, novas descobertas, caminhos alegres e prazerosos, socializando para os educadores em saúde da Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular em saúde, o desafio de pesquisar a autoformação humanescente, resgatando memórias, compreendendo esse percurso epistemológico pela minha história de aprendizagem e vivencialidade.

É notória a necessidade de problematizar o modelo predominante de cuidar da saúde que não leva em consideração os diversos fatores que provocam o adoecimento, decorrentes dos modos de vida e do lugar onde as pessoas vivem. A ausência de alternativas práticas, além da omissão do Estado, vem indignando os vários segmentos

da sociedade. Compreende-se que só conseguiremos provocar mudança na forma de cuidar, tratar e acompanhar a saúde da população se houver mudanças nos modos de ensinar e aprender, com inovações nas práticas educativas.

No campo da Educação em saúde, observa-se que a grande maioria dos trabalhadores da saúde se formam distantes das necessidades de saúde da população e da organização do Sistema Único de Saúde, normalmente estão fechados dentro dos muros visíveis e invisíveis dos cursos técnicos, universidades, residências, escolas e instituições formadoras. Além disso, há uma grande concentração de trabalhadores em saúde numa determinada região, enquanto em outras localidades há escassez de profissionais, ou quase não existem.

A fragmentação dos processos de trabalho desgastam as relações entre os diferentes profissionais da saúde e entre estes e os usuários; o trabalho de equipe, o modo de lidar com a subjetividade existente nas práticas de saúde fica fragilizado; faltam condições para que os trabalhadores de saúde exerçam sua função dignamente, com inovações das ações, e que possa ser co-gestor de seu próprio processo de trabalho. Temos também muitos educadores e orientadores nos serviços de saúde que estão desatualizados e precisam aprender novos modos de educar em saúde, partilhar, absorver e transmitir conhecimentos.

Na área da educação em saúde, são vários espaços e movimentos em discussão, debates e formas de trabalho por uma sociedade mais justa e igualitária. Para tanto, os momentos humanescentes na ciranda de diálogos da ANEPS/RN apresenta-se como um campo de ação-reflexão, onde possibilita ser dialogada a pluralidade étnica dos conteúdos estudados, no qual, os mais diversos educadores possam contribuir para que os espaços educativos não sejam apenas espaços de reprodução de formas de discriminação social, e sim de motivação de pensamentos críticos, reflexivos, organizativos, de elaboração de projetos políticos capazes de intervir nas sociedades, promovendo igualdade social, favorecendo o pleno exercício da cidadania, o fortalecimento da sociedade civil, de superação dos limites da ordem vigente. Na convivência e no diálogo com os educadores em saúde da ANEPS-RN, com o intuito de ampliar meus conhecimentos acerca dos fenômenos da ludopoiese e da humanescência, compreendi a importância de proporcionar ao grupo momentos de reflexão e de autoformação.

Assim, a partir dessa problemática indagamos como a ludopoiese e a humanescência se revelam na vida de educadores em saúde e contribuíram para a sua autoformação humanescente?

1.6 Objetivos do Estudo

1.6.1 Objetivo Geral

Adotamos como objetivo central da investigação: descrever e interpretar como a ludopoiese e a humanescência se revelam na vida de educadores em saúde e contribuíram para a sua autoformação.

1.6.2 Objetivos Específicos

a) Interpretar as propriedades ludopoiéticas: autotelia, autoterritorialidade, autoconectividade, autovalia e autofruição, reveladas na vida de educadores em saúde, a partir das vivências humanescentes;

b) Analisar as contribuições das vivências humanescentes na vida de educadores em saúde para a sua autoformação humanescente.

1.7 Justificando a Escolha dos Caminhos da Água

No Brasil, o setor Saúde é responsável pela maior política de inclusão social. O Sistema Único de Saúde – SUS, criado pela Constituição Federal de 1988, para que toda população tenha acesso ao atendimento público de saúde é, sem dúvida, uma das conquistas mais importantes na história recente da sociedade brasileira. Um processo iniciado pelo Movimento Sanitário, no meado dos anos 60 e que, até os dias atuais,

motiva as pessoas dos diversos segmentos da sociedade que têm a tarefa ética e política de dar continuidade ao processo de fortalecimento do SUS.

A saúde pública é dever do Estado. Ela é também direito e responsabilidade de todos. Essa visão da saúde pública representa o reconhecimento de que o Estado Democrático de Direito é o modelo político adotado pelo Brasil. Dessa forma, entende-se que saúde pública não é uma função exclusiva do Estado, e que está relacionada também às atitudes e valores pessoais e coletivos.

A saúde como direito social passou a vigorar no Brasil com a criação do SUS, pela Constituição Federal de 1988. Desde que foi criado, o SUS já provocou grandes mudanças nas práticas de saúde, mas ainda não é suficiente, frente às demandas da sociedade. Há muito a ser feito, especialmente na formação e no desenvolvimento das práticas educativas em saúde.

Pela primeira vez na história do nosso país a saúde passou a ser considerado um direito de todos os cidadãos e cidadãs, independente de qualquer distinção. As ações e serviços de saúde passam a ter a sua gestão no próprio local onde reside o usuário, devendo ser administrado com a participação direta da população, através das conferências de saúde, dos conselhos, associações, audiências públicas, entre outros espaços de atuação previstos na legislação do SUS. A Lei 8.080 também define que as pessoas que mais precisam do SUS, ou que apresentam maiores dificuldades, tenham a assistência priorizada.

A educação e a saúde são espaços de produção e aplicação de saberes destinada ao desenvolvimento humano. Há uma interseção entre estes dois campos, tanto em nível de atenção à saúde quanto na formação continuada dos profissionais de saúde. Assim, utilizamos um ciclo permanente de ensinar e de aprender. A prática educativa em saúde, aqui, refere-se tanto às atividades de educação em saúde, voltadas para o desenvolvimento de capacidades individuais e coletivas visando à melhoria da qualidade de vida e saúde, quanto às atividades de educação permanente, dirigidas aos trabalhadores da área de saúde através da formação continuada.

A complexidade da saúde exige inovações que superem o fazer tecnicista e propiciem a interação do Ser humano com a dinâmica da vida corporalizada, visando à busca de alternativas e soluções, individuais e coletivas, para os problemas existentes. Construindo e reconstruindo saberes, suscitamos um desejo permanente de

aperfeiçoamento pessoal e profissional, integrando os conhecimentos adquiridos, para uma ação mais efetiva, pautada em responsabilidades sociais.

A história do Brasil tem também revelado e discutido a importância das práticas educativas em saúde na estrutura das iniciativas coletivas de enfrentamento dos problemas de saúde, como mostra a Rede de Educação Popular e Saúde, uma articulação de profissionais de saúde, pesquisadores e lideranças de movimentos sociais que acreditam na centralidade da Educação Popular como estratégia de construção de uma sociedade mais saudável e participativa, bem como defendem um sistema de saúde mais democrático e adequado às condições de vida da população, que surgiu em 1998.

Em 2003, durante O VII Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva realizado em Brasília, nasce a Articulação Nacional de Movimentos e práticas de Educação Popular e Saúde – ANEPS, sendo reconhecida em todo país como instância de interlocução entre movimentos e práticas populares, profissionais de saúde, pesquisadores e técnicos do governo, representada, na base, por centenas de entidades espalhadas pelo país afora, reunindo a Rede de Educação Popular e Saúde, a Direção Nacional Executiva dos Estudantes de Medicina (DENEM), o Movimento de Reintegração dos Atingidos pela Hanseníase (MORHAN), o Projeto Saúde e Alegria, vinculado ao Grupo de Trabalho da Amazônia (GTA), a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG), o Movimento Popular de Saúde (MOPS); o Movimento das Mulheres Camponesas (MMC) e o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) cuja finalidade é articular, conhecer e refletir sobre as experiências de educação popular na área da saúde; sistematizar essas experiências com vistas à construção de referência para a formulação de uma política de educação popular em saúde; propiciar a organização de fóruns permanente de educação popular na área da saúde; criar um cadastro de experiências de educação popular em saúde existente no país.

No Rio Grande do Norte, mais especificamente em Natal, ao longo do tempo, gestores da saúde pública não fizeram os investimentos necessários no setor público e não criaram as condições estruturantes nas áreas das referidas especialidades e nem se organizaram internamente para dar o apoio e os incentivos financeiros e técnicos necessários à atenção básica, gerando repetidas e anunciadas crises estabelecidas na saúde pública.

Assim, observamos pela necessidade de se transformar esta realidade, refletindo e aprimorando a prática educativa, exigindo ações mais efetivas dos

governantes e órgãos públicos; políticas públicas comprometidas com a melhoria das condições de vida da população, de modo sintonizado com o combate da fome, à miséria social e na luta pela garantia dos princípios éticos no trato com a vida humana.

O encantamento pela educação em saúde, a partilha das práticas educativas, as vivências humanescentes que acontecem em inúmeros encontros, reuniões, seminários, dentro ou fora dos muros da academia, entre outros eventos que participamos, evidenciam uma trajetória autopoietica profundamente vivida e corporalizada. Busca-se uma melhor compreensão dos fenômenos da ludopoiese e da humanescência, bem como o processo de autoformação vivido por educadores em saúde. Nossa contribuição para a Educação popular em saúde, para os estudos da corporeidade e da ludopoiese, bem como para a Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular em Saúde é parte de um permanente e duradouro compromisso social.

Como educadora popular em saúde percebo que a organização e o crescimento da Articulação Nacional de Movimentos e práticas de Educação Popular e Saúde no Estado do Rio Grande do Norte tem sido fatores de relevância para a sociedade, e de fortalecimento para as práticas educativas, possibilitando o estreitamento do diálogo com universidades, o Ministério da Saúde, as secretarias estadual e municipais de saúde, instituições governamentais e não governamentais, entre outros organismos afins.

A Organização Mundial de Saúde, em 07 de abril de 1948, definiu que “Saúde é o estado do mais completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de enfermidades”. Entretanto, esse conceito não deve ser encarado apenas como um estado estático de “completo bem estar”, e sim como um processo dinâmico no qual sofre as influências do meio em que vivemos. Por falta de orientação e até mesmo de educação em saúde, poucas pessoas têm essa compreensão.

Com isso, busca-se estimular os mecanismos naturais de prevenção de agravos e recuperação da saúde por meio de tecnologias leves, eficazes e seguras, incorporando o jeito popular de educar, com ênfase na escuta acolhedora, no desenvolvimento do vínculo terapêutico e na integração do ser humano com o meio ambiente e a sociedade, mais especificamente do autocuidado, no diálogo, na humanização e na construção coletiva do conhecimento.

A Política Nacional de Humanização da Atenção e Gestão do SUS desde 2003 aposta na indissociabilidade entre os modos de produzir saúde e os modos de gerir os

processos de trabalho, provocando inovações nas práticas gerenciais e nas práticas de produção de saúde, qualificando a saúde pública no Brasil e incentivando trocas solidárias entre gestores, trabalhadores e usuários. Desde o ano 2004, como educadora popular da Pastoral da Criança, alegremente venho acompanhando essa trajetória.

Na Portaria nº 971/2006, o Ministério da Saúde aprovou a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde, entendendo que as Práticas Integrativas e Complementares compreendem o universo de abordagens denominadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) de medicina tradicional e complementar.

Entendemos tais iniciativas político-institucionais como um reforço às Práticas Integrativas e Complementares, de compartilhamento de práticas populares em saúde nos territórios sob responsabilidade das equipes de saúde da família. Entretanto, essas opções preventivas e terapêuticas ainda são bastante limitadas, considerando o número de usuários do SUS. São poucos os que conhecem as práticas integrativas e complementares ora ofertadas, seus benefícios para a saúde, sua importância para a melhoria da qualidade de vida da população. Nota-se que os princípios metodológicos da educação popular, os conhecimentos das crenças e histórias de vida da comunidade, os múltiplos universos populares existentes no país ainda são pouco reconhecidos.

No contexto da ANEPS, expressa na necessidade de problematizar o modelo predominante de cuidar da saúde, existe diversas práticas populares de saúde que realizam intervenções comunitárias em saúde, como a terapia comunitária, massagem, dança circular, reiki, rezas, acupuntura, biodança, teatro, que leva em consideração os problemas cotidianos vivenciados pela população, criando espaços de observação, escuta, reflexão e troca de experiência.

Justificamos a sistematização da pesquisa a partir de nossa prática educativa, que defende a Educação Popular em Saúde a partir dos pressupostos da educação, da corporeidade, da ludopoiese e da autoformação humanescente. Durante esses anos de trajetória como educadora popular vimos o quanto é importante o cuidado que devemos ter com o nosso corpo, a mente, o espírito. Aprendemos a desenvolver melhor o amor próprio, pois amando a nós mesmos, poderemos ajudar e amar melhor o outro. Portanto, cultivando a paz no interior do nosso Ser, ao semear a paz nos mais diversos ambientes que frequentamos, estamos criando melhores condições para nossa autoformação

humanescente. Uma prática constante de autonomia, respeito, compromisso ético para conosco, para com os outros e, no mundo em que vivemos.

Em consulta aos observatórios acadêmicos, periódicos em âmbito nacional e internacional, poucos estudos evidenciam a temática da ludopoiese, da humanescência, da vivência humanescente, do lazer na autoformação, de reflexão vivencial de educadores em saúde, ou simplesmente relacionando lazer com a autoformação de profissionais ou educadores em saúde.

Destacamos algumas teses fruto de estudos e investigações ancoradas na Linha de Pesquisa Corporeidade e Educação, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte no período 2002-2011: 1) O fenômeno da ludicidade no jogo crítico e criativo da vida de professores-pesquisadores em corporeidade (PIRES, 2002); 2) Da formação ludopoiética à autopoiese do lazer: significados para a autoformação humanescente do profissional do lazer (MAIA, 2008); 3) Universo encantado do cuidado na autopoiese docente: Sub Título: uma viagem epistemológica transdisciplinar (SAMPAIO, 2009); 4) Corporeidade e a melodia da experiência estética na formação humanescente de cantores-educadores (SANTOS, 2010); 5) Festa na escola e a autopoiese do lazer (PEREIRA, 2011); 6) Vivências ludopoiéticas no jogo de areia: a totalidade na autoformação humanescente (MUSSE, 2011); 7) Dançando com gatos e pássaros: Sub Título: o movimento ecossistêmico da ludopoiese na educação infantil. (PINHEIRO, 2011).

Consideramos que a pesquisa é de relevância para o estudo nas Ciências Humanas e da Saúde, contribuindo ontológica, epistemológica e metodologicamente para mudança nos modos de ensinar e aprender, com inovações nas práticas educativas em saúde, além das contribuições para a corporalização e expressão da ludopoiese e da humanescência que considera as histórias de vida em formação, os processos ludopoiéticos para a autoformação humanescente de educadores em saúde.

Portanto, a ludopoiese e a humanescência na vida de educadores em saúde, necessitam de uma investigação mais aprofundada, possibilitando compreender a autoformação humanescente, onde a alegria de viver, de reconhecer-se no outro, de descobrir como se pode atingir um objetivo comum de maneira diferente e de interrogar-se sobre a possível unidade de pessoas vinculadas a instituições tão diferentes, todas estas emoções e inquietações são como gotas d'água que percorrem

rios, bacias, mares e o oceano da ludopoiese e da humanescência, onde o percurso da nascente a foz é a própria história de vida.

3.8 Pressupostos Teóricos

Para a investigação científica evidenciamos algumas considerações acerca de nossa vivência no Núcleo Estadual da Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular em Saúde do Rio Grande do Norte (2003-2011) e na Base de Pesquisa Corporeidade e Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2008-2011). Para a realização desta pesquisa, adotamos os seguintes pressupostos teóricos:

Educação: A luz do pensamento de Paulo Freire uma educação transformadora que conduz a uma reflexão crítica sobre a prática educativa em favor da autonomia do ser; essencial para as mudanças necessárias na contemporaneidade da educação; torna-se uma exigência da relação Teoria/Prática como mostra Paulo Freire em *A Pedagogia da Autonomia, Saberes necessários à prática educativa*. (FREIRE, 1967-2000).

Corporeidade: Fenômeno energético irradiante, primeiro e principal de critérios educacionais; (ASSMANN, 1995)

Lúdicidade: Fenômeno humano que expressa sentimentos, emoções, a beleza e a estética do ser humano em sua relação amorosa e harmoniosa consigo mesmo, com o outro e no meio em que vive. (SHILLER, 2002)

Autoformação: Processo transdisciplinar, transformador, contínuo, no qual o ser humano amplia sua visão de mundo, permanentemente se constrói, desconstrói e reconstrói em toda sua totalidade, interagindo na e pela convivência consigo mesmo, com o outro e o mundo em que vive. (DUMAZEDIER, 1999; MATURANA, REZEPKA E VERDEN-ZÖLLER, 2000- 2007; MORAES, 2004-2008)

Autopoiese: Capacidade que o sistema vivo tem de se autoproduzir, de se transformar permanentemente. Processo de autocriação, de autorreprodução de si mesmo (MATURANA; VARELA, 2001).

1.9 Delimitando o Caminho Percorrido

Da nascente à foz, a água encontra diferentes culturas, saberes e práticas educativas. Neste percurso, além dos pressupostos teóricos apontados encontramos a educação transdisciplinar e a pedagogia vivencial humanescente. O estudo delimita-se a um grupo de dez educadores em saúde participantes do Núcleo estadual da Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular em Saúde - ANESP/RN, tendo correspondido aos seguintes critérios: ter vínculo com a ANEPS no Estado do Rio Grande do Norte; ser educador em saúde; ter aderido livremente participar da pesquisa; ter aceitado e assinado o termo de consentimento para realização da pesquisa, permitindo a publicação dos relatos e imagens; ter envolvimento e comprometimento com a pesquisa; ter assiduidade nos encontros; ter participação nas vivências humanescentes. Trata-se de ações permanentes e nossa pretensão foi analisá-las no espaço de tempo de 2010-2011, período abrangido pelo estudo.

É neste sentido que a água segue seu percurso e o movimento em direção à vida, entre montanhas, vales e planícies, sempre aberta as emoções e sentimentos permanentes, tendo como foco irradiante a corporeidade, tendo ao centro da atenção a própria vida, como se desvela a seguir.



*Não se sonha junto à água sem formular
uma dialética do reflexo e da profundidade
Gaston Bachelard*

CAPÍTULO 2

A TEIA DA CORPOREIDADE NA PROFUNDIDADE DO REFERENCIAL TEÓRICO

O Cenário imagético que abre esse capítulo expressa meu próprio corpo em movimento, com ele busco alcançar uma compreensão da totalidade dentro de uma concepção sistêmica, no sentido de contemplar a integralidade do Ser luminescente. O corpo é o entorno do ser humano marcado pela individualidade e a coletividade, compreende o singular e o plural, o específico e o geral, as semelhanças e diferenças que estão na produção do conhecimento, no mundo, no cotidiano.

A imagem mostra também a teia da vida, reflexo da concepção que temos das partes e do todo, da abertura para a diversidade, na unidade que caracteriza a profundidade do pensamento sistêmico. Proporciona a descoberta mais intensa de nossa corporeidade, os limites e possibilidades de nosso corpo, mente e espírito, tecidos nas interrelações individuais e coletivas, nas interações, onde se desenvolve os processos de autoconhecimento, de nossa singularidade, no qual nos entrelaçamos dialeticamente com o mundo que se expande na dinâmica das relações sociais, que considera o local e o global, as partes e o todo, onde o ser humanescente e a natureza se interligam de maneira bela e profunda, e se complementam no vigor da energia cósmica.

No jogo de areia apresentamos nossa impressão imagética do universo, repleto de sentidos e significados, que se revela no tempo e no espaço do universo interior das relações e interrelações com o mundo, ao longo de nossa existência, de uma forma integrada, envolvente, sensível, luminescente. Neste mesmo sentido percebemos o campo energético da corporeidade se expandindo, pulsando, construindo, desconstruindo, reconstruindo a própria vida, num contínuo devir.

Na Linha de pesquisa Corporeidade e Educação (BACOR/UFRN) nossa história de envolvimento com o lazer e o lúdico nos conduziu “A Fonte dos Saberes da Vida” e merece destaque por mostrar a relação entre a educação e o pulsar da vida, por propiciar o banhar-se nas águas em movimento permanente, compartilhando os desafios e as alegrias de aprender vivendo com a plenitude de nossa subjetividade singular (CAVALCANTI, 2010). A proposta dos quatro pilares da educação apresentada pelo Relatório Delors para a Unesco *Educação: um tesouro a descobrir* nos inspirou a buscar algo poético para representar a articulação entre os saberes: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver, aprender a ser.

Dando continuidade as pesquisas, outros estudos impulsionaram a nossa sensibilidade com Schiller (2002), a criatividade com Gardner (1995) e a ludicidade com Huizinga (2005). Posteriormente, na caminhada metafórica, um salto quântico

aconteceu trazendo as emoções e os sentimentos para o centro do nosso palco epistemológico, apoiado com a filosofia de Espinosa e a neurociência de Damásio (2004) fazendo surgir a Teia da Corporeidade para inspirar os estudos da corporeidade e para nos orientar na ação-reflexão da educação. É com a matéria-prima corporalizada, produzida dentro de si, por si mesma, no seu paciente trabalho, que a aranha constrói sua teia e os pesquisadores da BACOR/UFRN constroem a Teia da Corporeidade.

A Teia da Corporeidade como metáfora nos impulsionou para a definição de uma Epistemologia Vivencial da Corporeidade, que se tornou a Pedagogia Vivencial Humanescente, onde os envolvidos em diferentes aprendizagens assumem para si o desafio de se tornarem mais humanescentes, para poder compartilhar novos projetos como o outro e com o mundo, como tão bem realça Cavalcanti (2010).

Com a Teia da Corporeidade fortalecida aprofundamos ainda mais o estudo sobre o fenômeno lúdico na vida humana; mapeamos os princípios estruturantes das principais teorias que se dedicaram a investigá-lo; identificamos cinco processos fundamentais; articulamos esses princípios num sistema autopoético que culminou no reencontro com a flor do lazer de Joffre Dumazedier (2001). Para alcançar o estado pleno da ludicidade precisaríamos especificar o detalhamento desse processo autopoético. O processo de autoconstrução desse “estado lúdico” foi reconhecido pelos pesquisadores como o fenômeno da ludopoiese (CAVALCANTI, 2010).

A grande riqueza do fenômeno da ludopoiese é compreendida quando as lembranças são frequentemente ligadas a minha trajetória como educadora popular, aos encontros e reuniões da Articulação Nacional dos Movimentos e Práticas de Educação Popular em Saúde no Estado do Rio Grande do Norte - ANEPS/RN, e aos acontecimentos da Base de Pesquisa Corporeidade e Educação. Riqueza possível de se levar aos núcleos regionais e estadual da ANEPS/RN, através dos educadores em saúde. Embora essa experiência tenha sido um espaço de interlocução e confronto entre os diversos saberes e práticas, valorizando as pessoas em seus conhecimentos, há um distanciamento entre esses dois universos culturais no campo da saúde. Nesse sentido, é fundamental mantermos uma atitude de discernimento contínuo e crítico que nos leve a conhecer os movimentos sociais e populares em sua atuação concreta; entendendo que os conflitos não existem somente nas dimensões de classe e raça, eles perpassam o âmbito das relações sociais, políticas, econômicas e culturais.

Com o conhecimento mais aprofundado sobre a Teia da Corporeidade e o fenômeno da ludopoiese, com as experiências de vida profissional, acadêmica e as transformações em minha vida pessoal, me senti motivada a buscar respostas para outras inquietações já observadas em minha convivência com os integrantes da Articulação Nacional dos Movimentos e Práticas de Educação Popular em Saúde no Estado do Rio Grande do Norte - ANEPS/RN. Mas, para se chegar às águas tranquilas do oceano é necessário assumir novos desafios. Neste sentido, a água se manifesta como impulso e desejos, gerando novo movimento em direção à vida!

Certamente que as vivências ludopoiéticas são espaços em que podemos avivar a luz que existe em todos nós, para o encontro, reencontro, descoberta e redescoberta de nosso ser, do outro e da realidade que nos cerca.

Neste capítulo apresentamos o referencial teórico utilizado para a realização do estudo, estruturado em quatro seções: 1) do corpo à corporeidade; 2) da ludicidade à ludopoiese; 3) do humano à humanescência 4) da educação à transdisciplinaridade..

2.1 Do Corpo à Corporeidade

O ponto de partida para adentrar na profundidade do referencial teórico, que nos orienta na ação-reflexão-ação da educação, suporte das nossas investigações epistemológicas da corporeidade é os estudos e vivências na Base de Pesquisa Corporeidade e Educação no âmbito do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte que têm se inspirado na metáfora da Teia da Corporeidade que nos impulsiona para a definição de uma Epistemologia Vivencial da Corporeidade, através da formação do espírito transdisciplinar (CAVALCANTI, 2010).

Nas últimas décadas, estudiosos de áreas diferenciadas têm focado o tema corpo em suas dimensões, bio-psico-sócio-cultural-espiritual percorrendo um longínquo caminho de questionamentos, discussões, debates, indagações, pesquisas onde todas essas dimensões são interligadas e interdependentes, confirmando que o ser humano é uno, inteiro e global, que corpo e mente se constituem uma totalidade. Significa

compreender que o corpo não está separado do pensamento ou vice-versa, como afirmam Antonio Damásio e Humberto Maturana. No mesmo sentido as reflexões sobre o tema corporeidade ganharam dimensão, sendo objeto de estudos cada vez mais frequentes, principalmente no campo das ciências humanas e sociais, particularmente, na antropologia e na sociologia.

Estudos indicam que a compreensão de corpo tem sofrido significativas alterações. Mas, o que é o corpo? Temos a compreensão da complexidade que se impõe ao tratarmos desse tema. Há diversas concepções em voga, algumas de caráter mais amplo, outras expressando compreensões mais restritas. Nesse percurso transdisciplinar teórico-metodológico de investigação, pelo caminho da etnofenomenologia, da pesquisa com os cotidianos, explicitarmos nossas interpretações sem pretensões de verdades absolutas.

Na antiguidade, a mente humana racional era vista como um mero aspecto da alma imaterial, ou espírito. A distinção básica não era entre alma e espírito, mas entre corpo e alma, ou corpo e espírito (CAPRA.2006). Investigações sobre as representações epistemológicas de corpo apontam a invencível relação entre mente/cérebro/emoções. Essa triangulação permitiu avanços oportunos na Filosofia, na Psicologia e na Biologia, bem como na Neurociência. Assim, intensas discussões emergem na atualidade.

A neurociência tem se empenhado consideravelmente em compreender a base neural da representação dos objetos. António Damásio (2000, p. 176) mostra que amplos estudos sobre percepção, aprendizado, memória e linguagem deram uma ideia viável de como o cérebro processa um objeto, nos aspectos sensorial e motor, e também de como o conhecimento sobre um objeto pode ser armazenado na memória. Neurocientistas procuram compreender como a mente, o cérebro, as emoções se organizam, se articulam e se integram, que relações são estabelecidas entre eles. Os estudos na Linha de Pesquisa Corporeidade e Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, no contexto da pedagogia vivencial humanescente têm aprofundado o conhecimento sobre a *corporeidade*, na perspectiva do saber pensar humanescente na educação.

Compreendemos corpo como sendo o próprio ser, que se expressa, se desenvolve nas relações consigo mesmo, com os outros, o mundo, a natureza. Damásio (2009, p. 186) em sua obra *O mistério da consciência* nos lembra uma relação simples,

de princípio básico: “para cada pessoa que conhecemos, existe um corpo”. O corpo contém em si tudo aquilo que abrange o ser humano, traz sua história, crenças, hábitos, costumes, valores, saberes, representações, grupos, pensamentos, sonhos, imaginação, desejos, sentimentos que expressam sua singularidade, sua originalidade social, desde sua concepção, como indivíduos da espécie humana, até sua morte. É movido por intenções provenientes do cérebro, da mente, por manifestações e interações com o mundo (DAMÁSIO, 2009).

O ser humano é o seu corpo, tecido nas relações sociais, históricas e culturais, nas formas de ser e estar no mundo, na corporeidade. Merleau Ponty (1908-1961) em seus escritos afirma “eu sou meu corpo”. Entendemos que o ser humano é uno, uma só totalidade, e o corpo é uma realidade material e psicológica, sem distinção ou separação. Desta forma o ser humano só pode ser compreendido nas relações de existência, nas vivências e experiências, no contato direto do corpo com o mundo, se construindo e desconstruindo. Através do corpo podemos sentir, pensar, ouvir, ver, revelar o mundo, seu sentido e significado.

No entendimento de Alexander Lowen (1972) muitas vezes procuramos explicações complicadas para problemas que nos afligem na vida cotidiana, esquecendo que o contato com o nosso corpo, com a natureza, com o universo nos enraíza, nos une ao essencial em nós mesmos. Assim, devemos buscar as condições necessárias para superação das dificuldades que nos afligem, sem as quais o corpo corre o risco de adoecer, perdendo a graciosidade dos movimentos, o calor e a maciez do corpo.

Damásio (2009, p. 189) ressalta que “quando descobrimos de que somos feitos e como somos construídos, vislumbramos um processo incessante de construção e demolição, e percebemos que a vida está à mercê desse processo ininterrupto”. Em alguns territórios o ser humano é visto em sua totalidade dinâmica, integrado ao ambiente que o cerca, em permanente conectividade com a vida.

Através do corpo atuamos sobre a sociedade, manifestamos aspectos de nossa existência. Segundo Assmann (1995, p. 113), “O corpo é, do ponto de vista científico, a instância fundamental e básica para articular conceitos centrais para uma teoria pedagógica”. Assim, aprendizagem e corpo são partes integrantes e essenciais para o desenvolvimento humano, que desvela o novo a cada dia. Um conhecimento que nos coloca diante de novos horizontes, de saberes humanescientes sobre os processos da vida.

Mas, e a corporeidade? O que é? Como a compreendemos? A palavra corporeidade surge especialmente nas disciplinas de fisiologia, como cuidados com o corpo, com a forma física, numa visão objetiva, material, orgânica, fisiológica do corpo. Distante da qualidade de nossa relação com o mundo através do corpo que somos. Nos dicionários em geral o termo corporeidade nos dão a ideia de qualidade, propriedade do que é corpóreo. Sua concepção pode ser abordada sob vários aspectos, seja de ordem física, biológica, psicanalítica, antropológica ou psicopedagógica.

Cavalcanti (2009) em seus escritos sobre a corporeidade cita a obra *Mente Corpórea*, de Francisco Varela e seus colaboradores (2001) que, tomando os estudos do fenomenólogo francês Maurice Merleau-Ponty como inspiração, afirmam a convicção de que as novas ciências da mente deveriam ampliar os horizontes para acompanhar tanto a experiência humana vivida como as respectivas possibilidades de sua transformação. Ressaltam ainda que “a cultura científica ocidental requer que tornemos nossos corpos simultaneamente como estruturas físicas e como estruturas experienciais vividas – em suma, tanto como *externos* e como *internos*, biológicos e fenomenológicos” (VARELA et al., 2001, p. 16). Defendem o desenvolvimento da investigação em ciência cognitiva, tomando como ponto central da nossa atenção este sentido duplo da corporeidade. Uma investigação viva e diferente, em contínuo desenvolvimento.

Na emergente teoria dos sistemas vivos, a mente não é uma coisa, mas um processo, a incorporação contínua de um padrão de organização autopoietico numa estrutura dissipativa. É a cognição, o processo do conhecer, e é identificada com o processo da própria vida. É esta a essência da teoria da cognição de Santiago, proposta por Humberto Maturana e Francisco Varela (CAPRA, 2006, p. 144). Daí a importância de se estudar a fenomenologia da corporeidade, que não é descrever um corpo, mas sim a qualidade e os significados de uma experiência. Isto significa que não basta descrever as coisas em si mesma, mas é necessário descrevermos este nosso olhar, refletirmos a dinâmica da sociedade, suas contradições. Em um sentido mais amplo, corporeidade implica em vida, em existência, em experiências de vida, intimamente ligada a histórias que são vividas. Entendendo que essas histórias vividas são o resultando da evolução como tendência natural.

A corporeidade é um processo natural e se desenvolve durante toda a existência, depende da intensidade de atividades diárias, do padrão e da qualidade de

vida, do vivenciar no mundo pelo corpo. A partir de uma concepção fenomenológica de Ser humano, a corporeidade foi concebida como um fenômeno energético, quântico que se expressa na subjetividade singular do corpo. As emoções e sentimentos estruturam nossa caminhada na perspectiva de uma formação humanescente. As mudanças podem ser percebidas através das manifestações apresentadas no corpo. Corporeidade é vida! É viver consigo mesmo, com o outro, com o mundo, com a natureza, com o cosmo (CAVALCANTI, 2010).

Conforme Capra (2006), a vida é uma teia de relações. Passou a existir vida e espírito quando os primeiros prótons se relacionaram e se constituíram como um esboço de unidade primordial. Mesmo nas mais minúsculas células, bactérias chamadas de microplasma, uma complexa rede de processos metabólicos opera ininterruptamente. “[...] a vida contínua não é propriedade de um único organismo ou espécie, mas de um sistema ecológico. [...] não existe nenhum organismo individual que viva em isolamento” (CAPRA, 2006).

Resta-nos a tarefa de conhecer com profundidade essa teia de relações, agenciar experiências diversas para tentar compreender o universo. Em nosso modesto estudo, nossa ambição filosófica é grande: promover a vida, reencantar a educação. Para tanto, faz-se necessário saber aquilo que acontece em diversos setores do corpo para que certas funções possam ser observadas, corrigidas, melhoradas.

Na perspectiva de Damásio (2009, p. 189) “para que o cérebro possa coordenar as numerosas funções do corpo das quais a vida depende, ele precisa ter mapas nos quais os estados dos mais diversos sistemas do corpo estão representados a todo instante”. Entendemos que a mente emerge num cérebro que é parte integrante de um organismo, e que a mente faz parte também desse organismo.

Os mapas neurais que são indispensáveis para a regulação da vida são também a base necessária para os estados mentais a que chamamos sentimentos (DAMÁSIO, 2009). Daí a importância das histórias de vida, da autobiografia em que os sentimentos permitem e por vezes garantem que os acontecimentos significativos da nossa vida não sejam esquecidos, ou passem despercebidos, melhoram e ampliam o viver, o próprio processo da vida.

No entendimento de Assmann (1995) o cérebro humano é como um aparelho biológico, que tem competência para agir, perceber, saber, aprender, enquanto a mente

tem a capacidade de consciência e pensamento. A realidade não é algo pronto, estática, acabada, ela acontece de acordo com as experiências de vida de cada ser humano. Neste aspecto, devemos ter cuidado para não minimizar o conhecimento sobre o conceito de corpo, devido à complexa criatividade dos seres vivos.

Até pouco tempo a dissociação ou dualismo na relação corpo-mente não era colocado na agenda científica. A despeito das muitas barreiras, há que considerar um verdadeiro progresso nos estudos neurobiológicos e cognitivos que têm elucidado alguns aspectos da questão mente-corpo, as várias linguagens sobre o corpo, como psicomotricidade, motricidade, pedagogia do movimento e abordagens sistêmicas da corporeidade, que têm suas especificidades.

A visão apenas da parte física do corpo, sua anatomia é o que a grande mídia apresenta à população. Veiculam as ideias de corpo perfeito, escultural, malhado, emagrecido. Muitas vezes, a estética conduz ao uso de anabolizantes, provocando doenças, levando à morte. Na antropologia, o corpo é definido por Marcel Mauss (1926) como necessariamente uma construção simbólica e cultural, um fato social total, indicando que o corpo é e tem uma história. Na concepção de Mauss, cada sociedade impõe ao indivíduo um uso rigorosamente determinado do seu corpo, e ainda salienta que “é pro meio da educação das necessidades e das atividades corporais que a estrutura social impõe sua marca sobre os indivíduos” (MAUSS, 1926).

Portanto, concebemos a corporeidade como um fenômeno fundamental para a vida, a humanidade, o universo, a educação em geral. Ela não é apenas uma simples extensão de corpo ou de sua expressividade, mas refere-se a um campo vibracional energético. É preciso ampliar o debate, nossa visão de mundo, sair da abstração, aprimorar a qualidade de vida, recuperar a vivência da corporeidade, reconhecê-la como “[...] o foco irradiante principal de critérios educacionais”, como sublinha Assmann (2004).

Nos tempos atuais, em que a compreensão das partes nos conduz à compreensão do todo, em que o corpo tem sido questionado, indagado, pesquisado, em suas dimensões bio-psico-sócio-cultural-espiritual, onde todas essas dimensões são interligadas e interdependentes, ainda é maioria o número de pessoas que trata o próprio corpo como uma máquina. Como não somos máquinas, adoecemos, morremos mais cedo, vítimas de um modelo mecanicista, alimentado pelas sociedades capitalistas, que

tem nutrido o modelo biomédico, e que não foca na promoção da saúde, mas visa unicamente lucrar com as doenças.

Temos que ter consciência que a corporeidade encontra-se presente no interior do nosso Ser. Ela se expande como raios de luz que ilumina a vida e seu entorno. Uma energia vital que trazemos dentro de nós, e transportamos ao longo de nossa vida, podendo ser transformada de acordo com as interações que mantemos conosco, com o outro, o mundo, a natureza.

Consideramos que os estudos em corporeidade, no contexto da pedagogia vivencial humanescente são relevantes para a sociedade em geral, e que o conhecimento na perspectiva do saber pensar humanescente na educação é um convite para novas investigações e descobertas, que nos proporciona uma melhor relação com nós mesmos, com os outros e o mundo, num verdadeiro florescer ludopoiético da corporeidade repleto de boas energias, a partir do reconhecimento das nossas emoções, do nosso paraíso interior.

Cavalcanti (2010) realça que “a forma de ser e estar no mundo são determinantes para a nutrição do campo energético humanescente”. Como processo autopoiético, à luz da teoria auto-organizativa de Maturana e Varela compreende-se que a corporeidade, permeada por influência de um campo energético, envolve complexos mistérios da vida, da consciência e do Universo (CAVALCANTI, 2010). Devemos, portanto, estimular práticas humanescentes, primeiro reconhecendo o Ser humanescente em cada um de nós, que irradia luz e energia, após, partilhando gestos de amor, carinho, atenção, gentileza e respeito pelo ser humano e a natureza, fazendo florescer um belo jardim de algas nas águas termas do oceano da humanescência, expandindo nossa corporeidade.

2.2 Da Ludicidade à Ludopoiese

A busca por uma vida plena e saudável é a esperança para muitos, na expectativa de melhoria da qualidade de vida. Entre os fatores que podem contribuir

para que se conquiste qualidade de vida, as atividades lúdicas têm merecido destaque, é sem dúvida um aspecto importante.

Na atual sociedade é comum se presenciar a vivência do lúdico no mundo das crianças e dos idosos. Quando se trata dos adultos, a sociedade contemporânea é mais conservadora. São poucos os que vivenciam a ludicidade plena. Muitos consideram o lúdico como uma perda de tempo, principalmente porque as pessoas envolvidas na sociedade capitalista dão extrema importância à produtividade, apegadas na idéia de acumular riquezas, constantemente preocupadas em assegurar o futuro com recursos financeiros suficientes, imaginando uma velhice tranquila e segura.

Mas, como garantir um verdadeiro lazer para uma população que vive imersa numa sociedade capitalista, na qual grande parte do tempo é gasto com trabalho e deslocamentos de tal forma que o tempo livre das pessoas torna-se mínimo, escasso? Além disso, o tempo liberado da atividade profissional geralmente não está disponível para as atividades lúdicas que possam impulsionar o ser humano para realizar-se autotelicamente.

Lançando-se um olhar mais amplo e abrangente sobre o atual cenário mundial, fruto da era capitalista, cujo enfoque de produtividade visa lucro a qualquer preço, valorizando os atributos intelectuais e físicos em detrimento dos valores espirituais, muitos estão perdendo a alegria e a perspectiva de melhoria da qualidade de vida. Estudos mostram crianças e adolescentes matando-se entre si, fazendo uso de todos os tipos de arma, destruindo a própria natureza, ameaçando a sociedade em geral. O pensamento de Maturana e Paz Dávila (2006, p. 35) nos faz refletir profundamente essa questão quando afirma que “neste gerar mundos, nós, os humanos, mudamos tanto o mundo natural que o estamos levando à sua destruição”.

Por outro lado, o cuidado com o ser humano, valores espirituais tais como: solidariedade, sensibilidade, criatividade, altruísmo, entre tantos outros, passaram a ser amplamente discutidos. Assim como, muitos especialistas estão percebendo a importância do lúdico na vida das pessoas, independente da idade. Maturana e Paz Dávila (2006, p. 32) ensinam que “a educação como um fenômeno de transformação na convivência é um ambiente relacional onde o educando não aprende uma temática, mas sim um viver e um conviver. Aprende uma forma de viver o ser humano”. Como educadores e pessoas adultas nossa tarefa é criar esses espaços de convivência,

estimular o lazer como uma prática educativa fundamental para a vida humana, em especial na vida adulta.

Ao considerar a ludicidade como fenômeno humano, os estudos da Base de Pesquisa Corporeidade, Ludicidade e Educação passou a reconhecê-la como um sistema autopoietico (CAVALCANTI, 2009). Este encontro se deu a partir da formação do espírito transdisciplinar pela via da corporeidade, e tornou-se o centro da Pedagogia Vivencial Humanescente. As propriedades ludopoiéticas serão observadas durante os momentos de vivências. São elas: autotelia, autovalia, autofruição, autoconectividade e autoterritorialidade.

A autotelia é a propriedade da ludicidade humana que a define como uma vivência que tem um fim em si mesma. É voltada para a própria subjetividade de cada ser humano. A autoterritorialidade refere-se à propriedade da ludicidade humano de ocorrer em espaço-tempo autodelimitado. A autoconectividade representa a propriedade do envolvimento, da implicabilidade do ser consigo mesmo, para poder se realizar as conexões como o outro e com o mundo. A autovalia diz respeito à gratuidade, ao valor atribuído as nossas escolhas. A autofruição é a propriedade do estado vivencial da alegria e no prazer de viver.

Para compreendermos melhor o significado de autopoiese lanço mão das idéias iniciais de Maturana e Varela relatadas por Fritjof Capra (2006, p. 88) ao escrever a *Teia da Vida, uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*, na qual realça, “Auto, naturalmente, significa “si mesmo” e se refere à autonomia dos sistemas auto-organizadores, e poiese – que compartilha da mesma raiz grega com a palavra “poesia” – significa “criação”, “construção”. Portanto, autopoiese significa “autocriação”.

Estudos inovadores da Linha de Pesquisa Corporeidade e Educação, no Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte acerca da ludicidade têm contribuído com importantes informações acerca dessa temática, na perspectiva de mudanças para o campo educacional. Pires (2007) ressalta “o lúdico como uma dimensão humana presente na corporeidade.

É importante esclarecer que o lazer é uma necessidade básica, essencial para a vida e, por isso, um direito de todo cidadão. Na Constituição Federal de 1988 o lazer é garantido como um direito humano fundamental. A Carta Magna dispõe no artigo 6º “são direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o *lazer*, a segurança, a

previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição”. Mas especificamente no artigo 227º o *lazer* é considerado dever da família, da sociedade e do Estado. Portanto, com os fundamentos da democracia busca-se resgatar o importante papel da ludicidade na vida humana, em particular na vida dos adultos, na perspectiva de estimular o lúdico nos espaços educativos. Brincar é importante na vida das pessoas, em todas as fases do desenvolvimento humano.

Observando as políticas e práticas que permeiam as Ciências da Educação, ressalta-se a importância da proposta de formação de educadores-pesquisadores da Base de Pesquisa Corporeidade e Educação (BACOR/UFRN) que requisita o componente vivencial da ludicidade no processo de autoformação humanescente permanente que se desenvolve paralelamente ao projeto formativo institucionalizado.

Estudos ressaltam que há uma necessidade intrínseca do ser humano para vivenciar o lúdico plenamente, de modo que proporcione inteireza, bem-estar, satisfação, numa busca contínua pela reaproximação do ser humano consigo mesmo, com o outro, com a natureza, com o cosmo. Isso faz com que educadores, formadores e agentes de mudança da realidade se engajem em tais discussões. Assim, os debates sobre a ludicidade no campo educacional tornaram-se um desafio na contemporaneidade. No livro *Amar e Brincar*, Maturana e Zöller (2004) examinam com detalhes os fundamentos da condição humana que permeiam o afetivo e o lúdico.

Lança-se mão do fenômeno da ludicidade na perspectiva de ampliarmos as discussões sobre a questão, compreendermos as abordagens e contextos sociais, sua importância no espaço pedagógico, entendendo a necessidade de mergulharmos nas aprendizagens para uma vivência plena do lazer, fundamentos propostos por Csikszentmihalyi (1999).

Na Teia da Corporeidade a ludicidade representa o fio do brincar, impulsionando o ser humano para uma vida brincante e feliz (CAVALCANTI, 2010). Fenômeno que é traduzido nas ações, nos gestos, afetos, sentimentos, presente na fantasia, na imaginação, nos sonhos pela fruição, que se articula com a vida. A entrega plena em uma ação, quando uma pessoa está totalmente envolvida, em buscar de superar um desafio, se denomina “fluxo”. (CSIKSZENTMIHALY, 1999; HUIZINGA, 2005)

Para adentrar no campo epistemológico do estudo da ludopoiese, um ponto de partida é uma breve reflexão sobre o jogo, suas características e importância cultural, fundamentos estes apresentados por Johan Huizinga (2001, p. 3-5) em *Homo Ludens* quando se refere à natureza e significado do jogo como fenômeno cultural, no qual afirma que “o jogo é fato mais antigo que a cultura, pois esta, mesmo em suas definições menos rigorosas, pressupõe sempre a sociedade humana”. Destaca o autor que várias hipóteses sobre a natureza do jogo ressaltam que “a grande maioria, contudo, preocupa-se apenas superficialmente em saber o que o jogo é em si mesmo e o que ele significa para os jogadores”. Compreende-se que o jogo ultrapassa os limites da “atividade física ou biológica”, e ele “transcende as necessidades imediatas da vida, e confere um sentido à ação” (HUIZINGA, 2001).

Nessa perspectiva, o lúdico torna-se um elemento que conduz o Ser humano a viver de forma plena. Na atualidade, é frequente presenciar a vivência do lúdico durante a infância e na velhice. No entanto, na fase adulta geralmente a ludicidade é esquecida, uma vez que, em sua maioria, os adultos estão mais comprometidos com o trabalho, com a produtividade, tendo pouco tempo para o lazer, talvez por entenderem que a vivência lúdica ainda é uma perda de tempo, algo sem importância para si e para a sociedade capitalista, para a cultura de consumo. Os estudos realizados por Csikszentmihaly (1999) mostram que as atividades produtivas tais como: trabalhar em ambiente saudável, estudar com prazer e tranquilidade é muito positivo quanto ao fluxo alcançado na sua realização. Para tanto a pessoa precisa gerenciar bem seu tempo de maneira a propiciar a gerencia do seu próprio lazer, contribuindo para seu desenvolvimento, trazendo bem estar, realização, felicidade, sendo caracterizando como um processo autoformativo, como um processo autopoietico.

Neste sentido, os estudos e vivências na Base de Pesquisa Corporeidade e Educação no âmbito do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte “têm se inspirado na metáfora da Teia de Aranha que apresenta nos seus três primeiros raios a ludicidade, a criatividade e sensibilidade, pela via da corporeidade, através da formação do espírito transdisciplinar, aberto à transculturalidade”. Traz para o centro da Pedagogia Vivencial Humanescente a ludicidade, onde o brincar, o criar e o sentir se conectam “na alegria de viver a vida com sentido humanescente”, como tão bem realça Cavalcanti (2009) em seus estudos.

A corporeidade é entendida como um campo pulsional autopoietico, auto-organizador das vivências que ocorrem ao longo da vida do ser humano. Para Assmann (2004), a corporeidade “[...] é o foco irradiante primeiro e principal de critérios educacionais”. Portanto, trazer a corporeidade para o centro do processo educativo é valorizar o lúdico, um essencial estímulo ao lazer.

Em se tratando do lúdico, Csikszentmihalyi (1990, p. 44) ressalta que “é durante o lazer que as pessoas se sentem mais motivadas, quando dizem que querem fazer o que estão fazendo”. Compreende-se que a ludicidade favorece positivamente o desenvolvimento dos vínculos afetivos e sociais, condições necessárias para uma boa educação e convivência em grupo, e isso requer um ambiente educativo, em especial, a escola. As vivências humanescentes na linha de pesquisa Corporeidade e Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN têm favorecido no desenvolvimento de uma compreensão transdisciplinar do fenômeno da ludicidade na vida adulta.

Com um olhar vivencial, etnofenomenológico, a reflexividade sobre a memória lúdica na vida adulta permite aos educadores-pesquisadores penetrar no campo da intercorporeidade para sentir o intercâmbio de energia da vida, a contemplação do belo, a experimentação imagética, conhecimentos e saberes corporalizados necessários às práticas educativas, na expectativa da valorização e reconhecimento da importância do lúdico na vida adulta, na sua autoformação humanescente.

Para tanto, utilizar o jogo de areia nas práticas educativas possibilita reviver intensas emoções, fluir os mais íntimos sentimentos, permitindo a partilha de momentos bastante gratificantes e prazerosos quando favorece o sentipensar entre os educadores-pesquisadores no seu cotidiano de estudos e pesquisas. As investigações científicas da Base de Pesquisa BACOR/UFRN reconhecem o jogo de areia como “uma estratégia ludopoietica no âmbito educacional e para a pesquisa do lazer”, podendo se “abrir ao mundo transdisciplinar para diferentes campos de atuação profissional, ressaltando a sua relevância para os estudos vivenciais do lazer” (Cavalcanti, 2009).

A reflexão autotélica, relativa à finalidade do lúdico na vida das pessoas foi a motivação inicial para aprofundar o estudo da autotelicidade, especialmente no campo da ludopoiese, um fenômeno capaz de fazer emergir a alegria de viver a vida com sentido humanescente (Cavalcanti, 2009).

Para Csikszentmihalyi (1999, p. 114), a palavra “autotélica” é composta de dois radicais gregos: *auto* “relativo ao indivíduo” e *telos* “meta, finalidade”. Assim, entender o significado de uma atividade ou experiência autotélica na vida humana é um convite para se fazer algo sem a expectativa de algum benefício imediato. Ou seja, a finalidade da atividade está nela mesma, por si só, essa será a grande recompensa. Independente do que se faça, a atividade autotélica é sempre prazerosa, envolvente, alegre e encantadora.

Aproximando-se de leituras e releitura de textos, permite-se conduzir pela trilha animadora do objeto de estudo como forma de compreender melhor o sentido de beleza, através da reflexividade, dos cenários da memória lúdica nas fases da vida. Momento estes de unificação do corpo-mente-espírito, no tempo e no espaço que proporcionam bem-estar, harmonia, equilíbrio individual e coletivo, de valorização e respeito às diferenças.

Schiller (1995, p. 81), filósofo e estudioso da possibilidade da educação estética da humanidade mostra que “o objeto do impulso lúdico, representado num esquema geral, poderá ser chamado de forma viva, um conceito que serve para designar todas as qualidades estéticas dos fenômenos, tudo o que em resumo entendemos no sentido mais amplo por beleza”. Mediante essa definição, na perspectiva de construir novos saberes, observa-se e reflete-se sobre o cenário criado no jogo de areia, nas lembranças vivas e belas do passado que tanto nos sensibilizam e fortalecem no presente e dão sentido ao futuro.

Ao interagir com o ambiente vivencial, diante da necessidade da ação, envolvendo-se no jogo de areia sentimo-nos impulsionados a fazer uso da criatividade para expressar o princípio da vida adulta no sentido mais profundo e belo, com todas as lacunas, fragilidades, territórios que a vida adulta nos oferece.

Para tanto, entra-se em sintonia com os fundamentos do recurso estético, pautados na lógica das relações entre o sujeito e toda a sua alteridade, tão bem ressaltados por Schiller (1995, p. 82) quando realça que “somente quando sua forma vive em nossa sensibilidade e sua vida se forma em nosso entendimento o homem é forma viva, e este será sempre o quando o julgamos belo”. A todo instante sente-se harmonia no ambiente. A alegria, o bem-estar, o prazer, a sensibilidade e a satisfação são constantes. Usufruir destes sentimentos torna-se a finalidade autotélica propriamente dita, entretanto é notório que estes sentimentos fluem espontaneamente.

Refletindo sobre a concepção de lúdico apresentada por Schiller e tantos outros estudiosos do jogo sobre a beleza, a criatividade, a ludicidade, compreende-se o lúdico como algo vital para perceber e sentir a beleza da vida, sentir o verdadeiro estado de repouso. Ao desenvolvermos um cenário na caixa de areia, podemos incluir vários elementos e cores. Intimamente há o desejo de expressar beleza através do jogo de areia. Percebe-se renovação no fluxo de energia. Busca-se compreender o jogo, a “natureza e significado do jogo como fenômeno cultural” como mostra Huizinga (2001, p.4) em *Homo Ludens* quando enfatiza que “no jogo existe alguma coisa ‘em jogo’ que transcende as necessidades imediatas da vida e confere um sentido à ação. Todo jogo significa alguma coisa”. No presente estudo o jogo é compreendido conforme escreve Johan Huizinga (2001), em *Homo Ludens*, ao tratar o jogo como fenômeno cultural.

Reportando-nos mais uma vez a essência da vida adulta, o sentido mais forte que vem à mente é o de perceber o valor do lúdico na vida humana, principalmente no contexto dos movimentos e das práticas de educação popular, na qual a cultura e a diversidade de opiniões, saberes e conhecimentos populares e científicos se misturam.

Nesse sentido, percebe-se a ludicidade, a criatividade e a beleza presente nos grupos de danças populares, na biodança, nas danças circulares, nos teatros de rua, nos cordéis, repentes e cantigas de viola, nas terapias comunitárias e corporais, nas rodas de conversas com educadores em saúde, com os usuários do sistema único de saúde, e tantos outros grupos populares espalhados por este imenso país.

Entende-se que há um verdadeiro jogo cultural com certo ritual de atitudes e gestos no fazer da articulação dos movimentos sociais e nas práticas de educação popular em saúde que o torna indispensável para minha formação e autoformação ludopoiética humanescente, principalmente ao tomar consciência da importância do lúdico na vida adulta, ao lidar com o jogo de areia de uma forma tão prazerosa e gratificante. Huizinga (2001, p. 5) reconhece que “a intensidade do jogo e seu poder de fascinação não podem ser explicados por análises biológicas”. Complementa ainda, “e, contudo, é nessa intensidade, nessa fascinação, nessa capacidade de excitar que reside a própria essência e a característica primordial do jogo”. Assim, implica-se a alegria e a capacidade criadora do ser humano, todo o poder transformador, manifestando assim a vida em sua plenitude.

Sendo a ludicidade essencial para a vida humana, a reflexão sobre o fenômeno da ludopoiése e da humanescência merece ser ampliada, levada aos mais variados

contextos educativos, procurando fazer emergir o prazer, a alegria e o encantamento pela vida para que, cada vez mais, crianças, jovens, adultos e idosos encarem a vida com mais amorosidade, tenham mais oportunidades e, maior envolvimento com a vida, com toda a sua plenitude.

2.3 Do Humano à Humanescência

O ser humano é a mais bela e perfeita criatura que existe no universo. Foi criado por Deus, conforme sua imagem e semelhança. Cada um nasce com sua essência, característica própria, diferente uma da outra. Nossa vida não é igual à vida de outras pessoas, mesmo sendo de uma mesma família e tendo recebido uma mesma educação. Cada Ser é único no universo. Para compreender tudo isso, é importante entender um pouco sobre o ser humano, sobre si mesmo. César Coll (1995, p. 183) entende este desenvolvimento “como uma construção ativa que se torna realidade graças ao acesso a capacidades crescentes e às interações sociais que a criança estabelece com as pessoas que a rodeiam”.

A humanidade é única. Somos todos iguais perante Deus e as outras pessoas. Porém, humanidade não se manifesta com um só rosto, existem as diferenças entre cada um de nós, com formas diferentes de viver a vida. Somos mestiços, índios, brancos, pardos, negros, com maneira de ser, pensar, sentir, manifestada, principalmente, através das raízes culturais, de nossas crenças, valores e costumes de um povo. Para nos situar diante do mundo e da vida necessitamos da cultura, pois ela nos ajuda a construir nossa identidade pessoal e social, conseqüentemente, ajuda-nos a descobrir quem somos. Mas, como cuidar de nós mesmos, cultivarmo-nos com o auto-conhecimento, se não nos conhecemos?

Nas profundezas do passado os ancestrais de nossa espécie estavam absorvidos na tarefa de tentar compreender seu lugar no universo. Nossa espécie – Homo Sapiens – concentrou-se inicialmente, em descobrir quem somos através da experiência de nossos próprios movimentos pulsatórios interiores, e em tomar consciência do mundo dentro de nós, afirma John Pierrakos (2007), estudioso da Energética da Essência. O conceito de Essência, como núcleo da vida universal individuada, é bastante literal. De uma maneira

geral, a natureza da Essência pode ser descrita como “centro de energia correta”. “Correta” não implica um julgamento moral, significa energia direta, sem desvios, fluindo como um rio de vida desobstruído (PIERRAKOS, 2007).

Na dimensão biológica o ser humano nasce a partir da junção de células. Através do ato sexual o óvulo e o espermatozóide se unem dando origem a um novo Ser humano, dotado de códigos para a fabricação de todas as proteínas do nosso organismo, com características genéticas armazenadas nas fitas de uma substância química orgânica denominada ácido desoxirribonucleico, o DNA dos indivíduos.

Na vida intra-uterina, ao longo de nove meses o corpo passa por grandes transformações para a garantia das condições biológicas e neurológicas necessárias a sua sobrevivência, no ambiente externo ao útero materno.

Diferente do convívio no útero materno-infantil, onde o ser humano interage exclusivamente num ambiente pouco espaçoso, fechado, embora protegido, acolhedor e aconchegante, adentrar no mundo extra-uterino, diante da complexidade de se viver num ambiente amplo, aberto, sem muita proteção, totalmente dependente do contato e do convívio com outras pessoas é um grande desafio. Como não existe um manual orientando o como viver bem e melhor no planeta terra, por meio das relações e das interações com o meio, como seres multidimensionais, passo a passo nos adaptamos ao mundo, nos apropriamos dos diferentes saberes em diversos contextos que a vida nos oferece.

Maturana e Varela (2001) em suas observações nos campos de experiencição nos reconhecem como seres autopoéticos, com capacidade de autorregeneração, de autoprodução, de automanutenção, de produzirmos permanentemente, continuamente a nós mesmos, de flexibilidade e abertura para a vida. Têm também utilizado extensamente a biologia da célula para explorar os detalhes das redes autopoieticas. Uma rede de processos onde os componentes da rede geram a própria rede (MORAES E LA TORRE, 2004). A autopoiese – o padrão de organização dos sistemas vivos – é a característica que define a vida; é um conjunto de relações entre processos de produção. É como seres autênticos, criativos e recriadores que vivemos processualmente o fenômeno da autopoiese (MATURANA E VARELA, 2001).

Na ação sócio-educativa devemos tomar consciência de que os estímulos recebidos desde o ventre materno, acrescentado às crenças, aos valores e normas

vigentes na família, na escola, na sociedade, na igreja, no mundo, influenciam o processo de crescimento individual e coletivo. Daí a necessidade de conhecer a si mesmo, das relações com o outro, compreendendo melhor o mundo e, se for o caso, buscar novas possibilidades, a partir do que há dentro de si mesmo. Para entender melhor os outros, precisamos antes de tudo entender a nós mesmos.

Encontrar caminhos para aprender *o aprender a ser* é um grande desafio na contemporaneidade. Jacques Delors, em 1998, na Conferência Mundial sobre a Educação do Século XXI promove um repensar sobre a vida com inovações nas práticas pedagógicas que favoreçam não apenas o desenvolvimento da inteligência humano, mas, sobretudo, que colabore com a reforma do pensamento humano proposta por Morin (2005). Conhecer a si mesmo é observar. Desde os processos físicos do aparelho respiratório, circulatório, cardiovascular, até as sensações, sentimentos, emoções e pensamentos. Entender a si mesmo é estar consciente das dificuldades, fraquezas, limitações, buscando harmonia entre corpo e mente.

Sabemos que cada pessoa é diferente uma da outra. Ao mesmo tempo, identificam-se singularidades, particularidades em todos os seres dotados de essência humana. As experiências positivas ou negativas provocam marcas na nossa vida. Feridas no corpo emocional são guardadas na memória. Aprender a lidar com as diferenças entre as pessoas nem sempre é uma tarefa fácil. Para Morin (2005) somos seres inacabados, nos aperfeiçoamos na medida em que se navega por oceanos de incertezas. Este mesmo autor ajuda-nos a compreender que estamos simultaneamente dentro e fora da natureza (MORIN, 2005). Esta unidade complexa da natureza humana é totalmente desintegrada na educação por meio das disciplinas, tendo-se tornado impossível aprender o que significa ser humano. Portanto, é preciso restaurá-la, de modo que cada um, na realidade em que vive, conheça e tome consciência de sua identidade, complexa e ao mesmo tempo comum a todos os seres humanos.

Compreendemos que o ser humano traz em si a unidualidade originária. Ele é a um só tempo biológico e cultural, se realiza plenamente como ser humano pela cultura e na cultura (MORIN, 2005, p.52). “Somos originários do cosmos, da natureza, da vida, mas, devido à própria humanidade, à nossa cultura, à nossa mente, à nossa consciência tornamo-nos estranhos a este cosmos que nos parece secretamente íntimo” realça Morin (2005).

Ampliando nossa visão de mundo, ao lado de outras pessoas, com o coração transbordando de amor, surge o desejo de dividir sentimentos, partilhar calor humano, vitória, sucesso e tudo o que há de bom dentro de nós. Nasce o amor ao próximo, o desapego às coisas materiais, a vontade de doar-se, do dar sem receber, do servir ao outro. A sensação é tão boa que desejamos tudo isso infinitamente. Por isso Capra (2002) afirma “tudo está interligado e é interdependente”; Maturana e Verden-Zöller (2004) realçam que “nós, humanos, na qualidade de entes biológicos, estamos constitutivamente dotados de uma corporeidade dinâmica que, ao adotar configurações distintas, dá origem a emoções diferentes como disposições corporais dinâmicas diversas”.

Os estudos de Maturana e Varela (2001) conduzem nossas reflexões sobre os processos do autoconhecimento e da autocriação humana, mostrando a importância da vivência do lazer, das histórias de vida, da realidade concreta, dos processos autopoieticos, do desabrochar do espírito lúdico, para alcançarmos o estado pleno da ludicidade, reconhecido como fenômeno da ludopoiese (CAVALCANTI, 2010). Um saber essencial para o educador humanescente.

A humanescência, produto da autopoiese, a qual possibilita a expansão das essências humanas, o irradiar da luminosidade do ser, tem sido investigada em diferentes laboratórios vivenciais pelos pesquisadores da Base de Pesquisa Corporeidade e Educação, a partir dos estudos de Cavalcanti (2006) que estuda o fenômeno da essência do ser humano na sua relação com si mesmo, o outro, o mundo, materializada na metáfora da “Teia da Corporeidade”, que conseguiu articular princípios fundamentais para nossa epistemologia vivencial, corporalizada na Pedagogia Vivencial Humanescente, que “se constitui numa declaração de amor e poesia ao mundo que vive em cada um de nós” (CAVALCANTI, 2010).

Todos nós possuímos a capacidade de humanecer, de acordo com a forma que cada ser humano tem de ser e de estar no mundo, da qualidade e quantidade de seu fluxo energético humanescente. Conhecimento que impulsiona os pesquisadores a assumirem para si o desafio de se tornar humanescente como pressuposto existencial, ontológico para poder compartilhar novos projetos com o outro e com o mundo.

Humanecer é fazer brilhar a nossa luz! É o despertar para a condição humana suscitando admiráveis descobertas subjetivas, tendo a reflexividade sobre o desenvolvimento verdadeiramente humano que articula o conjunto das autonomias

individuais, das participações comunitárias e do sentimento de pertencer à espécie humana (MORIN, 2005 p.55).

Para tanto é necessário vivenciar um processo autoformativo permanente em sensibilidade, ludicidade, criatividade e humanescencialidade (CAVALCANTI, 2010). Aguçar a criatividade, a sensibilidade, a ludicidade, a alegria e a beleza torna-se uma exigência para educadores-pesquisadores reflexivos que buscam compreender as implicações decorrentes de uma cristalização de nossa entidade energética (PIERRAKOS, 2007).

Compreendemos que o ser humano não é apenas o único ser que tem consciência de si e que reflete sobre isto. É, além disso, o único ser que se percebe transcendental a toda e qualquer realidade. O ser integral sente-se em comunhão com a natureza, convive em harmonia com o seu semelhante e é capaz de criar a beleza e de transformar a realidade.

Assim, aprenderemos, desaprenderemos, reaprenderemos a humanecer, para saber ser melhores para conosco mesmo, com os outros, com o mundo. E isso exige uma grande abertura de nossa parte, em busca de novos níveis de consciência, que nos ajude a enxergar a beleza e propósito da vida, infinitas e inexploradas possibilidades disponíveis. Desta forma a educação será nutrida tanto nos mananciais da ciência e da filosofia, como da arte e da cultura.

Como água, junto a outras gotas d'água, desejamos submergir no oceano da humanescência, reconhecendo a multidimensionalidade do ser humano, refletindo sobre nossas ações, desenvolvendo nossa autonomia, criatividade e consciência crítica, vivenciando o belo, o sensível, aberta à vida.

Tudo isso nos ensina a compartilhar e experienciar conhecimentos, motivando à criação de espaços acolhedores, amigáveis, criativos e não competitivos, ambiente onde se estimule e valorize o fazer em contínuo diálogo como o ser que se expande e transcende, favorecendo a plenitude humana, o humanecer.

2.4 Da Educação à Transdisciplinaridade

Criar condições para que o ser humano construa seu conhecimento, seja criativo, questione, exerça suas potencialidades e sua “competência natural para o amor” (MORAES, 2004), superando as práticas educativas centradas na fragmentação e no isolamento do saber é um grande desafio, na atualidade.

Nas sociedades primitivas o processo educativo é bastante semelhante ao que os antropólogos estudaram nas sociedades isoladas do mundo contemporâneo. A educação iniciada no interior do núcleo familiar prosseguia nas atividades desempenhadas pelo grupo social, de acordo com o desenvolvimento das potencialidades físicas e intelectuais do ser humano. Os grupos educadores sucessivamente se encarregariam de transmitir ao indivíduo o saber necessário à sobrevivência. Durante toda existência, nosso processo de construção de conhecimento passa por muitas fases, embalado pelas mudanças de paradigmas e de acordo com os contextos sócio-histórico, político econômico, ambiental, cultural.

A palavra educação se origina do latim “educare”, vem de “educere”, significa conduzir, fazer emergir algo que é inerente e intrínseco. Entendemos que a aprendizagem acontece naturalmente e de acordo com o papel que o indivíduo exerça na comunidade. A família é a base educativa do ser humano, desde os mais elementares rudimentos de uma linguagem que estruturará seus conhecimentos até sua forma de pensar e agir. De acordo com a execução de tarefas produtivas surgem à necessidade de um aprendizado mais específico. Nesse caso, a questão educativa ultrapassa o ambiente estritamente familiar. É no espaço escolar que se realiza a socialização intelectual do indivíduo.

Da Idade Média europeia, quando o ensino foi ministrado de forma restrita, até meados do século XVII, quando foi criado o primeiro programa organizado de escolarização universal, pelo tcheco Comenius, no qual, todos teriam acesso e posteriormente seriam selecionados os indivíduos mais capacitados a cursar os ensinos superiores, muitas mudanças aconteceram no campo da educação.

As primeiras mudanças de paradigma na educação nascem no início do século XX com tentativas de renovação do conceito e métodos de educação, com elas surge o

movimento para uma educação ativa, na qual, todo cidadão é participante do processo educativo.

Destaca-se a metodologia dialógica da educação popular herdada do mestre Paulo Freire, o conhecimento sistêmico, da capacidade que o indivíduo tem de compreender os princípios básicos da vida e viver de acordo com eles. Reconhecido no campo educacional, na história da pedagogia, pela valorização do saber popular e pelo respeito à cultura do povo, Freire nos ensina (2000, p. 139): “A leitura de mundo revela, evidentemente, a inteligência do mundo que vem cultural e socialmente se constituindo. Releva também o trabalho individual de cada sujeito no próprio processo de assimilação da inteligência do mundo”.

Suas obras ‘Pedagogia do Oprimido’ e ‘Pedagogia da autonomia’, entre outras, têm influenciado a criticidade de seus leitores. Paulo Freire reflete sobre os saberes necessários à prática educativa-crítica fundamentados na ética pedagógica, mostrando que autonomia faz parte da natureza educativa. Sua concepção de ser humano é a de um sujeito inacabado, inconcluso. Propõe uma Educação popular emancipadora para o trabalhador, uma forma de alfabetizar respaldada no diálogo e na conscientização.

Na França, em 1970, no I Seminário Internacional sobre Pluri e Interdisciplinaridade, realizado na Universidade de Nice, no qual Jean Piaget questionando a fragmentação do conhecimento, criticando a disciplinaridade, propôs uma educação transdisciplinar (NICOLESCU, 2005).

Estudando suas concepções tive oportunidade de, não só conhecer, mas vivenciar as novas tendências progressistas e libertadoras da educação, que visam levar educador e educando a descoberta do saber, dando ao homem a oportunidade de pensar, tendo uma visão crítica do mundo que o cerca, levando-o a questionar sobre sua postura como cidadão na construção de uma nova sociedade. O Mestre Paulo Freire relata sua própria vivência: “Como educador preciso de ir ‘lendo’ cada vez melhor a leitura do mundo que os grupos populares com quem trabalho fazem de seu contexto imediato e do maior de que o seu é parte” (FREIRE, 2000, P. 90). Tais fundamentos são necessários na caminhada pastoral, principalmente, junto aos carentes e necessitados, excluídos da educação.

As ideias iniciais de Piaget tomaram corpo na Carta da Transdisciplinaridade, em 1994, no I Congresso Mundial de Transdisciplinaridade, na Arrábida, Portugal,

produzido pela UNESCO. Lima de Freitas, Edgar Morin e Basarab Nicolescu afirmam que “a transdisciplinaridade não busca o domínio de várias disciplinas, mas a abertura de todas elas àquilo que as atravessa e as ultrapassa” (NICOLESCU, 1999, pág. 148).

No Brasil, desde o início do século XX, vem sendo construída de forma coletiva, compartilhada e em comunhão a história da Educação Popular em Saúde visando a tão almejada sociedade mais justa e solidária. Militantes e intelectuais, setores da sociedade civil organizada, por caminhos diferentes, vêm procurando atuar pedagogicamente junto às classes populares, unidos em pensamentos, sentimentos e ações. No entanto, todos esses grupos não tiveram o resultado esperado, propunham e tinham uma atuação pedagógica muito diretiva, apesar de suas críticas ao modelo de organização política e econômica dominante e de estratégias para sua superação (VASCONCELOS, 2011).

A ação pedagógica no meio popular ganha maior espaço a partir da década de 1960, com as ideias de Paulo Freire expressas em suas obras, desencadeando na classe urbana uma onda popular marcada por muita busca de superação, criatividade e saberes, fazendo emergir grandes mobilizações e organizações sociais por toda América Latina. Ele propunha através da alfabetização um processo de construção de um homem novo, de uma mulher nova, capazes de expressarem suas histórias de vida, participantes da história do país (VASCONCELOS, 2011).

Processo fundamental para o crescimento progressivo dos movimentos populares na política brasileira, porém esse movimento foi amortizado pelas ditaduras militares. Na contra mão da história, com o apoio de vários atores envolvidos nas lutas populares, essas ideias foram evoluindo com o passar das décadas. Nas décadas de 1970 e 1989 ações pedagógicas no meio popular, práticas de Educação popular ressurgem sob as mais variadas formas, crescem e se espalham nas comunidades, despertando o interesse e a mobilização das classes populares (VASCONCELOS, 2011).

A primeira iniciativa registrada foi o Movimento Popular de Saúde, o MOPS, criado na década de 1980, ampliando a articulação e a mobilização, apoiando os trabalhos educativos e organizativos, os movimentos populares. Desde então a vida política da nação foi se tornando fortemente marcada pela atuação de movimentos sindicais e de novos movimentos sociais (VASCONCELOS, 2011).

Embora seja possível perceber uma mudança de comportamento e um esforço para ocupar esses espaços públicos de gestão, por parte da sociedade civil, iniciativas que conseguiram criar espaços de debate e articulação de atores sociais preocupados com a temática, como o Movimento Popular de Saúde – MOPS, o Movimento de Educação de Base – MEB, entre outros, parece ter enfraquecido, ou deixaram de atuar. São poucas as organizações não-governamentais que colocam a saúde como prioridade, no conjunto de suas ações de educação.

Do ponto vista humano, a educação tem por objetivo levar o indivíduo realizar sua potencialidade com vistas à formação e o desenvolvimento de suas personalidades. Visa também o desenvolvimento harmônico do corpo e do espírito; importa os aspectos emocionais, o pensamento crítico, a criatividade, a estética, a ética, a formação moral e política para o pleno exercício da cidadania.

A busca do diálogo, elemento essencial à Educação Popular é descrita por Brandão (2001) como parte da aventura da educação, sendo este não uma simples metodologia de trabalho, mas, “o fim e o sentido de uma educação conscientizadora”, revigorada pelo contexto no qual se insere e pela relação íntima que mantém com a vida dos movimentos sociais populares.

Conhecer a trajetória da Educação Popular em Saúde no Brasil, bem como os valores e princípios que a fundamentam, ajuda a compreender as exigências colocadas pela complexidade da realidade brasileira na atualidade. Resgatar sua história possibilita revisitar nossa própria história de vida, avaliar o que foi possível construir a partir dos problemas das sociedades atuais através do diálogo com os seres humanos, um ato de criação e recriação.

Tomando as ideias de Paulo Freire como expressão da ação educativa, um meio de intervenção política de homens e mulheres, na qual o educador, a educadora não pode se portar como dono da verdade. Devem entender a importância do diálogo entre os saberes populares e científicos, do respeito ao que cada pessoa sabe, a partir daí constroem um novo saber. Freire pensava a comunicação e a cultura como instrumentos pedagógicos de desvelamento da realidade como formas de estabelecer um diálogo real entre as pessoas, possibilitando uma participação mais efetiva na sociedade. Portanto, a educação, comunicação e cultura popular estão intimamente ligadas e fazem parte do mesmo processo pedagógico libertador (FREIRE, 2002 p.72). Uma maneira de

despertar a consciência das pessoas em relação ao lugar que ocupam na sociedade, uma consciência social, das classes populares, dos trabalhadores, das trabalhadoras.

Aliado a isto e de acordo com as diversas mudanças ocorridas na sociedade brasileira ao final da década de 1980, especialmente a partir da década de 1990 a Educação Popular em Saúde tem buscado novas formas de se desenvolver, acompanhar e contribuir com os movimentos sociais populares para o enfrentamento dos desafios apontados pela realidade atual. Vários canais de participação foram criados, estabelecendo no cenário público uma nova forma de relacionamento entre sociedade civil e Estado. Os vários conselhos deliberativos, os fóruns temáticos, as câmaras técnicas setoriais, entre outros, foram se constituindo como forma de a sociedade civil interferir nas políticas públicas gerenciadas pelo Estado e assim, tomar parte no que se convencionou chamar de Controle Social. Tal mudança exige dos principais membros envolvidos um conhecimento acerca dos planos, programas, projeto, das políticas públicas em execução para que não ocorra uma desqualificação no poder de argumentação e barganha.

Precisamos estar atentos às naturezas e formas de organizações sociais e populares que despontam no mundo do trabalho, para que possamos contribuir no debate político e ajudar a criar modalidades de participação política que sejam capazes de responder aos interesses próprios das camadas populares e sintonizadas com luta pela cidadania.

No seio do processo de redemocratização do país, outras emergentes manifestações culturais apontam que a construção de um novo projeto de sociedade passa, necessariamente, pelo crescimento das pessoas na sua individualidade mais profunda, para que se possam criar formas cada vez mais abertas e democráticas das pessoas se relacionarem e, assim, constituírem uma sociedade de fato justa, solidária e respeitosa para com o ser humano, ou seja, uma sociedade humanizadora.

As práticas desumanizadoras se perpetuam em nossa sociedade desde o período da colonização até os dias atuais. Herança que promoveu e ainda promove exploração e morte de diversos povos na América Latina e no Brasil. Estamos mergulhados dos pés à cabeça nessa história. No entanto, mesmo que a desumanização seja “um fato concreto na história, não é, porém, destino dado”, nos ensina Paulo Freire (FREIRE, 1987).

Ao reconhecer o outro um ser humano integral, com suas dificuldades, conflitos, dúvidas, certezas, incertezas, afetividades estou também me repensando como pessoa, como integrante de grupos, organizações, partidos políticos. Este exercício ajuda a olhar a sociedade compreendendo a importância do indivíduo, seus interesses e dilemas.

Com a criação do SUS, muitos profissionais e militantes do setor saúde se voltaram para o trabalho de reorganização institucional, não valorizando a atuação pedagógica. Outros, no entanto, abraçaram o trabalho educativo nas comunidades, nos serviços de saúde, mergulhando nos novos caminhos da água, entusiasmados com o potencial sanitarista da Educação Popular em Saúde.

O direito da sociedade de participar na política pública de saúde foi resultado de inúmeras mobilizações e lutas sociais, conduzidas principalmente pelo Movimento pela Reforma Sanitária desde os anos 70, que conseguiram assegurar na Constituição Federal de 1988 o setor saúde de relevância pública, ficando o Estado obrigado a garantir as condições necessárias ao atendimento à saúde da população, inscrevendo um novo conceito de saúde expresso em seu Artigo 196º:

A saúde é um direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visam a redução de risco de doenças e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para a sua promoção, proteção e recuperação (CF-1988)

Então podemos dizer que a prática de educação popular acontece quando educandos e educadores se assumem como sujeitos transformadores agindo sobre a realidade a qual estão inseridos. Essa orientação popular da educação é ainda um desafio quando pensamos o Sistema Único de Saúde, a educação em saúde, a formação dos trabalhadores de saúde.

Nos vinte e quatro anos de implementação do Sistema Único de Saúde – SUS alcançamos algumas conquistas importantes. Neste sentido, abrem perspectivas para o desenvolvimento de ações que ofereçam educação permanente em saúde.

A Educação Popular em Saúde apresenta-se como um instrumento poderoso de busca da integralidade no SUS, na medida em que fortalece a participação popular; um campo de ação e de reflexão, que uni fé e vida, tornando o diálogo e integração entre os

saberes popular e científico um ato político na perspectiva da construção compartilhada de soluções criativas, mobilizadoras, articuladoras, reconstrutoras das práticas do SUS.

A década de 2000 foi marcada pela busca de criação de políticas de estado que difundam e incorporem a Educação Popular como estratégia de tornar o SUS mais participativo, adequado as necessidades da população, potencializando-a para o enfrentamento dos determinantes sociais das doenças.

A educação para o século XXI tem um marco importante, o Relatório *Educação: Um tesouro a Descobrir* da Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI, coordenado por Jacques Delors (1998). Na essência de seu conteúdo traz uma educação que trata o ser humano na sua totalidade, integralmente. Ao estabelecer os quatro pilares da educação *Aprender a ser, a fazer, a viver junto e a conhecer* abriu um leque de possibilidades, que constituem aprendizagens indispensáveis nos espaços educativos, devendo ser estimulada de forma permanente.

Neste estudo, a Educação que queremos refletir e compartilhar no seio da ANEPS-RN é a formação e a autoformação humanescente de educadores em saúde. É a busca do equilíbrio e aprofundamento dos sentidos, das emoções, dos conhecimentos, da atuação. É a transformação do senso comum em bom senso, em sabedoria.

O papel da ANEPS é articular e apoiar os movimentos e as práticas de educação popular em saúde a fim de que possam qualificar suas práticas, desenvolver processos formativos e reflexivos a partir da práxis e interferir na formulação de políticas públicas. Esta tem ações em realizações de encontros locais, estaduais e nacional, nos processos de formação em conjunto, na organização de fóruns, ao desenvolver ações de saúde, nas lutas sociais, interagindo com a educação, a promoção à saúde, a informação e a comunicação. A participação popular na formulação e gestão de políticas públicas ainda é um processo em construção.

O físico Fritjof Capra, fundador e diretor do centro para alfabetização ecológica em Berkeley, Califórnia, Estados Unidos, no livro ‘A Teia da Vida’, apresenta a ‘Alfabetização Ecológica’ ou ‘Ecoalfabetização’ e seus princípios: interdependência, ciclagem, parceria, cooperação, flexibilidade e diversidade. Para Capra (1996, p.231), a sabedoria da natureza é a essência da ecoalfabetização: “Reconectar-se com a teia da vida significa construir, nutrir e educar comunidades sustentáveis, nas quais podemos

satisfazer nossas aspirações e nossas necessidades sem diminuir as chances das gerações futuras”.

No pensamento de Capra, os princípios da ecologia regem padrões básicos da vida, os princípios de organização comum a todos os sistemas vivos, geradores da sustentabilidade planetária, de interdependência dos ecossistemas. Para o autor, a alfabetização ecológica ajudará a humanidade a transcender a diversidade cultural, as diferenças de raça, a divisão entre as classes sociais e reconstruir um novo mundo, um modo de vida sustentável, conseqüentemente uma vida mais bela.

Incorporando princípios da teoria da visão sistêmica de Lakatos, Prigogine e a teoria da complexidade do educador e filósofo contemporâneo Edgar Morin, a Ecopedagogia fundamenta-se no conceito de cidadania planetária, na complexidade, sustentabilidade, transdisciplinaridade e holismo. Nela os conhecimentos devem ser significativos, tanto para os indivíduos quanto para o equilíbrio de todo o sistema planetário.

Edgar Morin, um dos pensadores mais importantes do Século 20, pesquisador emérito do Centro Nacional de Pesquisas Científicas, formou-se em história, geografia e direito, migrou para a filosofia, a sociologia e a epistemologia. Propõe uma nova estrutura para a educação, defendendo a interligação de todos os conhecimentos, combatendo o reducionismo. Publicou em 1977 as primeiras explanações sobre o pensamento complexo no livro ‘O método’. Para Morin (2005, p.55), estamos simultaneamente dentro e fora da natureza: “Cabe à educação do futuro cuidar para que a idéia de unidade da espécie humana não apague a idéia de diversidade e que a da sua diversidade não apague a da unidade”. Morin (2005) também aponta a transdisciplinaridade como a saída para aprendermos a lidar com as situações complexas, com os estudos da complexidade.

As idéias de Capra (2006, p. 41) ajudam a compreender melhor esse processo. Ele afirma que “o grande impacto que adveio com a ciência do século XX foi a percepção de que os sistemas não podem ser entendidos pela análise. [...] Na abordagem sistêmica, as propriedades das partes podem ser entendidas apenas a partir da organização do todo”. Com ele entendemos que as propriedades essenciais de um organismo são propriedades do todo, surgem das interações, das relações e da interdependência de suas partes. Mostra que o pensamento sistêmico é contextual, o oposto do pensamento analítico.

Em alguns territórios o ser humano é visto em sua totalidade dinâmica, integrado ao ambiente que o cerca, em permanente conectividade com a vida. Nutri-se a esperança de um mundo melhor, possível de ser redescoberto, reconstruído, reconquistado. Com ele nasce um novo potencial de vida, de infinitas possibilidades de reconciliação do ser humano com a natureza, o mundo, o cosmo. É nessa perspectiva que trilhamos o caminho da formação e autoformação humanescente a partir da corporeidade, para uma nova compreensão do ser humano, abrindo mão de nossos arcabouços de visões convencionais e lineares, nos dispondo a abraçar a própria vida, viver com dinamismo e intensidade, de forma prazerosa, amorosa, poética, no fazer da vida uma verdadeira obra de arte.

Nesse sentido, a Educação transdisciplinar deve influenciar a estrutura e o funcionamento dos sistemas de ensino, numa perspectiva renovadora de gestão democrática, participativa e de descentralização, superando o preconceito introduzido pela hierarquização dos saberes. Entende-se que o conhecimento é mutável, nunca é definitivo, mas um produto da humanidade, ligado às histórias de vida, ao contexto histórico dinâmico como o são aqueles que o vivenciam.

A convite da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), em 1999 Edgar Morin sistematizou um conjunto de escritos e produziu um estudo sobre o cidadão do século 21, fazendo surgir uma de suas obras mais conhecida “Os sete saberes necessários à educação do futuro”. Sua publicação proporcionou a UNESCO cumprir seu compromisso com uma educação integral e de qualidade. Os Parâmetros Curriculares da Educação Brasileira teve como base seu conteúdo.

A transdisciplinaridade exige uma atitude mais aberta, de respeito mútuo e mesmo de humildade em relação a mitos, religiões, sistemas de explicação e de conhecimentos, rejeitando qualquer tipo de arrogância ou prepotência, nela todos os saberes são igualmente importantes (D’AMBRÓSIO, 2003); Propõe uma visão não separada, dividida, uma educação que busca ultrapassar a visão fragmentada do homem que vigora no mundo atual, no nosso país, nas cidades, nas escolas e universidades. Estimula a educação integral do ser humano, tornando-o capaz de pleno desenvolvimento e em contínua evolução, que busca uma vida saudável e plena.

Para se desenvolver um pensamento transdisciplinar é necessário uma profunda capacidade de reflexão e de autorreflexão, a abertura ao desconhecido e ao inesperado e

o necessário rigor científico, ressalta (MORAES, 2004). Embora esse novo olhar sobre a transdisciplinaridade traga outro desafio: o de transitar pela diversidade das áreas do conhecimento. Desafio que a interdisciplinaridade tem enfrentado.

Desde o nascimento a criança aprende de forma integral, holística, global, compreendendo o mundo em seu conjunto. Ao ter acesso a escola sua exposição verbal é complementada pelos livros e padrões sociais. Até os dias atuais nota-se em muitas escolas que o aluno é considerado “objeto”, senta-se, cala-se, copia. Sua participação ativa do processo educativo é combatida. Sente-se paralisado, incompetente diante da miséria humana, pouco se prepara para a vida. É preciso repensar todo o universo educacional. O cenário dos últimos acontecimentos envolvendo jovens de classe média-alta em massacres, sequestros, assaltos, tráfico e corrupção atesta isso.

Na educação, a abordagem transdisciplinar promove uma significativa transformação. Tradicionalmente, os professores expõem conteúdos de forma fragmentada, sua função é ensinar, repassar informações. Apesar dos avanços no âmbito educacional, muitos se encontram alheios a realidade existencial dos alunos, concentrando-se na organização lógica dos conteúdos, como forma de impor sua autoridade, tornando o aluno um ser incapaz de pensar. Como resultado, observamos um número crescente dos excluídos sociais. A maior de todas as punições para um ser humano.

Os novos horizontes da Pedagogia Vivencial Humanescente exigem do educador uma leitura constante de sua prática pedagógica, competências, sensibilidades, solidariedade, reflexão, criticidade, autonomia e compromisso, um processo dinâmico ao longo da vida, aprofundando saberes, aprimorando habilidades, construindo e produzindo conhecimentos, compreendendo melhor o funcionamento do cérebro e da mente humana. A educação deve, portanto, buscar respostas às demandas da sociedade percebendo a interligação dos saberes, contribuindo amplamente com a construção de um mundo cada vez melhor.

Diante dos desafios atuais da realidade, sobretudo das violações da paz e da destruição da vida, é preciso reconstruir a dimensão transformadora da educação. Para isso, é preciso acreditar no ser humano, em seus valores, e formar cidadãos livres, autônomos, críticos, políticos e criativos que buscam realizar seus ideais e aprendam a fazer uso de suas potencialidades cerebrais, de forma integral e holística. É nesse

sentido que a Educação pode ser um instrumento fundamental no processo de caminhada emancipatória da humanidade.

Percebemos hoje, mais do que nunca, o caráter excludente e reducionista do paradigma civilizacional pós-moderno. Daí a urgência de se estimular a Pedagogia Vivencial humanescente nos espaços educativos diversos. Mesmo entendendo que a vida é extremamente complexa.

Nesse sentido, a transdisciplinaridade torna-se um novo jeito de superarmos a lógica e a fragmentação das ciências especializadas, como vem preconizando há tempo Edgard Morin. Para ele a transdisciplinaridade é a única solução possível para libertarmo-nos do beco-sem-saída no qual nos encurralou a ultra-especialização de nossas ciências modernas (MORIN, 2007). Entendemos que a realidade se dá numa complexa e densa teia de relações, na Teia da Corporeidade, como sinaliza Cavalcanti (2010), e na Teia da Vida, flexível, flutuante, como mostra Fritjof Capra (2006) quando estabelece uma nova linguagem científica que descreve os interrelacionamentos e as interdependências entre fenômenos psicológicos, biológicos, físicos, sociais e culturais.

Portanto, a transdisciplinaridade implica o desenvolvimento de novas práticas educativas que amplie nossa capacidade de reflexão, interiorização e harmonização, que desenvolva o autoconhecimento, bem como facilite processos de construção de conhecimento voltados para o desenvolvimento humano, possibilita resgatar o que há de melhor, de mais belo e profundo no ser humano: a sua inteireza, realização e crescimento integral. Para tanto, necessitamos de metodologias ativas que envolvem a corporeidade e a realidade da vida das pessoas, os problemas enfrentados pela comunidade, como veremos a seguir.



*Quanto mais investigo o pensar do povo com ele, tanto
mais nos educamos juntos. Quanto mais nos educamos,
tanto mais continuamos investigando.*
Paulo Freire

CAPÍTULO 3

GOTAS D'ÁGUA EM MOVIMENTO

NA TEIA ETNOFENOMENOLÓGICA

No cenário construído para a abertura deste capítulo colocamos algumas pedras lisas, límpidas, polidas, simbolizando a energia do amor à vida, representando as gotas d'água participantes desta pesquisa, unidas as partes e o todo no universo. A forma encontrada para distribuirmos melhor a representação do fluxo de energia sentida no corpo por inteiro. A sensibilidade, harmonia, beleza, alegria e satisfação iluminaram nossa obra prima. É a própria arte da vida de uma educadora popular que busca o *querer bem* em tudo que faz. Nela percebemos a circularidade, o movimento, a corporeificação da ludopoiese, os caminhos percorridos e a seguir. Um processo contínuo de encontros e reencontros com os cenários poiéticos, na produção e na organização da obra de arte da vida.

A imagem representa também o processo de construção e a opção metodológica utilizada nesta pesquisa. A construção de cenário com o jogo de areia tem ajudado nas escolhas que se faz, melhora a visão sobre si mesmo, as relações com os outros e com o mundo. Percebe-se uma vida mais bela, bonita de se ver, e isso certamente eleva bastante a autoestima. Busca-se evoluir e aperfeiçoar a capacidade criadora no modo de aprender a fazer da vida uma obra de arte. Vivenciar o prazer e a alegria de viver a vida com intenso brilho e beleza é um fator primordial para a autoformação humanescente.

Neste capítulo apresentamos o laboratório vivencial no qual foi realizada a pesquisa; a abordagem etnofenomenológica; os princípios etnofenomenológicos da autoformação humanescente; a construção dos dados.

3.1 O Oceano da Pesquisa

Existem muitas iniciativas que trabalham pela educação e por um mundo melhor, buscando apreender as concepções e saberes acerca da vida, saúde, doença, cura na visão de quem vivência as práticas educativas, os movimentos sociais e populares.

No ano de 2003, organizou-se no país uma articulação nacional reunindo redes de Educação Popular e Saúde, diretórios de estudantes, movimentos sociais e populares, grupos de trabalho, confederações de trabalhadores, cuja finalidade é articular, conhecer

e refletir sobre as experiências de educação popular na área da saúde. Desde então foi reconhecida em todo país como uma Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular em Saúde.

A Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular em Saúde – ANEPS é um espaço de articulação entre saberes, práticas e movimentos, composta por movimentos sociais, práticas populares de saúde e práticas de educação popular em saúde, propõe a construção de diálogos entre formação e experiência, com a finalidade de articular, reconhecer e fortalecer a diversidade de saberes que estão relacionados aos modos de pensar, fazer e cuidar da saúde da população. O estudo envolveu dez educadores em saúde com idade entre 30 a 74 anos, integrantes do Núcleo Estadual da Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular em Saúde – ANEPS-RN. Utilizamos o cronograma de reuniões do grupo para realização de vivências ludopoiéticas, em sua maioria na segunda quinta-feira de cada mês, de acordo com a disponibilidade dos educadores, no horário da manhã, dentro do tempo dedicado as reuniões do grupo.

A chegada da ANEPS tem sido um fator de retomada e ampliação da articulação dos movimentos e práticas populares e de educação popular em saúde. Como educadora popular, integrante do Núcleo Estadual da ANEPS/RN reconhecemos que, embora isolados e desarticulados entre si, muitos programas foram criados com o objetivo de melhorar a formação em saúde, tais como a Capacitação e Formação em Saúde da Família, Profissionalização dos Trabalhadores da Área de Enfermagem, Desenvolvimento Gerencial de Unidades Básica de Saúde, Interiorização do Trabalho em Saúde, Incentivo às Mudanças Curriculares nos Cursos de Graduação em Medicina, além dos programas de mestrado profissional e cursos de formação de conselheiros de saúde e de membros do Ministério Público para fortalecer o controle social no Sistema Único de Saúde - SUS, provocando algumas alterações na formação e cuidado em saúde, entretanto as práticas educativas e as ações e serviços do SUS não avançaram na mesma velocidade. Percebe-se então que é preciso mudar, ao mesmo tempo, as práticas educativas e as ações e serviços do Sistema Único de Saúde.

Dialogar sobre a prática educativa, retirando dela suas essências, é como reduzir a realidade da educação a uma infinidade de gotas d'água. É nesse sentido, que se busca rever partes de nossa trajetória de formação pessoal e profissional, na tentativa de somar esforços, que permita desenvolver o espírito científico e o pensamento

reflexivo, tornando-me apto a cumprir minhas funções, colaborando para o desenvolvimento sócio educativo.

Com o tema “O Caminho das Águas” a capital federal acolheu, em dezembro de 2003, participantes vindos dos mais longínquos recantos deste imenso Brasil, com suas diversidades de culturas e saberes, para realização do I Encontro Nacional da ANEPS, em articulação com o Ministério da Saúde. O evento abriu espaço para reflexões importantes sobre a construção de uma política nacional de educação popular em saúde, influenciando e intervindo na formulação coletiva de políticas públicas, no desenvolvimento de processos formativos e reflexivos, de consolidação do Sistema Único de Saúde - SUS e seus princípios, como estratégia de efetivação de uma democracia participativa que garanta o direito humano à saúde, o fortalecimento da participação popular no SUS e o respeito aos diversos saberes e fazeres.

A ANEPS parte do princípio de que todas as pessoas, organizações, comunidades e grupos têm o direito de participar das discussões e decisões da sociedade, quando o assunto é saúde. “As rezadeiras, os curandeiros, os raizeiros e raizeiras, as parteiras, todas essas pessoas vivem em permanente contato com os problemas de saúde do povo e tentam encontrar soluções. Essas pessoas devem ser chamadas a opinar sobre saúde, a partir das suas experiências de vida e do saber que acumularam”, dizem os educadores participantes da ANEPS.

Os educadores em saúde da ANEPS-RN formam um grupo diversificado de pessoas. São cidadãos e cidadãs advindos de diferentes municípios, distribuídos nas regiões do estado do Rio Grande do Norte. Dentre esses municípios destacamos Natal, São Gonçalo do Amarante, Macau, Santa Cruz, Pedro Avelino, Caicó, Mossoró e Pau dos Ferros. Inclui desde os profissionais que têm pessoas com formação acadêmica, como também benzedadeiras ou rezadeiras, curadores, raizeiros, parteiras, conselheiros de saúde, usuários do SUS, entre outra gente simples que em sua maioria possuem apenas o ensino fundamental, todos se juntam numa mesma roda de conversa, para discutir sobre saúde de forma democrática e participativa.

Longe de assumir o caráter de instituição, a ANEPS reúne representantes de secretarias municipais de saúde e da Secretaria Estadual de Saúde, das universidades, de organizações não-governamentais ligadas ao tema, de grupos de teatro, de movimentos como a biodança, das práticas populares de saúde, entre outros participantes. Realizamos reuniões mensais, em âmbito estadual, todas as segundas quintas-feiras de

cada mês, em Natal. Os participantes da ANEPS regionais se reúnem e se articulam, mensalmente, em sete regiões diferentes no Estado. São as regiões do Agreste, Mato Grande, Trairí, Oeste, Alto-Oeste, Seridó e Grande Natal.

A ANEPS-RN durante seus anos de existência e de resistência vem articulando e apoiando o enfrentamento dos problemas locais junto às práticas populares e comunitárias, buscando visibilidade, fazendo acontecer suas lutas cotidianas. No entanto, o funcionamento da saúde no Estado do Rio Grande no Norte está profundamente vinculado à estrutura social, política, econômica e cultural secularmente predominante, assim como em todo país. Nos últimos anos, quando a legislação em vigor, a partir da Constituição Federal promulgada em 1988, abre espaço e canais de participação popular para o controle social das políticas públicas de saúde, a atuação das representações da sociedade civil ainda é tímida.

Para aprofundar os estudos e adentrar nesse universo buscamos a abordagem qualitativa adotando princípios da pesquisa-ação existencial numa perspectiva etnofenomenológica que possibilitou descrever e interpretar como a ludopoiese e a humanescência se revelam na vida de educadores em saúde e contribuíram para a sua autoformação, procurando fazer uma releitura do laboratório vivencial investigado com as categorias estruturantes da ludopoiese: Autotelia, Autoterritorialidade, Autoconectividade, Autofruição e Autovalia. No processo de análise dos dados se destacam estas categorias.

Utilizamos como instrumento metodológico a observação direta, entrevista participante, vivências ludopoiéticas e o registro fotográfico. Além disso, utilizamos as impressões imagéticas de cenários construídos com o jogo de areia como interpretação simbólica do vivenciado, e das circunstâncias vibracionais e contextuais.

Assim, a reflexividade sobre como a ludopoiese e a humanescência se revelam na vida de educadores em saúde e contribuíram para a sua autoformação, torna-se importante para as mudanças e transformações sociais que desejamos. É um estímulo para o grupo de dez educadores em saúde participantes do Núcleo estadual da Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular em Saúde - ANESP/RN, que corresponderam aos critérios, na busca da sintonia com o campo de investigação, ao desenvolvimento da ludopoiese. Uma tarefa inacabada e seguramente inacabável.

Por isso, tenho a segurança e a certeza que a Educação popular em saúde e a pedagogia vivencial humanescente são uma necessidade e um direito de todo cidadão e cidadã. A arte, a beleza, nossa alegria de viver, são elementos importante para nossa autoformação no campo social e profissional.

O Mestre Paulo Freire (2000, p. 107) enfatiza “Quanto mais penso sobre a prática educativa, reconhecendo a responsabilidade que ela exige de nós, tanto mais me convenço do dever nosso de lutar no sentido de que ela seja realmente respeitada”. Resta-nos desenvolver, cada vez mais, o querer bem à nossa atuação profissional, com autonomia e amor ao conhecimento, aos saberes necessários à prática educativa.

Nesta perspectiva, educadores em saúde atuantes no caminho da água, no percurso do processo de autoformação humanescente corporalizam sua prática educativa, reconhecem a responsabilidade que ela exige na luta e defesa da saúde, como direito, no permanente exercício de cidadania, no fazer da vida uma obra de arte. A seguir, relatos sobre parte das origens de suas práticas, corporalizados ao longo da vida:

Iniciei o trabalho de rezadeira ainda jovem, quando ouvi uma voz que dizia para cuidar bem do meu corpo e da minha alma, e de quem mais precisasse desse cuidado. A partir daí, passei a me dedicar às rezas, buscando sempre melhorar a saúde das pessoas que me procuram. Aprendi com minha avó, que aprendeu com minha bisavó que rezava até quebra-dura de osso e dor no corpo (GOTA D'ÁGUA BRANCA, 2010).

Iniciei esse trabalho no sítio onde morava. Desde menino aprendi com meus pais o cultivo com a terra. Isso me levou ao saber como aprender a cuidar das plantas para fazer chás, xaropes, garrafadas, tinturas, Elixires. Sei também colher sementes no tempo certo de preparar óleos. (GOTA D'ÁGUA ALARANJADA, 2010).

Sou Educadora popular, líder da Pastoral da Criança, iniciei a prática educativa há 16 anos. No entanto, a formação em massoterapia aconteceu no ano 2000, através de um curso promovido pela Universidade do Ceará, apesar da pouca leitura que eu tinha. Repasso esse conhecimento nos grupos que participo, estimulando o cuidado com os idosos, gestantes e crianças. (GOTA D'ÁGUA ROXA, 2010).

Sou Funcionária Pública, há quase trinta anos trabalho com Educação em Saúde, iniciei nas comunidades rurais. Hoje,

multiplico os conhecimentos com outros educadores em saúde levando informações sobre educação e comunicação em saúde, através da Secretaria Estadual de Saúde. Sinto muita alegria no que faço, mais ainda por ensinar para outras pessoas aquilo que aprendi na ANEPS através das vivências e das práticas integrativas, principalmente o cuidado com o corpo, a mente, o espírito (GOTA D'ÁGUA ESVERDEADA, 2010).

Sou Educador popular, articulador do Centro Nordestino de Medicina Popular no estado do Rio Grande do Norte. Atuo junto a comunidades nos meios urbano e rural disseminando práticas de promoção à saúde, segurança alimentar e nutricional colaborando na formação de lideranças visando à melhoria da qualificação de agentes sociais, para o bom desenvolvimento de sua atuação no controle social das políticas públicas. Iniciei esse percurso na comunidade junto ao setor social da Arquidiocese de Natal há 13 anos. (GOTA D'ÁGUA AZUL, 2010).

Sou Educadora popular nas comunidades rurais, onde o Serviço de Assistência Rural atua. Aprendi com Paulo Freire os valores da educação popular, uma educação libertária, emancipatória, transformadora. Iniciei minha prática na comunidade há 22 anos. (GOTA D'ÁGUA ROSA, 2010).

Educação é tudo de bom! Sou educadora em saúde da Região de Saúde do Mato Grande. Muitos profissionais me procuram com interesses sobre as práticas integrativas, populares e complementares. Estou mergulhada nesta missão desde que iniciei no serviço público, há 12 anos (GOTA D'ÁGUA AMARELADA, 2010).

Sou educadora popular desde muito cedo, ainda nas brincadeiras de infância aprendi esse ofício. Na Pastoral da Juventude aprendi o sentido da vida pastoral, enfrentando os problemas das comunidades de base. Caminhada iniciada em Macau há aproximadamente 40 anos (GOTA D'ÁGUA LILÁS, 2010).

Aprendi nas reuniões da ANEPS a conviver melhor em grupo. É um trabalho muito significativo para minha vida. Sou outra pessoa, diferente de quando entrei na roda. Após minha aposentadoria trouxe para a roda aquilo que conheci na vida profissional, tudo de bom que exercito na minha vida pessoal, principalmente através do tai chi chuan. Aprendi na minha juventude a reconhecer e a valorizar os cuidados com o corpo e a mente (GOTA D'ÁGUA MARRON, 2010).

Sou candomblecista. Nasci e cresci nas casas de terreiros ao lado de minha família. Tenho muito orgulho de minha prática. Ajudo muita gente que me procura angustiada, sofreda, rejeitada, com problemas

de saúde grave. Agradeço aos meus ancestrais tudo o que sei. O candomblé a minha vida! (GOTA D'ÁGUA VERMELHA, 2010).

Na sequencia, selecionamos alguns relatos sobre o significado da participação no núcleo Estadual da ANEPS, sua importância na vida dos participantes da pesquisa:

É grande a satisfação que sinto de participar desse grupo. Penso que estou ajudando as pessoas a cuidarem das doenças que existem no mundo e que podem trazer muitas dores para o corpo, muitas perturbações para a mente (GOTA D'ÁGUA BRANCA, 2010).

Como educadora popular gosto muito do que faço na ANEPS. Amo esse trabalho, como amo meu ofício. Se paro, ou fico longe desse trabalho, parece que meu corpo adocece todo. É como sendo parte de minha vida, o gosto por esse grupo. Fico feliz quando vejo uma pessoa curar da doença usando plantas, ervas e banhos, por isso venho sempre as reuniões, para repassar esse conhecimento (GOTA D'ÁGUA ALARANJADA, 2010).

Na ANEPS encontrei gente igual a mim, que se cuida e ajuda a cuidar dos outros. Adoro as reuniões e os encontros estaduais. Só não participo dos encontros fora, pois não posso viajar. Cuidar do corpo das pessoas é muito bom. Sinto muita energia ao tocá-las. Existe uma troca de energia; tudo o quanto passo para as pessoas é fruto do amor que sinto por elas. Penso que recebo muito mais do que aquilo que passo de bom para as pessoas (GOTA D'ÁGUA ROXA, 2010).

Aprendi na ANEPS que os bons pensamentos ajudam a viver melhor, com mais saúde e qualidade de vida. Esse trabalho é tudo o que sou. Significa muito para minha vida pessoal e profissional (GOTA D'ÁGUA ESVERDEADA, 2010).

A Educação popular é parte de minha vida. Como educador sinto que me renovo a cada instante. Vejo a vida por muitos ângulos. Tudo o que sou é fruto do que aprendi junto à família e no trabalho comunitário. Amo o que faço. Conhecer os problemas, saber como enfrentá-los no dia-a-dia, ajudando a interpretar a realidade social, buscarmos soluções coletivas, enfrentando as dificuldades, transformando a vida. É tudo muito envolvente na ANEPS (GOTA D'ÁGUA AZUL, 2010).

Busco multiplicar ao máximo aquilo que aprendo na ANEPS, do muito que fui acumulando ao longo da vida; Estimular os cuidados com a saúde, o corpo, a mente através das práticas populares, das danças circulares e da biodança. Desde cedo aprendi a valorizar e a

estimular o lazer não só na vida das crianças, na vida dos adultos também. Sou feliz por fazer parte deste mundo. (GOTA D'ÁGUA ROSA, 2010).

Nas comunidades rurais é comum pessoas acometidas de algum sintoma ou doença recorrerem as rezadeiras, benzedadeiras, curandeiros, existentes na redondeza. Por isso, considero o trabalho desenvolvido na ANEPS muito importante. São momentos prazerosos de muita troca de saberes e experiências. Desejo levar muitas das vivências por toda vida (GOTA D'ÁGUA AMARELADA, 2010).

Gosto de repassar ao outro aquilo de bom que aprendi sobre os direitos fundamentais, ações básicas de saúde, conhecimentos simples que possam ser repassados. Importa que as pessoas melhorem e saibam o que fazer para superar as dificuldades próprias da vida. É muito lindo vê-las sorrir! Meu corpo fica todo arrepiado de tanta emoção. Aprendo muito com os educadores da ANEPS (GOTA D'ÁGUA LILÁS, 2010).

Nas reuniões da ANEPS conheci outras práticas corporais, algo que ajuda no meu trabalho comunitário. Sinto através da troca de experiência que aprendo muito mais que ensino. Isso renova, não só o conhecimento, mas a minha vida (GOTA D'ÁGUA MARRON, 2010).

Na ANEPS tive oportunidade de falar sobre as práticas nos terreiros, sobre meu povo, os negros, os quilombolas, com todo respeito que a cultura de nossos ancestrais merece. Fazer parte deste grupo, participar dos encontros é algo maravilhoso (GOTA D'ÁGUA VERMELHA, 2010).

Os relatos desses educadores em saúde mostram a intensidade das práticas educativas corporalizadas na vida cotidiana, sua importância para a comunidade. São experiências intensas, de responsabilidades individuais e coletivas, que merece respeito e dedicação. Revelam a importância do trabalho desenvolvido pela Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular em Saúde – ANEPS, para a saúde coletiva da população do Estado do Rio Grande do Norte e do país. Ajuda a compreendermos sobre suas escolhas, seus valores, quem são e a importância das práticas educativas para sua vida pessoal e profissional, como seres humanos que são.

3.2 A Abordagem Etnofenomenológica

A proposta de realizar reflexões teóricas e metodológicas para os estudos da epistemologia vivencial da corporeidade é oriunda da preocupação sobre os instrumentos e métodos que ajudem a captar o dinamismo dessa realidade complexa do mundo contemporâneo, que se contrapõe ao fluxo linear de realização de pesquisas, compreendendo que o conhecimento se processa de uma forma dinâmica.

Para compreender determinadas situações e vivências pedagógicas pesquisadores precisam agir e interagir ao mesmo tempo com seu objeto de estudo, em seu contexto social, histórico, econômico, político, cultural, ambiental. Coletar dados, analisar, esclarecer, compreender, interpretar determinadas situações, de forma que possa extrair evidências, considerações, conclusões, apontar caminhos alternativos, propor transformações sociais e educacionais, exige maior e mais ampla flexibilidade metodológica.

Ao introduzir os estudos sobre a epistemologia da etnometodologia Coulon (1995, p. 7) ressalta que “a entrada da etnometodologia em nossa cultura anuncia uma verdadeira reviravolta de nossa tradição sociológica”. Mudança que ampliou o pensamento social, dando maior importância à compreensão, à abordagem qualitativa que à explicação e à abordagem quantitativa de pesquisas anteriores. É com base nesses pressupostos, que a pesquisa qualitativa, considera aspectos arraigados diante da realidade.

Entendemos que para os estudos epistemológicos da corporeidade faz-se necessário uma abordagem metodológica inovadora que reúna princípios que possam ir além dos enfoques do que oferece a pesquisa qualitativa, como a pesquisa participativa, pesquisa ação, pesquisa colaborativa, pesquisa etnográfica, estudo de caso, entre outras, que possibilite a apreensão da realidade, bem como valorize o potencial criativo, a sensibilidade, a ludicidade e a reflexividade do pesquisador.

Por essa razão, sentimos a necessidade de aprofundarmos saberes e conhecimentos sobre metodologias que sejam capazes de corresponder pesquisas, estudos, experiências e vivências realizadas pelos educadores-pesquisadores da BACOR/UFRN, que põe em questão a própria estrutura da objetividade das ciências,

particularmente as Ciências Sociais e Humanas, assim como a própria Ciência da Educação.

A etnometodologia é a pesquisa empírica dos métodos que os indivíduos utilizam para dar sentido e ao mesmo tempo realizar as suas ações do cotidiano; tem pretensão de estar mais próximo das realidades atuais, impressionando pela complementaridade e a solidariedade de seus conceitos. No entanto, Coulon (1995, p. 30) em seus estudos cita George Psathas que observa a etnometodologia como “uma prática social reflexiva que procura explicar os métodos de todas as práticas sociais, inclusive os seus próprios métodos”, diferenciando-se dos sociólogos que geralmente consideram o saber do senso comum como “categoria residual”, ou seja, restrito a análise das crenças e dos comportamentos do senso comum. Para Coulon (1995) “não se deve confundir a reflexividade com a reflexão. Quando se diz que as pessoas têm práticas reflexivas, isto significa que refletem sobre aquilo que fazem”. A reflexividade designa, portanto, as práticas que ao mesmo tempo descrevem e constituem o quadro social (COULON, 1995 p. 41).

Busca-se uma metodologia que apresente os fenômenos observáveis e descritíveis do cotidiano e, que não se deformem quando examinados através do rigor científico, considerando as circunstâncias contextuais de sua produção. Na visão de Coulon (1995, p. 30) “torna-se necessária uma volta à experiência, e isto exige modificar os métodos e as técnicas de coletas de dados bem como da construção teórica”. A busca do conhecimento transdisciplinar exige metodologias mais coerentes com as demandas atuais, que levem em consideração as atividades sociais em que o processo educacional se desenrola cotidianamente, compreendendo a influência das práticas educativas sobre a vida do educando.

O importante é nos colocarmos como pesquisadores, investigadores dos processos sociais no qual estamos inseridos, entendendo que a etnometodologia é importante para o conhecimento das culturas, dos fatos sociais produzidos pelos educadores em saúde no interior das interrelações e no contexto em que atuam. Embora, no conjunto, a sociologia tenha negligenciado a importância dos aportes metodológicos e teóricos do interacionismo simbólico, que se move na contracorrente da concepção durkheimiana, principalmente pelas manifestações subjetivas que os atores utilizam para descrever os fatos sociais que os cercam, até os dias atuais, subordinadas ao domínio da sociologia (COULON, 1995, p. 14).

É neste sentido que a tradição interacionista e a fenomenologia se aproximam. Tais procedimentos, no processo etnográfico, negligenciam as estruturas sociais, possibilitando uma valorização da pessoa que realiza a ação. Além disto, mantém um contato direto com o objeto de estudo, com as realidades cotidianas dos atores envolvidos.

Segundo Coulon (1995, p. 57) “o interacionismo simbólico desenvolveu-se paralelamente ao que, nos Estados Unidos, foi designado por “Escola de Chicago”, cujos principais representantes são Robert Park, Ernest Burgess e William Thomas”. Chamou atenção para a natureza simbólica da vida social. Mas, com efeito, faz sobressair à criatividade dos atores na construção de sua vida cotidiana, observa detalhadamente todo o processo dessa construção, invisíveis ao mundo das aparências dos fenômenos da ordem social dominante. Tais considerações têm consequências importantes sobre a prática de pesquisa, uma vez que, para que haja explicação e interpretação de determinado objeto de estudo, acontecimentos e símbolos que os rodeiam, é preciso antes de tudo, observá-los e descrevê-los. Coulon (1995, p. 53) realça que, “isso pressupõe que nos tornemos testemunhas diretas dos fenômenos que são tomados como objeto”. Assim, consolidam-se duas versões do interacionismo: uma direcionada para os objetivos tradicionais da Ciência Social, e outra mais fenomenológica, voltada às interpretações subjetivas da realidade.

No que se refere à educação, Coulon (1995) reconhece no livro *Etnometodologia e Educação* o desenvolvimento de novas correntes de pesquisa em sociologia da educação, principalmente nos Estados Unidos e na Inglaterra. Na França, os estudos se intensificaram no plano teórico, a ponto de colocar em questão algumas pesquisas anteriores neste campo. Mostra em que aspectos a “etnometodologia e interacionismo são suscetíveis de transformar a pesquisa francesa sobre os fenômenos educacionais” (COULON, 1995, p. 11).

Para as pesquisas e comunicações científicas os educadores-pesquisadores da BACOR/UFRN têm utilizado a etnofenomenologia. Cavalcanti em suas reflexões (2010) designou a expressão *etnopoiese* para os estudos da corporeidade, no qual, cada pessoa cria os seus procedimentos para a produção do conhecimento, produzindo e reconhecendo seu mundo, considerando a experiencialidade, indicialidade, reflexividade, auto-organizabilidade, filiabilidade, arquetipalidade, humanescencialidade,

processos autoformativos, uma vez que temos a Teoria da Autopoiese (MATURANA; VARELA) como pressuposto teórico (CAVALCANTI, 2010).

O conceito *etnopoiese* equivale ao de *etnométodos*, que para os educadores pesquisadores da BACOR/UFRN correspondem às etnocriações, etnoproduções, levando-se em conta que o conhecimento nos é concedido na experiência imediata, nas interações diárias, no cotidiano. Ou seja, uma lógica do senso comum corporalizada, que nos permite reconhecer o singular e o plural, o individual e o coletivo, o geral e o específico.

Neste sentido concordamos com a concepção de Alain Coulon (1995, p. 15) quando sublinha que, “deve-se em primeiro lugar levar em conta o ponto de vista dos atores, seja qual for o objeto de estudo, pois é através do sentido que eles atribuem aos objetos, às situações, aos símbolos que os cercam, que os atores constroem seu mundo social”. E é isso que os integrantes da BACOR/UFRN têm realizado, definindo procedimentos, mediante suas práticas, refletem sobre si mesmo, aquilo que Cândida Moraes reconhece como o “sentipensar”, tornando as vivências analisáveis, descritíveis, relatáveis. O que possibilita na pesquisa etnopoética utilizarmos métodos extremamente variáveis, como a observação direta, entrevista participante, diálogos, roda de conversas, estudo de caso, gravações, vídeos, entrevistas.

Para os estudos da corporeidade e da ludopoiese optamos por uma proposta metodológica que denominamos abordagem etnofenomenológica, considerando as especificidades das vivências ludopoéticas, entrelaçando a etnografia, a fenomenologia e etnometodologia. Esta proposta metodológica está sendo utilizada pela Linha de Pesquisa Corporeidade e Educação, nos diferentes laboratórios e contextos, para os trabalho e pesquisas em desenvolvimento. Ela parte da configuração de uma teia metodológica, epistemológica e ontológica, com uma adaptação dos cinco princípios da etnometodologia propostos por Coulon (1995), associados a dois outros princípios propostos pela Base de Pesquisa Corporeidade e Educação, totalizando sete princípios, visando atender as especificidades de nossos estudos e pesquisas, são eles: experiencialidade, indicialidade, reflexibilidade, auto-organizabilidade, filiabilidade, arquetipalidade e a humanescencialidade.

O estudo articulou a abordagem qualitativa (GODOY, 1995) adotando princípios da pesquisa-ação existencial num perspectiva etnofenomenológica que possibilitou descrever e interpretar as vivências ludopoéticas que impulsionam a

autoformação humanescente de educadores em saúde. Representa uma construção dinâmica e em consonância com a pesquisa qualitativa dedica uma atenção especial à observação direta, entrevista participante para obtermos uma aproximação maior dos educadores em saúde, integrantes do núcleo Estadual da ANEPS-RN, o significado que estes dão às coisas e à sua vida, permitindo o distanciamento necessário à convivencialidade e o conviver de um grupo de pessoas, no período entre dois anos. Busca-se neste período entender, confrontar e validar as ações, situações, envolvimento, compromisso, atitudes e relações dos educadores em saúde.

Instaura-se a desafiante tentativa de retomar a etnografia, exercitar o papel do etnógrafo descrito na obra *Antropologia estrutural*, de Claude Lévi-Strauss (1958; 1974; 2008). O etnográfico é responsável por descrever e analisar as diferenças que aparecem no modo como se manifestam as sociedades. Ele coleta os fatos e os apresenta em conformidade com as exigências ao objeto, que é a vida social e, ao objetivo, que é a melhor compreensão da humanidade e seus fenômenos culturais.

Não é tarefa fácil. É uma descrição densa, exige esforço intelectual, sensibilidade aguçada para concretizar e identificar os significados interpretativos no contexto da pesquisa. Não se trata apenas da descrição das vivências, das atividades, das emoções e sentimentos, vai além. Por trabalhar na perspectiva da Pedagogia Vivencial Humanescente exige bastante atenção às nuances do ser humano, em permanente formação, autoformação e transformação, aos movimentos e mudanças estruturais estabelecidas de cada componente do sistema vivo.

Consiste em uma análise complexa e detalhada sobre as vivências ludopoiéticas, ao longo do processo de autoformação humanescente de educadores em saúde integrantes do Núcleo Estadual da ANEPS-RN, por estratégias diversificadas com base na teoria de auto-organização, em comum acordo com o princípio da recursividade considerado por Maturana e Varela (2001), em que os processos superam a concepção de linearidade, requer está aberto à vida, ao fluxo de energia, porque são sistemas vivos autônomos. Trata-se de compreender a produção de novos sentidos e significados, a construção de novos conhecimentos, o envolvimento na autoformação humanescente.

3.3 Os Princípios Etnofenomenológicos da Autoformação Humanescente

Os sete princípios etnofenomenológicos que apresentamos a seguir constituem os raios de uma teia epistemológica, metodológica e ontológica dos estudos da corporeidade, estão sendo utilizados no processo de autoformação humanescente. São princípios importantes na identificação da etnopoiese, desde a potencialidade e as consequências das intervenções socioculturais até a evolução do processo ludopoiético. Os raios desta teia correspondem a aspectos teórico-metodológicos utilizados para a construção de uma teoria da Ludopoiese e no desenvolvimento de estudos da corporeidade na Linha de Pesquisa Corporeidade e Educação, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. É o ponto de partida acerca da construção de uma análise que estabelece articulação entre os dados e informações coletadas por meio das intervenções, dos relatos e depoimentos, dos registros etnográficos e do referencial teórico apresentado no estudo, na tentativa da compreensão do fenômeno, as especificidades das questões investigadas.

3.3.1 Princípio Etnofenomenológico da Experiencialidade

Este princípio é baseado na realidade social construída nas interações cotidianas entre os indivíduos, na “Prática/realização” conforme propõe Coulon (1995), e na etnometodologia, que estuda a forma com se dá a construção desse processo na prática, como se realizam estas interações. O princípio da experiencialidade revela-se no como se vivencia o processo de autoformação humanescente, nas formas de resolução de problemas advindos do cotidiano dos educadores em saúde, integrado ao contexto da pesquisa e nas situações investigadas. A experiencialidade possibilita a vivência dos saberes, reconhece o conhecimento popular e o acadêmico, valoriza os espaços educativos, permite a construção de novos saberes e práticas. Daí a importância que devemos dar à vida, à vivência concreta do cotidiano, àquilo que às vezes passa despercebido, nos afetos do coração, mas que é de extrema relevância para a vida do Ser humano.

3.3.2 Princípio etnofenomenológico da indicialidade

O princípio da indicialidade está relacionado à linguagem e às ações interacionais que se desenvolvem a partir dela (MATURANA, 2009). Linguagem tecida nas interrelações individuais e coletivas, nas interações, onde se desenvolve os processos de autoconhecimento, de nossa singularidade, no qual nos entrelaçamos dialeticamente com o mundo que se expande na dinâmica das relações sociais, que considera o local e o global, as partes e o todo, onde o ser humanescente e a natureza se interligam de maneira bela e profunda. Nas análises é fundamental observarmos e compreendermos o vocabulário dos participantes da pesquisa, buscando entender o que não está explícito na linguagem escrita ou falada, pois muita das expressões indiciais dependem do contexto, do discurso, podendo se revestir de novos significados. Este princípio exige bastante cuidado e atenção do pesquisador/observador, devendo ser mantida a imparcialidade na descrição.

3.3.3 Princípio Etnofenomenológico da Reflexibilidade

O princípio da reflexibilidade está relacionado ao processo reflexivo sobre as práticas, as vivências, o envolvimento dos educadores em saúde no processo de autoformação humanescente, como eles descrevem e constroem a realidade, observando o contexto social que se apresenta (COULON, 1955). Compreendemos que a reflexividade pressupõe uma introspecção. Permite uma experiência pessoal da realidade, tornando-nos sensíveis a toda riqueza da totalidade daquilo que é. Ao se apropriar de ações e concepções, refletindo sobre elas, a pessoa pode tomar consciência de como melhorá-las (GARCIA, 1999). Este princípio refere-se também à reflexividade corpográfica, entendida como toda situação vivencial que privilegie os detalhes corpográficos das pessoas envolvidas no processo, facilitando a compreensão do fenômeno estudado (CAVALCANTI, 2009).

3.3.4 Princípio Etnofenomenológico da Auto-Organizalidade

O princípio da auto-organizalidade está relacionado com a forma como as pessoas descrevem ou relatam suas vivências, suas atividades cotidianas. O termo auto-organizalidade foi concebido a partir do que propõe Coulon (1995), em substituição ao que ele denominou “accountability”. Não se trata de tão somente relatar e descrever como as pessoas se organizam, estabelecendo suas relações consigo mesmo, o outro e o mundo, mas compreender como se organizam as interações entre essas pessoas, suas relações com a sociedade, o mundo. Fator importante no processo vivencial de autoformação humanescente.

3.3.5 Princípio Etnofenomenológico da Filiabilidade

O princípio da filiabilidade está relacionado ao sentido de pertencimento, de acolhimento, de aproximação de uma pessoa a determinado grupo, ressaltando os elementos e as conexões culturais, seja no ambiente familiar, seja nas relações sociais onde se processam e se configuram os seres humanos. Vai além de se submeter às regras estabelecidas pelo sistema, busca-se compreendê-las, para modificá-las se for necessário. Relaciona-se ao envolvimento dos atores sociais que compartilham a construção coletiva da sociedade. Representa a tentativa de inserção social que agrega valores ao grupo que atuam, visando sua organização, sua correspondência com o meio (MATURANA, 2001). Este princípio demonstra a importância do fortalecimento das interações interpessoais, tão essencial na convivência coletiva.

3.3.6 Princípio Etnofenomenológico da Arquetipalidade

O princípio da arquetipalidade é uma proposta desenvolvida na Linha de Pesquisa Corporeidade e Educação para compor a teia epistemológica da etnofenomenologia e se relaciona com as representações e imagens arquetípicas que ocorrem no processo da autoformação humanescente (CAVALCANTI, 2010). A arquetipalidade se relaciona com a idéia da representação das vivências por meio de

imagens, que estruturam o nosso psiquismo. Este princípio é percebido nas imagens representadas nos cenários construídos no Jogo de Areia, nas experiências de vida relatadas pelos participantes da pesquisa, quando tratam da vida, da sociedade, de suas representações subjetivas do mundo. Segundo Bachelard (2001) a imagem é um elemento essencial nas nossas vidas. Através delas podemos expressar pensamentos, sentimentos e ações.

3.3.7 Princípio Etnofenomenológico da Humanescencialidade

O princípio da humanescencialidade é outra proposta desenvolvida na Linha de Pesquisa Corporeidade e Educação e se relaciona a capacidade inerente aos seres vivos de humanecer, ou seja, quando os seres humanos irradiam energia, ao viverem e vivenciarem experiências, sentimentos e emoções que possibilitem a liberação de um fluxo energético multidirecional e multifocal para si, os outros e o entorno (CAVALCANTI, 2006). Compreende um processo interno, próprio de cada ser, está intimamente ligado a sua subjetividade, a sua singularidade, caracterizado como um processo autopoietico, de autoprodução, que possibilita o processo de construção, desconstrução, reconstrução de si, de abertura para a vida.

3.4 Os Caminhos Percorridos pelas Águas

Através de entrevistas e questionário, iniciamos o percurso investigativo com educadores em saúde, que possibilitaram um conhecimento mais aprofundado do grupo pesquisado. O questionário foi estruturado com questões abertas, fechadas e de múltiplas escolhas, foi aplicado no início do segundo semestre do ano 2010. Elaborado com dose quesitos, sendo cinco de múltipla escolha, cinco perguntas abertas e duas fechadas. Aplicado pela própria pesquisadora, durante o período de dois meses, com a adesão de dez participantes do Núcleo Estadual da ANEPS-RN. As entrevistas aconteceram em vários momentos de reuniões e encontros no período do ano 2010, de

acordo com a disponibilidade dos entrevistados. Partindo de um roteiro escrito, registramos as respostas às questões formuladas.

O produto desde passo inicial resultou no planejamento das atividades que possibilitaram a construção de um cronograma para os momentos das vivências ludopoiéticas, incorporado no calendário anual de reunião do próprio grupo. Assim, iniciou-se o levantamento e análise dos dados quantitativos e qualitativos, das respostas obtidas. A seguir, foi elaborado um projeto com o objetivo de desenvolver momentos de vivências ludopoiéticas com educadores em saúde integrantes do Núcleo estadual da ANEPS-RN, durante o primeiro semestre do ano 2011. Uma forma encontrada para os educadores em saúde conhecerem e se aproximarem das teorias estudadas e desenvolvidas na Base de Pesquisa Corporeidade e Educação, especialmente da Corporeidade, da ludopoiese e da pedagogia vivencial humanescente.

A observação participante foi primordial neste estudo, sendo adotada em todos os momentos de contato com os participantes da pesquisa, principalmente durante as vivências ludopoiéticas, por se tratar de um estudo de cunho etnográfico e fenomenológico. A observação participante foi utilizada como um instrumento valioso e bastante significativo para a produção de dados e do conhecimento sobre como as vivências ludopoiéticas se revelam na vida de educadores em saúde e contribui para a autoformação humanescente. As observações foram realizadas através do contato direto da pesquisadora com o grupo, sendo registradas por meio de anotações, relatos e descrições das vivências e atividades desenvolvidas, ao longo de dois anos da pesquisa, escritos em um diário vivencial da pesquisadora, além dos registros fotográficos.

O Jogo de Areia foi utilizado de forma individualizada e coletiva. Para tanto, cria-se um ambiente favorável, acolhedor, atraente, como forma de estimular a prática do cuidado com a ambiência em outros espaços educativos. Iniciávamos os trabalhos acolhendo os participantes, apresentando os materiais a serem utilizados: a caixa plástica do Jogo de Areia, areias de diferentes tonalidades e texturas, miniaturas diversas que possibilitassem a representação imagética do universo dos participantes da pesquisa. Na sequência, partindo de uma situação norteadora, os educadores em saúde iniciavam a construção do cenário, fazendo uso de sua imaginação.

Na forma individualizada do Jogo de areia foi apresentada a seguinte situação norteadora: construa um cenário que represente algum momento de vivência do lazer que tenha provocado prazer e alegria durante sua trajetória de vida. Na forma coletiva, a

situação norteadora foi construir um cenário que represente o significado das vivências de lazer em sua prática educativa. Lançado o desafio, os participantes foram impulsionados a fazer emergir as emoções e os sentimentos da imaginação no processo de construção, desconstrução e reconstrução dos cenários de vida no Jogo de Areia, percebendo as inúmeras interações reveladas em cada universo singular.

Impulsionados a desenvolverem aspectos como sensibilidade, criatividade, ludicidade, reflexividade histórica e vivencial a etapa seguinte corresponde à escolha das miniaturas e à construção concreta do cenário. É um momento livre, no qual o espírito lúdico se evidencia, possibilitando ao participante o brincar e a alegria ao recordar momentos prazerosos de sua vida.

Após a construção do cenário é momento da socialização, na qual se revelam e se desvelam as representações simbólicas de cada participante do Jogo de Areia. É importante ressaltar que a descrição e a interpretação do cenário devem ser efetivadas somente por quem o construiu, dando o real e verdadeiro sentido e significado aos fatos que se revelam.

Outra etapa é o momento da sistematização do saber, no qual cada participante materializa através da escrita uma descrição detalhada da sua obra de arte da vida. É momento de envolvimento com o que habita no interior de cada ser, mas também de conectividade com o mundo exterior, além de se constituir rios de saberes, onde se forma o mais belo dos lagos com as águas das experiências de vida, que se juntam as águas das vivências lúdicas e as águas dos conhecimentos popular e científico, que deságuam no oceano na materialidade da vida. Esta descrição visa qualificar o relato da experiência vivida pelos educadores de saúde, ajuda na narrativa dos momentos de vivência do lazer, expressam singularidades de suas histórias de vida, de seu cotidiano, fundamental para a autoformação humanescente.

Como pesquisadora, é importante ressaltar que acompanhamos todas as etapas vivenciadas, por meio da observação participante e de registros fotográficos, durante todo o período da pesquisa de campo. A intenção de fotografar os cenários é adotada, não só no sentido de registro, mas de apresentar o cenário construído pelo participante da pesquisa, facilitando na descrição fenomenológica das vivências do lazer que tenham provocado prazer e alegria durante a trajetória de vida do educador/educadora em saúde e, que represente o significado das vivências de lazer em sua prática educativa. A fotografia também ajuda no processo autopoiético. Ao rever a imagem do seu cenário a

pessoa pode se reportar aos momentos já vividos em sua vida cotidiana, repletos de sentimentos, sentidos e significados. A imagem fica registrada, permanecendo documentada até mesmo após o processo de desconstrução do cenário com o Jogo de Areia.

É com base nas observações e nos registros realizados que mergulhamos com mais profundidade no oceano pesquisado, na vida cotidiana do mundo dos educadores em saúde que atuam junto ao Núcleo Estadual da ANEPS-RN.

Para tanto, organizamos momentos de vivências ludopoiéticas, de acordo com o cronograma de reuniões, como possibilidade de coletar através dos relatos dos participantes, depoimentos e impressões sobre o vivido. Foram planejadas seis vivências para complementar nossa análise etnofenomenológica, descritas no próximo capítulo, sobre o entrelaçamento da água com os fios da corporeidade: 1. A natureza do ser integral; 2. À luz da corporeidade, o sentido da vida; 3. Um despertar para a condição humana; 4. No Jogo de Areia, a obra de arte da vida; 5. O querer bem as práticas educativas; 6. Um fluir para a autoformação humanescente.



*Fazendo Pesquisa educo e estou me educando com os
grupos populares. Voltando à área para por em prática os
resultados da pesquisa, não estou somente educando ou
sendo educado; estou pesquisando outra vez,
Paulo Freire*

CAPÍTULO 4

O ENTRELAÇAMENTO DA ÁGUA COM OS FIOS DA CORPOREIDADE

A imagem que abre este capítulo mostra os fios da teia da corporeidade entrelaçados nas mais variadas cores, cada um, na sua forma recursiva, carregados de fluxo energético, emergindo para a vida, transformados, renovados, banhados pelas águas turbulentas de um rio temeroso que se aproxima do mar, necessitando ser desvelado pelo olhar criterioso da pesquisadora. Nela corpo e mente se unifica no tempo e no espaço, proporcionando bem-estar, inteireza, harmonia, equilíbrio individual e coletivo, de valorização e respeito às diferenças.

Para construção deste cenário imagético utilizamos papel ofício branco e lápis coloridos. Partindo sempre do centro para a extremidade, construímos inúmeras ondas magnéticas repleta de energia. Uma expressão da capacidade de sentir, viver e amar, no contínuo processo de crescimento e desenvolvimento, voltado para a conexão profunda do ser humano sobre si mesmo, o outro, o mundo. Observando o “movimento” das ondas sentimos o prazer da criação desta obra de arte. John Pierrakos (2007, p. 247) realça que “quando o trabalho preliminar está feito e o amor se revela, deve-se dar a ele a intenção, a vontade de agir. O coração se abre e dissolve os bloqueios ao amor, o que gera o prazer da criação”. É de coração aberto que desejamos expandir nossa corporeidade, lançando sementes de amor, de poesia, de gosto pela vida, por onde passamos.

A vida de faz presente nas cores alegres e vibrantes que se entrelaçam no papel. Mostra a importância da criatividade. Compreende-se que aquilo que já se conhece, nada significa, diante da imensidão do que temos a aprender. Pierrakos (2007, p. 209) esclarece: “Quanto mais as pessoas aprendem sobre a realidade e sobre a correspondência entre vida interior e exterior, mais claro fica que apenas as limitações existenciais restringem a escolha dos caminhos que desenvolvem nesta vida”.

Considerando o atual panorama da educação, um fenômeno próprio dos seres humanos que se produz através de relações pedagógicas historicamente construídas, faz-se necessário refletir sobre as contribuições da corporeidade nas experiências pedagógicas de aprendizagem. Chama-se a atenção sobre a necessidade de mudanças na prática pedagógica no âmbito dos espaços educativos, exigindo nova postura profissional, reflexões sobre o papel do educador, sobre nosso agir no cotidiano. Complementando, Paulo Freire (2000, p. 139) evidencia que “a leitura de mundo revela, evidentemente, a inteligência do mundo que vem cultural e socialmente se constituindo.

Revela também o trabalho individual de cada sujeito no próprio processo de assimilação da inteligência do mundo”.

Neste capítulo pretende-se fazer uma apreciação do envolvimento no processo de autoformação humanescente deste grupo de educadores em saúde, inspirados na fruição, na emoção, no sentimento, no sentido e no significado de interpretação na tentativa de entender a realidade que se apresenta, na possibilidade e no resgate de uma compreensão aprofundada acerca de si mesmos. Como educadora em saúde-pesquisadora, estabelecemos laços de confiança, respeito, distanciamento, observações e interpretações não invasivas de possíveis mudanças identificadas durante a realização da pesquisa-ação. Além da descrição e análise das vivências humanescentes, busca-se descrever e interpretar as categorias do sistema ludopoiético entrelaçados com os fios da corporeidade como base para a autoformação humanescente de educadores em saúde integrantes do Núcleo Estadual da Articulação Nacional de Movimento e Práticas de Educação Popular em Saúde.

4.1 A Natureza do Ser Integral

O primeiro momento vivencial humanescente teve como finalidade a reflexilidade sobre uma memória lúdica na trajetória de vida dos educadores participantes da pesquisa. Não com foco terapêutico apenas, como um processo educativo, uma tecnologia leve que se fundamenta na reflexividade, criatividade, sensibilidade e ludicidade.

Por meio do correio eletrônico, no qual mantemos contato permanente com o grupo ANEPS-RN, através de e-mail, solicitamos aos educadores participantes da pesquisa que identificassem um objeto de estima, de apego, uma representação de fatos reais vividos, experimentado, que fosse significativo, importante para a sua vida. Todos deveriam levar o objeto para o local cedido para realização das vivências. Os objetos levados pelos educadores foram organizados no centro da sala, distribuídos dentro de bandejas contendo cereais, harmonicamente posicionados sob uma toalha branca. O resultado foi um cenário belíssimo, construído por várias mãos, refletindo beleza, alegria e o fluxo energético naquele espaço de vivências. Johan Huizinga (2008), em

Homo Ludens, no texto *Natureza e Significado do Jogo como Fenômeno Cultural*, sublinha que, “são muitos, e bem íntimos, os laços que unem o jogo e a beleza”. Por mais singelo que pareça cada objeto têm seu significado, seu encanto, sua beleza, faz parte do cotidiano das histórias de vida.

Ao escolherem e apresentarem uma imagem que os representassem, os participantes da pesquisa demonstraram que estavam abertos ao convite para celebrar a vida com mais beleza! As etapas seguintes foram à sensibilização em explorar e expandir ao máximo possível a relação com o objeto de sua história de vida; a reflexividade sobre a própria vida, estimulando a manifestação de lembranças e expressões espontâneas.

Pretende-se, construir de um cenário imagético que represente um olhar sobre si mesmo, a natureza do ser em sua integralidade, em sua totalidade, sensibilizando para a importância do resgate da ludicidade, sua influência para a autoformação humanescente dos educadores em saúde. Para tanto se utiliza massa de modelar, devendo ser integrado o objeto de sua escolha. Posteriormente, à elaboração de um pequeno relato escrito por cada educador/educadora, sobre suas histórias de vida, às descrições e interpretações dos cenários construídos individualmente.

Uma atividade nem sempre muito fácil de ser realizada. Para Josso (2008) “a tentativa de evitar o sofrimento e a procura da alegria proporcionada pelo prazer apresentam-se para a maioria de nós, seres ordinários, como as duas faces de nossa busca da felicidade”. Assim, orientamos que esse processo é como um desabrochar. Acrescentamos ainda que, esse exercício exige atitude, energia e perseverança.

Essa mudança não é tão espontânea quanto parece, deve ser construída, corporalizada. Para ajudar, coloquei uma bela música instrumental de fundo. Propomos que cada pessoa buscasse um espaço para sentar confortavelmente no chão, tendo o cuidado de manter a coluna ereta. Estimulamos o relaxamento de cada parte do corpo, começando pela cabeça até os pés. Inspirando e expirando lenta e profundamente. Corpo e mente relaxado lembrar-se de uma memória lúdica especial em sua trajetória de vida. Busquem visualizá-la, vivenciá-la, experienciar sentimentos e emoções presentes em suas recordações. Sentindo-se prontos, aos poucos, lenta e vagarosamente, abrir os olhos, relaxem os músculos, para suavemente saírem da reflexão. Assim como a florescência da água na fonte, a nossa luminescência depende de nós, da força do desejo, da natureza do Ser integral.

A reflexão que se faz de todo esse processo é bastante positiva. Apreender novos conhecimentos sobre o lúdico, a criatividade, a beleza, ter o jogo como fenômeno cultural é algo essencial. Principalmente diante dos novos desafios da sociedade contemporânea, de conhecimentos fragmentados, de conteúdos sem vida, onde o ter vale mais que o Ser, onde os interesses materiais são superiores aos imateriais, onde a sociedade capitalista exclui pessoas, onde os caminhos para uma vida plena, uma saúde integral, alimentação saudável, lazer e qualidade de vida parecem distantes.

Entretanto, neste mesmo espaço social em que vivemos o lúdico se coloca como uma “atividade livre”, “desligada de todo e qualquer interesse material”, como aponta Huizinga (2001, p. 16). Assim, promover a formação de grupos sociais, romper com as práticas ultrapassadas de lições desconectadas com a vida se faz urgente e necessário. Uma tarefa nada fácil de ser realizada. Um desafio a ser vencido!

Com isso, ao executar a tarefa de montar um cenário com o Jogo de Areia atinge uma repercussão natural, os objetivos são naturalmente alcançados, fazendo valer todo esforço e dedicação à própria tarefa de unir o jogo e beleza. Trazendo Huizinga (2001, p. 10) novamente para o território da interpretação etnofenomenológica pode-se afirmar com base nas vivencialidades humanescas ao longo de vários anos de investigação com educadores que se dedicam ao estudo da corporeidade que “são muitos, e bem íntimos, os laços que unem o jogo e a beleza”. Momentos singulares que motivam a ludicidade de uma maneira fecunda, permite o fluir energético, ajuda a concentração naquilo que se faz. Csikszentmihalyi (1990, p. 44) ressalta que “é durante o lazer que as pessoas se sentem mais motivadas, quando dizem que querem fazer o que estão fazendo”. Conhecimentos e saberes a serem estimulados em todo ciclo da vida, incluindo a fase adulta.

Expor os cenários, escutar o outro, interiorizar os conceitos de autotelia nas mais diversas formas e cores é sempre momento de grande beleza. Partilhar, assim como falar sobre os cenários idealizados e realizados com o coração exige do grupo maior atenção e colaboração na escuta do outro. Maturana e Paz Dávila (2006, p. 38) destacam que “este escutar exige respeito. Sem respeito nunca escutamos o outro ou a outra, porque interpomos um juízo”. É notória a necessidade do exercício da escuta, do aprender a silenciar, de estar aberto ao outro, assim compreenderemos que “para que eu possa ouvir o emocional do outro ou da outra, devo escutar sem medo de desaparecer, a partir do respeito por mim mesmo”.

A vivência prosseguiu com a apresentação dos cenários, os participantes relatando suas histórias de vida, fazendo referência à vida pessoal, social e profissional, dando destaque ao objeto de estimação apresentados por eles. Um momento muito interessante, de exercício da escuta sensível, de socialização dos relatos de vida, de exposição sobre os momentos lúdicos vivenciados com o cenário imagético, que transcende as necessidades imediatas da vida.

Todos foram unânimes ao relatar sobre o prazer e a alegria de aprender a lidar com o cenário imagético como ferramenta pedagógica, apesar da dificuldade de alguns em descrever o cenário, produzir conhecimentos. A Autolelia como propriedade da ludicidade humana foi percebida quando os educadores em saúde fizeram suas escolhas, ao dedicarem um pouco mais de atenção a vivência, aos momentos de relatos das memórias e das histórias de vida que certamente refletem na autoformação humanescente.

Percebe-se a riqueza de socializarmos o conhecimento, até mesmo pelo ar do mistério que nos envolve, o momento da vivência em si. Também é interessante observar a atenção, a curiosidade, o movimento do grupo, a corporeidade acontecendo através do despertar da intensa e total capacidade que temos para ensinar a alegria de viver, como mostra Rubem Alves “para tanto basta viver”, experimentar, deixar fluir o desejo de vivenciar o lúdico. Exemplo disso emerge nas distintas interpretações do vivido:

Há tempos não olhava para mim mesma. Achei muito interessante esse momento. Pensei que não conseguiria, devido tantas lembranças tristes que vieram à mente. De repente me lembrei das brincadeiras na infância, aí a vida ficou mais colorida, bonita de se ver. Só então construí minha obra prima, como me vejo (GOTA D'ÁGUA LILÁS, 2010).

Para construir minha obra de arte, veio à mente o tempo de férias quando retornava ao interior para rever a família. Ao rever minha vida, tentei fugir um pouco das lembranças de dor e sofrimento, parte de um passado distante, mas que até hoje sinto doer dentro do peito. Voltei a senti por algum instante o bem estar do colo de minha mãe, seu aconchego, seu abraço materno. A sensação era de muita alegria e satisfação (GOTA D'ÁGUA BRANCA, 2010).

Embora o tempo não tenha sido suficiente para todos relatarem suas histórias de vida, a experiência foi muito rica. Novos saberes e significados foram apreendidos. Mergulhamos no oceano da verdadeira fonte das histórias de vida, da ludicidade, do sentido do lúdico, na certeza de que a beleza e a alegria estavam presentes.

4.2 À Luz da Corporeidade, o Sentido da Vida

Para o segundo momento vivencial humanescente foi solicitado que cada educador levasse uma vela de qualquer cor e tamanho e, uma folha de papel celofane branca, amarela ou vermelha. Optei por levar uma vela branca e papel celofane amarela.

Nosso objetivo da vivência foi mostrar a importância do resgate da sensibilidade para a autoformação humanescente de educadores em saúde, favorecendo a reflexão e a autonomia, na busca do sentido da vida à luz da corporeidade.

Iniciamos nossas atividades em círculo, todos de pé para acolhermos o grupo dirigindo nossos pensamentos ao cosmos, invocando a espiritualidade, fazendo cada um sua oração individual. Posteriormente, a rezadeira Gota d'água Branca dirigiu algumas intenções ao coletivo, pedindo iluminação para aquele ambiente e para todas as pessoas envolvidas no projeto.

Após acolhimento e boas vindas, os participantes da pesquisa foram convidados a colocar suas velas, uma próxima a outra, no chão do centro da sala. O ambiente foi enriquecido pela diversidade de cores, tamanhos e formas de velas, algumas decoradas, redondas, quadradas, perfumadas.

Como de costume sentamos em círculo. O grupo foi convidado a observar o cenário construído e, espontaneamente, cada educador deveria acender uma vela. Raios de luzes iluminaram o ambiente, preenchido de intensa beleza, envolvendo todos os participantes. As velas foram se derretendo, se transformando, modificando sua forma original, fazendo surgir novas cores (Imagem 01). Momento de grande encanto, beleza, de busca de novos significados, do sentido da vida. É essa busca que nos leva a ser o que verdadeiramente somos. A busca de sentido é o principal motivo da vida de cada ser humano (MORAES; LA TORRE, 2004).

Imagem 01 –Cenário construído pelos educadores, sendo utilizado como parte da vivência.



Fonte: Áurea Emília (2011).

Buscando manter o silêncio, a beleza do cenário, o calor e a harmonia no ambiente, sugerimos um prazeroso percurso pela sala. Um caminhar para reflexividade sobre a corporeidade, sobre o sentido da vida, para o reabastecimento de energias. Essa força que nos move, fortalece e vitaliza. Na visão de John Pierrakos (2007, p.18) “A substância básica da pessoa é a energia. O movimento da energia é a vida. Quanto mais livre o movimento da energia no interior de cada componente, para manter sua própria integridade e coesão, bem como de todo o organismo, mais intensa a vida”. Busca-se captar novas sensações, percepções corporais, energia circulante, ativação dos sentidos, além do calor intenso e envolvente da luz que humanesce, aquece e ilumina nosso Ser.

Na sequência, convidamos os educadores a interagirem com outras pessoas. Para tanto, deveríamos caminhar em dupla, refletir e conversar um pouco sobre o sentido da vida. Edgar Morin (2005 p.175) realça que “uma ciência reformada, capaz de refletir sobre si mesma, dotada de uma cultura epistemológica, poderia contribuir pra a grande reforma da mente, dando a cada um o conhecimento complexo do mundo, do humano, de si mesmo”. O caminhar, a troca de energia, a interação com o ambiente, com as pessoas e comigo mesma de certa forma trazia harmonia e leveza ao movimento do corpo.

Esse momento representou um verdadeiro estado poético. Para Morin (2005, p. 138) “O estado poético é um estado de participação, comunhão, fervor, amizade, amor

que envolve e transfigura a vida”. Foi também uma oportunidade para expandir o movimento na busca de novos sentidos, de mudanças. Ajudou na exploração e utilização do corpo de forma diferenciada do convencional. Embora cada dupla buscasse expressar um movimento novo, percebe-se que este se repetia entre os demais de forma aleatória. Morin (2005, p. 103) esclarece que “o ser humano percebe o outro como um eu simultaneamente diferente e igual a ele”.

Convidamos o grupo a sentar novamente em círculo. Para expressar e representar o sentido da vida de forma concreta, utilizamos a folha do papel celofane. Encarando o desafio, literalmente foi colocada a mão no papel, na perspectiva de construir, cada um, sua obra de arte. John Pierrakos (2005, p. 36) explica esse estágio inicial, “quanto mais tomamos consciência de que estamos perdidos no universo e mergulhados numa aventura desconhecida, mais temos necessidade de nos religarmos com os nossos irmãos e irmãs da humanidade”. Assim, busca-se a reconectividade, a religação entre os elementos do próprio grupo.

Após o momento de reflexividade, individualmente, cada um dos participantes ter construído sua obra, sugerimos a criação de um único e original cenário, em torno das velas, em sua maioria transformada novamente em cera, uma pequena parte ainda em chamas. O estágio inicial de dificuldade foi superado com a colaboração do grupo. A essa capacidade de acomodação e reequilíbrio Tavares (2001) chama de resiliência, ou seja, “[...] de as pessoas, individualmente ou em grupo, resistirem a situações adversas sem perder o seu equilíbrio inicial, isto é, a capacidade de se acomodar e reequilibrar constantemente”. O resultado foi surpreendente. Entretanto a imagem ficará no imaginário, pois não conseguimos resgatar o registro fotográfico deste momento.

Para encerrar o momento de vivência ludopoiética, estimulamos uma pequena roda de conversa para quem desejasse expor seu *sentipensar*, “processo mediante o qual colocamos para trabalhar conjuntamente o pensamento e o sentimento [...]” (LA TORRE, 1997), a partir da reflexão e do impacto emocional. Destacamos algumas falas:

Essa atividade me fez compreender melhor o que é, e o que não é importante prá minha vida. Um exercício que exige de nós fazermos escolhas. O principalmente é o gosto e o prazer pela vida. Foi tudo muito delicado, porque não dizer mexeu com minha sensibilidade, com meus sentimentos. Conseguir falar daquilo que verdadeiramente sinto não é tarefa fácil. (GOTA D’ÁGUA AZUL).

Senti uma sensação de profundo bem-estar e satisfação de poder viver esse momento, ainda mais, quando preciso encontrar um novo sentido para minha vida. Estou passando por grande dificuldade, que tem tirado o meu sossego e até mesmo o sono. Ontem mesmo não consegui dormir bem. Mas, tenho fé em Deus que terei paciência para enfrentar de cabeça erguida essa dificuldade. É uma questão de honra e de respeito. (GOTA D'ÁGUA ESVERDEADA).

Essa grande a emoção que sinto não se expressa somente em minha fala, está presente em todo o meu corpo. Meus pensamentos e sentimentos se misturaram com a vida. É muito bom poder vivenciar momento como este, refletir o sentido da vida. Afinal, o que é a vida? O que queremos? O que desejamos para nós, para os outros, para o mundo? Quais valores estão sendo cultivados? Hoje, vale mais ter, que ser! Enfim, é muito bom cuidar um pouco da gente mesmo, pois vivo mais cuidando dos outros (GOTA D'ÁGUA ROSA).

Sendo a Autoterritorialidade uma propriedade da ludicidade humana que ocorre em determinado espaço-tempo autodelimitado, é notória sua presença nos valores humanos expressos pelos educadores em saúde envolvidos na vivência, que propicia concretizar desejos vivenciais de criação e expressão do modo singular de se ver e viver a vida, por si mesmo. Pode-se também compreendê-la como um estado de autorreconhecimento do Ser, reveladas por meio da expressão dos sentimentos, que possibilita a vivência dos cenários imagéticos (CAVALCANTI, 2008).

Como um acender de velas e chamas, à luz da corporeidade e da sensibilidade, essa vivência foi muito significativa. Transcendeu o vivido. Compreende-se que ao assumir nossa autonomia somos capazes de provocar as mudanças que queremos, entendendo tais mudanças como atos de cognição, ou seja, o próprio processo de vida, um movimento contínuo de reencantamento da vida. Neste sentido, o encontro e reencontro na própria experiência, a reflexão pessoal sobre o que cada um vive e sente dá o verdadeiro sentido da vida à luz da corporeidade. Resta-nos manter acesa a chama!

4.3 Despertar para a Condição Humana

O terceiro momento vivencial humanescente foi desenvolvido com a participação de quinze educadores. Consideramos para esta atividade a realização de

três práticas corporais humanescentes com relaxamento, automassagem e autocuidado. Para tanto, foi estimulado uma leitura prévia do Capítulo III: Ensinar a condição humana do livro “Os sete saberes necessários à educação do futuro” de Edgar Morin.

Na primeira vivência corporal foi realizado um relaxamento para “o enraizamento/desenraizamento do ser humano”, sendo estimulado posteriormente a reflexividade sobre as condições cósmica, física, terrestre e humana. Para tanto, o grupo deitou de costas no chão. Posteriormente, elevaram as pernas e os braços, como forma de estimular o fluxo de energia ao longo do corpo, trocando a energia com o universo, eliminando os resíduos acumulados e cristalizados ao longo da vida. Inspirando e expirando lenta e profundamente e se espreguiçando.

Na segunda vivência corporal estimulamos uma automassagem, “o humano do humano”, seguida da reflexividade sobre o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e do sentimento de pertencer à espécie humana. Os benefícios da automassagem são inegáveis. Uma simples forma de comunicação pessoal e íntima, o que permite maior contato com o corpo, aumenta a autoestima, o cuidado com a mente, o espírito, consigo mesmo, ajudando a diminuir o efeito do estresse do dia-a-dia.

Estudos confirmam os benefícios da massagem, além de ajudar a combater o estresse e o cansaço, alivia tensões, regulariza o sono e as funções intestinais. Katia Brandão Cavalcanti (2010) ressalta que “as tradições milenares já sabem disto e nós ocidentais fazemos questão de não querer aprender”. Barbara Ann Brennan (2006) apresenta em *Mãos de Luz* um estudo profundo sobre o campo energético humano, dirigido aos que estão procurando a autocompreensão dos seus processos físicos e emocionais, que extrapolam a estrutura da medicina clássica. Segundo a autora, nosso corpo físico existe dentro de um “corpo” mais amplo, um campo de energia humana ou aura. Nele criamos nossa experiência da realidade, inclusive a saúde e a doença. Acredita-se que através desse campo temos o poder de curar a nós mesmos.

Na terceira vivência corporal sensibilizamos para a importância do autocuidado e do autoconhecimento: “unidade e diversidade humana”. Uma aventura cheia de descobertas, centrada na condição humana, na qual, através de uma roda de conversa sobre a temática, discute-se inicialmente que o ser humano é a um só tempo físico, biológico, psíquico, cultural, social, histórico. Uma vez que essa unidade da natureza humana ainda é totalmente fragmentada na educação por meio das disciplinas.

Reflete-se sobre a condição cósmica, física, terrestre e humana na busca de compreendermos que “somos originários do cosmos, da natureza, da vida, mas, devido à própria humanidade à nossa cultura, à nossa mente, à nossa consciência, tornamo-nos estranhos a este cosmos, que nos parece secretamente íntimo”, como mostra Morin (2005, p. 51) em suas reflexões. Por fim, põe-se em evidência o elo indissolúvel entre a unidade e a diversidade de tudo que é humano, como preconiza os enunciados de Edgar Morin (2005, p. 47-61).

Finalizamos com a reflexividade sobre o princípio de unidade e diversidade na educação em saúde, reconhecendo a diversidade cultural existente nos saberes populares, na forma e no cuidado com a saúde da população, evidenciando a importância da ludicidade para a autoformação humanescente destes educadores em saúde, um verdadeiro despertar para a condição humana.

Posterior às discussões e reflexões, utilizamos o jogo de areia, um método de psicoterapia junguiano, desenvolvido por Dora Maria Kalff, analista junguiana suíça, a partir de técnica psicológica criada por Margaret Lowenfeld, pediatra inglesa que contemporaneamente à Melanie Klein introduziu o brinquedo na relação analítica com crianças (THOMPSON, 1981), mas também pode ser utilizada com abordagem pedagógica.

Através de uma simples caixa de areia medindo aproximadamente 75 x 50 x 7 cm, campo concreto para a vivência do jogo de areia, dispondo de uma variedade de miniaturas, entre outros materiais para composição de personagens na construção dos cenários, vivencio o intercâmbio de energia, a observação e experimentação dos conhecimentos adquiridos em minha trajetória de vida. Utilizando essa ferramenta metodológica nos espaços educativos compreendi que “nós mesmos criamos a nossa vida através do que fazemos com a nossa energia: para onde decidimos ir com ela e como a dirigimos” (PIERRAKOS, 2007, p. 16).

Para realização da atividade com o jogo de areia, foram formados três grupos de quatro integrantes. Cada grupo ficou responsável por um tópico do Capítulo III – “Ensinar a Condição Humana”. Para facilitar a construção de cenários no jogo de areia, distribuimos uma caixa com miniaturas para cada grupo. Cada equipe deveria representar imagetivamente a compreensão sobre “Os sete saberes necessários à educação do futuro”, contextualizando suas práticas educativas em saúde.

Para possibilitar alguns relatos sobre as vivências corporais formamos um grande círculo para exposição e apresentação dos cenários construídos no jogo de areia. Dialogamos sobre o estudo, as experiências de fluxos ocorridas durante a vivência, refletindo sobre o cuidado com o corpo, sobre a própria experiência, daquilo que vivenciamos e aprendemos com as experiências dos outros.

É fundamental contribuirmos para criação de uma ambiência com clima de amor, companheirismo, colaboração e amizade no grupo. Deixar expandir as riquezas, as competências, as experiências, a ludicidade presente na vida dos educadores em saúde. O momento foi propício para evidência da propriedade ludopoiética da autoconectividade percebida pelo envolvimento, dos educadores consigo mesmo, ao manter conexões com o outro e com o mundo; ao reconhecerem a importância de superarem os obstáculos e contratempos existentes no percurso da vida.

Desta forma, o terceiro momento vivencial ludopoiético se encerrou com grande envolvimento do grupo, no sentindo do desejo da expansão da corporeidade, na intenção de contagiar outros educadores em saúde, nos vários ambientes que frequentam. Por fim, convidamos os integrantes da ANEPS/RN para dançarmos uma ciranda, embalados pela alegria de viver a vida com sentido humanescente, sem medo de ser feliz!

4.4 No Jogo de Areia, a Obra de Arte da Vida

O quarto momento vivencial humanescente, foi planejado e organizado como forma dos educadores interagirem mais diretamente com o Jogo de Areia e com a metáfora *vida como obra de arte* que nos permite reconhecer que o fluir lúdico faz acender a chama da beleza nas nossas vidas (CAVALCANTI, 2010).

Iniciamos o processo organizando as miniaturas diversas que possibilitassem a representação imagética do universo dos participantes da pesquisa, as caixas de areia, entre outros materiais da natureza como sementes, pedras e areia colorida, todos expostos no centro da sala. A máquina fotográfica, o diário vivencial da pesquisadora,

entre os instrumentos necessários para registro das observações é sempre indispensável. Criamos um ambiente atraente, favorável, acolhedor e criativo.

Em círculo, sentados no chão, formamos uma mandala humanescente para conversarmos um pouco sobre o Jogo de Areia, a metáfora vida como obra de arte, como forma das ideias fluírem. Sugerimos dar “asas à imaginação”, buscar construir um cenário mentalmente.

Iniciamos os trabalhos acolhendo os participantes, apresentando os materiais a serem utilizados. Na sequência, propomos aos educadores em saúde a construção um cenário que represente algum momento de vivência do lazer que tenha provocado prazer e alegria durante suas trajetórias de vida, fazendo uso de sua imaginação. Uma rica oportunidade de os educadores reviverem e revelarem singularidades de suas histórias de vida, resgatando de maneira lúdica e prazerosa, os momentos mais significativos já vivenciados em sua vida, além de criarem situações do seu próprio lazer.

Cada participante individualmente faz suas escolhas das miniaturas, objetivando iniciar a construção do cenário imagético, momento em que se evidencia o espírito lúdico, possibilitando o resgate de alguns fundamentos esquecidos do humano, que permeiam o afeto e o lúdico, tão bem lembrados por Maturana e Verden-Zöller (2004), entre eles: amar e brincar, grande desafio na atualidade, frente a situações que nos leva ao autoritarismo, dominação, competição predatória, desrespeito à diversidade biológica e cultural e profunda ignorância do que são os direitos humanos (MATURANA E VERDEN-ZÖLLER, 2004).

Além da representação dos pensamentos e dos sentimentos através das miniaturas, adotar o Jogo de Areia como estratégia educativa tem sido bastante enriquecedor para todas as pessoas que se envolvem com a construção do cenário na caixa de areia, possibilitando que a subjetividade possa ser desvelada.

Poder vivenciá-lo em sua plenitude principalmente numa abordagem transdisciplinar proporciona grandes realizações, alegrias e emoções, permite ampliar nossa imaginação, fazendo uso da ludicidade, criatividade, sensibilidade, reflexividade, beleza, sentimentos, emoções, entre tantas sensações maravilhosas e inovadoras.

No jogo de areia sentimos o movimento e a energia se moldarem, surgem novas percepções, ações e emoções interagirem com o pulsar da vida, na mais completa unidade, fazendo fluir a imaginação. Jogo que cria e recria a vida a partir de imagens, de

cenários vivos e vividos pela imaginação, revelando sutilezas profundas da subjetividade humana (CAVALCANTI, 2010). Schiller (1995) nos ensina que só se deve jogar com a beleza e só com a beleza deve jogar. Essa é a condição para fazer emergir do jogo a beleza da vida!

A imagem abaixo apresenta configurações de subjetividade representadas simbolicamente por brinquedos, flores, caminhos, isto é, aquilo que de fato significa para quem observa o cenário, da imagem 02.

Imagem 02 - Cenário Construído individualmente pela Gota d'água Vermelha (2011). Representa algum momento de vivência do lazer que tenha provocado prazer e alegria durante suas trajetórias de vida.



Fonte: Áurea Emília (2011)

O cenário construído no Jogo de areia representa minha comunidade. Esse território é marcado por um índice de violência elevado. Algo muito complexo que merece atenção das autoridades, responsabilidade dos governos para com as políticas públicas. Mesmo assim, me sinto feliz com esse trabalho educativo de visita domiciliar. Ao manter aproximação com a vida da comunidade, construo laços amigáveis com as famílias, percebo não somente suas necessidades, mas, reconheço suas potencialidades, a capacidade para superar a falta de condições de uma vida digna, principalmente para as crianças, mulheres, gestantes. (GOTA D'ÁGUA, LILAS).

Após criação dos cenários, como forma de socialização, cada participante descreveu oralmente suas representações simbólicas do vivido. Uma descrição bastante enriquecedora, na abordagem etnofenomenológica, pelo fato de os educadores relatarem seus momentos de prazer e alegria na convivência com os integrantes da ANEPS, considerados bastante significativos, expressão de parte de suas histórias de vida, de seu cotidiano, processo importante para sua autoformação humanescentes. Destacamos alguns dos relatos:

Essa experiência ficará marcada para sempre em minha memória. Foi muito prazeroso pensar em mim, na minha vida, tratá-la como obra de arte. Não imaginei uma brincadeira assim na minha vida, ainda mais depois dos trinta que é a idade que tenho. Valeu a pena vir para esse encontro, para viver esse momento de lazer tão belo, que me fez tanto bem (GOTA D'ÁGUA AMARELADA, 2011).

Uma tarefa muito interessante. Para mim foi como a brincadeira do faz-de-conta da época de criança. A diferença está nos brinquedos, que na minha época de criança, eu mesmo tinha que fazer brinquedos com lata velha, pedaços de madeira, quenga de coco, osso de bicho pequeno. Hoje a maioria dos brinquedos é de plástico e só tem quem pode comprar. Foi muito bom pensar sobre minha vida, lembra o bom tempo. Gostei muito desse jogo, sinto que ficou bonito. Pena que o tempo é tão corrido (GOTA D'ÁGUA MARRON, 2011).

Meu Jogo fala da minha vida, das coisas boas que passei e que guardo na lembrança. Não quis colocar as coisas ruins. Quero aprender a gostar mais de mim como eu sou hoje. Antes eu não gostava nem mesmo do meu nome. Com vocês ao meu lado, ainda mais com esse jogo, quero aprender a fazer o melhor para minha vida, para a vida da minha família e das pessoas que cuido (GOTA D'ÁGUA MARIA/ROXA, 2011).

Percebe-se no cenário construído o envolvimento da educadora com sua comunidade, que mostra de uma forma sintética essa realidade: uma rua movimentada, próximo a locais onde crianças brincam livres e alegremente, mesmo dividindo o espaço com animais; ao mesmo tempo educadores em saúde e famílias se reúnem para conversar, partilhar, discutir suas vidas, seus problemas e dificuldades. É nesse contexto que nos vemos como educadora popular caminhando ao encontro das famílias, realizando visitas de apoio e acompanhamento, partilhando conhecimentos sobre ações básicas de saúde, educação, nutrição, segurança alimentar e cidadania.

A partir destas ações e vivências solidárias aprendemos a atuar como educadora popular que somos, abrindo espaços de diálogo e debates sobre os problemas locais, cultivando um mundo de paz na esperança de conquistar uma vida saudável e digna para todas as pessoas. Nosso desejo é muito bem expresso nas palavras de Paulo Padilha (2007, p. 81) quando realça que, “Queremos construir uma sociedade mundial com menos violência, sem a atual e desenfreada competição desumanizadora”.

Ao mantermos aproximação com as comunidades, criamos laços fraternos com essas famílias, percebendo não somente suas necessidades, mas, principalmente suas singularidades, potencialidades, capacidades para superarem a falta de condições de uma vida digna. Essas vivências nos enchem de alegria e realização até os dias atuais. Adentrando nas memórias de nossa trajetória profissional renovamos bons sentimentos, principalmente por trazer na lembrança tantas pessoas que queremos bem, na mesma intensidade com que nos amam. A sensação é de grande realização pessoal e profissional, algo realmente prazeroso, belo e mágico.

Desse modo, torna-se primordial que as pessoas criem e vivenciem sua ludicidade, fazendo bom uso de seu tempo livre. Para tanto, é preciso considerar o lazer como um fenômeno social que está implicado no processo de autoformação humanescente. Os estudos de Joffre Dumazedier (2001) reunidos no livro *Lazer e cultura popular* mostram o quanto é salutar compreender o lazer como um fenômeno, por exercer sérias consequências sobre o trabalho, à família e a cultura. Um lazer imprescindível, que tenha como objetivo estimular a pessoa para que possa, ela mesma, gerenciar e vivenciar no seu tempo disponível, sua integralidade, o conhecimento de si mesmo, as relações do lazer com a vida, nas ações diárias, nos espaços educativos, no mundo, na busca de respostas para nossas inquietações (DUMAZEDIER, 2001).

É na formação do espírito transdisciplinar, que se reconhece a vivencialidade ludopoiética como *obra de arte da vida*, e isso exige uma autoformação humanescente permanente (CAVALCANTI, 2010 p.25), embora seja um desafio, em especial para os educadores em saúde do Núcleo Estadual da ANEPS-RN, construir a sua própria *obra de arte da vida* com plenitude e beleza, para expandirem esse conhecimento para outras pessoas.

4.5 O Querer Bem as Práticas Educativas

O quinto momento vivencial humanescente foi direcionado pela seguinte situação norteadora: construir coletivamente um cenário que represente o significado das vivências de lazer na vida dos educadores em saúde. Lançado o desafio, era momento de mais uma experiência com o Jogo de Areia, propiciando evidenciar a importância do resgate da reflexividade vivencial no processo de autoformação humanescente dos educadores em saúde do Núcleo Estadual da ANEPS-RN.

O espaço foi cuidadosamente preparado com materiais simbólicos, próprio para utilização no Jogo de Areia, colocados em meio a cartilhas e folders da ANEPS-RN, a serem distribuídos entre os participantes e convidados como forma de divulgar suas atividades, dar visibilidade as ações (Imagem 03). Ao centro da sala, sob uma toalha branca, se destaca uma caixa de presente na cor vermelha contendo cartões com mensagem sobre *o querer bem*, a ser distribuídos entre os participantes da pesquisa, envolvidos no momento vivencial ludopoiético, no final do encontro. Bandejas plásticas, areia de diversas cores, miniaturas diversas, entre outros materiais como grãos, sementes, folhas secas, pedras de formato e cores, foram entregues no momento propício, diversificando ao máximo a temática a ser trabalhada. Busca-se criar um ambiente humanescente, repleto de carinho e muita amorosidade.

Imagem 03. Representa parte dos preparativos para o momento vivencial sobre o querer bem às práticas educativas.



Foto: Áurea Emilia (2011).

Sentados em círculo, formando uma mandala humana, iniciamos a atividade acolhendo e expressando boas vindas para todos os educadores e demais participante da pesquisa. O desejo é que todos se sintam encorajados pelo espírito lúdico, pelo entusiasmo de viver a vida com mais prazer, beleza e alegria, cercados pelo mistério de experimentar algo novo, sensações inovadoras, emoções e sentimentos; atentos “para o presente”, envolvidos “no que faz enquanto o faz”, “fazer o que se faz em total aceitação, sem considerações que neguem sua legitimidade”, como tão bem sublinham Maturana e Verden-Zöller (2004 p. 230), sobre o brincar e a consciência de si e do outro.

Como forma de estimular a criação imagética do cenário a ser construído no Jogo de Areia, convidamos os participantes a fechar os olhos para buscar na memória, as pessoas, os grupos, os movimentos, as práticas da Educação Popular em Saúde espalhados no Estado do Rio Grande do Norte, do qual somos parte. É deixar que as práticas educativas dos terapeutas comunitários, rezadeiras, curandeiros, raizeiros, cantadores, cordelistas, repentistas, artistas, instituições e movimentos que trabalham com saúde nas diferentes regiões potiguares inundem nossos pensamentos, trazendo para o cenário, atores historicamente invisibilizados neste contexto de produção do conhecimento e articulação política, para que sejam banhados e envolvidos pelas águas límpidas das fontes da natureza da vida.

O desafio é reunir no imaginário as pessoas que vivem em permanente contato com os problemas de saúde da população, tentando encontrar soluções para os problemas existentes, buscando desenvolver a capacidade do querer bem, de amar, de brincar, abertos às novas experiencialidades que valorizam a reflexividade vivencial propiciando o fluir da humanescência. Esse momento de abertura para si e para o outro, configura-se como um caminhar que estimula a autoformação. (JOSSO 2004)

Percebe-se que há uma forte relação entre as várias opiniões e saberes que circulam na sociedade, que interagem entre os campos de energia, com a dinâmica do universo. Todo amor por esse trabalho, pelas pessoas com quem convivemos pulsa forte dentro do corpo, do nosso ser interior, na nossa mente e espírito. Pierrakos (2007, p. 247) descreve que “o amor é uma força que pulsa. Biológica e energeticamente, é como um forno que emite raios e calor. O amor não pede nada, apenas emite e penetra”. Desta forma, temos a esperança que a compreensão sobre como construir o cenário na caixa de areia torna-se mais nítida para os educadores/educadoras participantes da pesquisa.

O momento de construção coletiva do cenário se tornou bastante significativo por ser possível visualizar a expansão da corporeidade, uma vez que os educadores interagem com cordialidade, atenção, gentileza, brincadeiras, com respeito por si mesmo, pelos outros, podendo se expressar livremente. O resultado foi registrado, sendo possível apreciar sua simplicidade e beleza através da imagem 04.

Imagem 04 – Cenário do Jogo de Areia construído coletivamente.



Fonte: Áurea Emília (2011)

Os educadores construíram coletivamente cenários representando o cotidiano de suas vivências e o campo do trabalho. Ao centro uma flor branca, representando o desejo de paz e não violência nas suas vidas, na vida da comunidade e no mundo; ao redor da flor branca, pequenas pétalas de rosas vermelha, representando o amor pela vida e pelas práticas educativas que desenvolvem, configurando-se assim um momento lúdico, de criatividade e sensibilidade, no qual emergiram a beleza, a emoção, o encantamento, o desejo e a paixão pelo conhecimento. Exemplo do que vem acontecendo na Base de Pesquisa Corporeidade e Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, a partir de uma concepção que reconhece a corporeidade o foco gerador de critérios educacionais, que prioriza a sensibilidade, a ludicidade e a criatividade, na perspectiva de ampliar os saberes humanescos para a educação, capaz de contribuir para a sustentabilidade de ambientes saudáveis, portanto norteador de toda a ação educativa (BACOR, 2010).

A propriedade ludopoiética da autofruição foi presença constante na vida dos educadores em saúde, percebida na alegria e no prazer de viver, na atenção que estes dão sobre as emoções e os pensamentos, na valorização da própria subjetividade, na abertura para os novos horizontes, na realização dos desejos ludopoiéticos.

Relembramos o querer bem abordado por Freire (2000) ao realçar que “ensinar exige querer bem aos educandos”, para tanto, é preciso estar aberto ao gosto do querer bem ao outro e à própria prática educativa. Paulo Freire (2000, p. 160) descreve: “[...] querer bem significa a minha disponibilidade à alegria de viver”. Evidenciamos também a importância da ludicidade, da sensibilidade, da criatividade e da reflexividade vivencial como dimensão humana, que fundamenta a proposta da formação ludopoiética tendo como referência as histórias de vida, a própria vida corporalizada, criando as condições para o fluir humanescente.

4.6 O Fluir da Autoformação Humanescente

O quinto momento de vivencial humanescente foi direcionado na perspectiva da observação e interpretação das vivências experienciadas, a partir de uma abordagem transdisciplinar e transcultural (GALVANI, 2020), na qual, sentimento e pensamento, razão e emoção impulsionam a autoformação humanescente dos participantes da pesquisa.

Na organização e preparação do espaço, foi dando um toque especial na mesa do lanche transcultural, na qual fraternalmente partilhamos frutas, bolos, doces, salgados, sucos de diferentes gostos e sabores. O ato de alimentar-se, também pode gerar prazer, além de repor as energias, saboreia o paladar que estes nos proporcionam, se constituindo como uma valiosa vivência do lazer. O objetivo comum é tornar o ambiente das vivências ludopoiéticas mais agradável, bonito, alegre, festivo, repleto de carinho, de boas energias, de harmonia e beleza, na busca de uma ambiência acolhedora e humanescente. A manifestação de uma força viva milenar dá um sentido profundo à idéia do transcultural, uma força hegemônica que tem o poder de corporalizar valores e resignificar nossas histórias e experiências de vida.

Para o desenvolvimento dessa proposta, visando aguçar ainda mais nossos sentidos, imaginação e criatividade trazemos para uma reflexão coletiva, a música. Busca-se, a experiencialidade vivencial que possibilita a expansão da consciência para sentir a alegria de viver. Para tanto, optamos por escolher a música “como uma onda”, de composição de Lulu Santos e Nelson Motta, que possibilita a reflexividade sobre o conhecimento de si, motivando mudanças e transformações na maneira de pensar, sentir, agir e interagir com o mundo, a expansão da ludicidade, do fluir humanescente, num processo dinâmico e prazeroso de aprendizagens ao longo da vida.

Portanto, temos que ter consciência que a corporeidade encontra-se presente no interior do nosso Ser. Ela se expande como raios de luz que ilumina a vida e seu entorno. Uma energia vital que trazemos dentro de nós, e transportamos ao longo de nossa vida, podendo ser transformada de acordo com as interações que mantemos conosco, com o outro, o mundo, a natureza. Cavalcanti (2010, p. 24) acredita que “na formação do espírito transdisciplinar há subjacentemente um alicerce lúdico, criativo e sensível, no qual o brincar, o criar e o sentir se fundem na alegria de viver a vida com sentido humanescente” (CAVALCANTI, 2010).

Enquanto se ouvia a música, sentíamos uma intensa energia circulante no ambiente. Corpo, mente, espírito, sentimentos se misturam e reagem diante da beleza do momento. O som penetrava em nossa alma, no nosso ser, proporcionando forte emoção. No entendimento de Antonio Damásio (2004, p. 62) “as emoções são um meio natural de avaliar o ambiente que nos rodeia e reagir de forma adaptativa”. Reconhecemos o quanto é positivo um ambiente acolhedor e receptivo. Na caminhada busca-se *sentipensar* as sensações do corpo, da mente. Momento de interiorização de nossos sentimentos e emoções. Olhar outras pessoas a nosso volta, partilhar com eles esse momento também é muito significativo.

A socialização foi possível com breves relatos sobre a vivência com a música. Também falaram dos desafios enfrentados para participarem das vivências, demonstrando toda seriedade e compromisso com a pesquisa. Busca-se a valorização e o reconhecimento da importância da corporeidade e da educação na autoformação de educadores em saúde, cuja perspectiva é a humanescência.

Ao final recomendamos a reflexividade sobre os excessos de nossas bagagens, para aquilo que acumulamos ao longo do tempo, resultado dos processos formativos,

fazendo-se necessário nosso desapego, que impossibilita a abertura e a criação de novos espaços tão essenciais para os avanços nas novas trilhas da autoformação humanescente.

A música nos faz pensar a vida, o nosso movimento no caminho das águas, na perspectiva da pedagogia vivencial humanescente que a cada dia encanta e se revela no tempo, nos espaços e na concretude do nosso fazer educacional, possibilitando irradiar o brilho e a beleza de nossos pensamentos e sentimentos, sobre a sociedade e o mundo em que vivemos, considerando nosso futuro comum.

Nossa intenção é entender e analisar como os educadores em saúde estão criando as condições necessárias para a sua autoformação humanescente. Este foi o questionamento proposto, como forma de instigar a reflexividade humanescente. Alguns dos relatos retratando o vivido.

A vivência com a música trouxe os altos e baixos que acontecem na nossa vida. Fala das perdas e dos ganhos. Expressa um movimento semelhante ao das ondas do mar “num indo e vindo”. Outra estrofe serve de alerta, pois “não adianta fugir nem mentir pra si mesmo”. Ou seja, devemos ter coragem de enfrentar a realidade, sem mentiras. Mostra que “há tanta vida lá fora” (no Mundo) mas também há vida “aqui dentro”, que é o nosso ser interior. Enfim, somos “como uma onda no mar”. Me identifico com a música (GOTA D’ÁGUA ROXA, 2011)

A música fala da vida como uma onda, lá dentro do mar. É assim que a vida acontece. Vai e vem o tempo todo, como a onda também faz. Mas, “tudo que se vê não é igual ao que a gente viu há um segundo”; “tudo muda o tempo todo no mundo”. Quando a música fala assim, a gente lembra das dificuldades que passamos também em nossa vida. Foi muito bom interagir com essa música. Penso que muita coisa dela tem haver comigo (GOTA D’ÁGUA AZUL, 2011).

Amei essa vivência. A letra dessa música se refere ao tempo, fala de épocas passadas, mas também fala das coisas do presente. Mas, penso que para cada tempo que se passa as coisas mudam, evoluem. Fala da vida, das pessoas, do mundo, como sendo uma onda, “num indo e vindo infinito”, como se fosse tudo uma coisa só. Somos vida, somos gente, somos mundo, somos onda. E tudo isso o corpo também sente. Mexe com nosso sentimento, com as feridas da gente. É isso! (GOTA D’ÁGUA ALARANJADA, 2011).

Essa música fala das constantes mudanças que ocorrem em nossa vida, pois nada é extático. O mundo está sempre em transformação. Temos que ter cuidado, pois “não há como voltar atrás no tempo”, o

que passou, passou, não volta mais! É preciso estar atento diante de tudo que ocorre na nossa vida, principalmente com nossa saúde, pois o mundo está sempre em movimento, em transformação, assim como nós seres humanos, e isso certamente mexe com nosso corpo, com nosso organismo todo. É o que penso e sinto (GOTA D'ÁGUA MARRON, 2011).

Eu procurei ouvir e sentir direitinho cada frase da música. Acompanhei o ritmo, o som. Parecia que eu ia e vinha com a onda. Foi como se meu corpo estivesse dentro do mar e eu mergulhado nele (risos). Foi muito bom tá aqui com vocês. Gostei muito, pois me faz muito bem. Fez também a gente pensar na vida da gente (GOTA D'ÁGUA BRANCA, 2011).

Ao registrar esses relatos, percebe-se a importância da música na vida das pessoas. Como ela reflete no nosso cotidiano, no dia-a-dia das pessoas. Remete-nos às sensações imagéticas do cenário da onda no mar, seu movimento, a vida, suas mudanças e transformações. Outra coisa que veio a mente foram as visitas que fazemos as famílias, as reuniões que realizamos nas comunidades periféricas da cidade de Natal, durante aproximadamente o período de quinze anos, em que coordenamos a Pastoral da Criança na área de Natal. Um trabalho preventivo, que visa à saúde das crianças de zero a seis anos, de gestantes e famílias, onde aconteceu a magia de nosso encontro com a Educação Popular, consolidando no dia-a-dia nossa missão de agente transformadora da realidade.

Nota-se a presença da propriedade da autotelia sendo revelada em diferentes momentos de escolhas pessoais, naquilo que eles consideram importante para suas vidas. Observa-se a satisfação de estarem interagindo com outras pessoas, com o mundo. A autovalia também é percebida nas trajetórias de vida, tão bem representadas na criação e recriação de si mesmo, manifestada na alegria de viver, nos autovalores, que são definidos por eles mesmos. As concepções de Paulo Freire contidas no livro *Pedagogia da Autonomia* ajudam na descoberta do saber, oportunizando uma melhor reflexividade sobre o mundo que nos cerca, nossa postura diante dos problemas sociais. “Como educador preciso de ir ‘lendo’ cada vez melhor a leitura do mundo que os grupos populares com quem trabalho fazem de seu contexto imediato e do maior de que o seu é parte”, ressalta Paulo Freire (2000, p. 90).

Hoje, como educadora e pesquisadora me sinto realizada, fortalecida e animada ao caminhar junto a ANEPS, na busca de articular, reconhecer e fortalecer a diversidade de experiências e saberes relacionados aos modos de pensar, fazer e cuidar da saúde da população.

Busca-se incessantemente evoluir na perspectiva de mudanças nas estruturas pedagógicas de práticas que ensine as pessoas a cuidarem do planeta terra de uma forma sustentável. Uma qualidade de educação como prefere chamar Padilha (2007, p. 22) “[...] de qualidade sociocultural e socioambiental da educação”.

Cândida Moraes (2003) no livro *Biologia do Amor e da solidariedade* apresenta a nãoseparabilidade dos processos de cognição, emoção e vida a partir da base biologia comum que os estruturam. É neste sentido que o estudo da energética entra no campo da autopoiese do humano. Trata-se de uma epistemologia que exige vivencialidade, emocionalidade (MOARES, 2003).

Para Damásio (2004) a neurociência, também é, e será, um auxiliar na compreensão do papel da emoção e dos sentimentos nas relações entre corpo e mente, e poderá nos próximos anos dar respostas importantes. Estudos de grande relevância para a Base de Pesquisa Corporeidade e Educação (CAVALCANTI, 2009).

Na visão de John Pierrakos (2007, p.18) “A substância básica da pessoa é a energia. O movimento da energia é a vida. Quanto mais livre o movimento da energia no interior de cada componente, para manter sua própria integridade e coesão, bem como de todo o organismo, mais intensa a vida”. Edgar Morin (2005 p.175) realça que “uma ciência reformada, capaz de refletir sobre si mesma, dotada de uma cultura epistemológica, poderia contribuir pra a grande reforma da mente, dando a cada um o conhecimento complexo do mundo, do humano, de si mesmo”.

É desta forma que a metáfora água vibra poeticamente em nosso coração, no nosso envolvimento com o campo de pesquisa, impulsionando à abertura de novos percursos metodológicos e ontológicos. Nela se revelam a paixão, admiração e amor pelas belezas naturais da cidade Natal, um verdadeiro paraíso.

A Reflexividade sobre a energética é muito enriquecedora, tanto o quanto é encantador o processo da ludopoiese. Vivenciar os saberes estudados, construí-los a partir das vivências humanescentes nos faz ampliar nossa visão de mundo, desenvolver a escuta, aprender a conviver melhor com as diferenças, o respeito pelo outro. A

reflexilidade sobre histórias de vida, memória lúdica na vida adulta tem sido utilizada na Linha de Pesquisa Corporeidade e Educação não com foco terapêutico, apenas como um processo educativo, como forma de compreender melhor o sentido da vida, sua beleza. A vida como uma obra de arte!

Neste sentido, vimos reafirmar nossa história de vida, e a importância de contribuir para a evolução da educação popular como estratégia de mudança nas práticas educativas de saúde, visando à emancipação e a cidadania, fortalecendo o processo de organização do povo para o enfrentamento ao modelo hegemônico, estreitando o diálogo entre os saberes populares e os conhecimentos científicos.

Percebe-se que a vivência com a música ajudou na reflexividade, fazendo com que saibamos exatamente onde, como, porquê e quando agirem para conquistar uma vida mais plena e feliz. Aprofundar os estudos, ampliar os conhecimentos sobre a corporeidade e a educação humanescente, promover pesquisas no campo da educação, buscando construir espaços de diálogo e interlocução através de encontros, debates e ações conjuntas certamente nos ajudarão nesta caminhada humanescente.

Entretanto, estamos conscientes que nossa força como educadora é limitada. A desigualdade social, as garantias dos direitos humanos fundamentais para uma grande parte da população, o desemprego e a miséria, criam desesperança. Contudo, ainda há esperança de construirmos uma realidade diferente, uma educação para a vida, ludopoiética e humanescente, pois como sublinha Paulo Freire (2000) “Uma educação sem esperança não é educação”.

4.7 O Movimento das Águas na Autoformação ludopoiética

A autoformação dos educadores em saúde, integrantes do Núcleo estadual da ANEPS-RN foi considerada a partir de uma abordagem transdisciplinar, tendo como base suas trajetórias de vida, permeada pelos momentos vivenciais humanescentes que, ao longo dos anos, tem possibilitado avanços consideráveis para uma melhor qualidade de vida. Através de práticas inovadoras para a educação em saúde, promovem uma aprendizagem significativa nos mais variados espaços educativos formais e informais,

transformando os conteúdos em vivências corporalizadas. Um processo de formação que considera o ser humano na sua totalidade e integralidade, que estimula o reencantamento dos educadores pelo processo educativo.

Neste sentido, desejamos contribuir para que os espaços educativos não sejam apenas espaços de reprodução de formas de discriminação social e sim de motivação de pensamentos críticos, reflexivos, organizativos, favorável ao pleno exercício da cidadania. Procura-se religar esse saber com a Pedagogia Vivencial Humanescente, fazendo surgir a idéia de estabelecer conexões autopoieticas necessárias para uma educação inovadora, integral, transdisciplinar, com novas práticas educativas humanescentes. Nesta perspectiva, compreendemos que a prática educativa humanescentes é afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje. Permanência do hoje a que o futuro desproblematizador se reduz (FREIRE, 2000, p. 161).

Uma saúde focada no ser humano em todas as dimensões, e com base na saúde integral, contrária aos hábitos que atentam contra a própria saúde física, mental, emocional e espiritual. Para tanto, os momentos humanescentes de diálogos promovidos mensalmente na roda de conversa da ANEPS/RN tem sido um campo de ação-reflexão-ação da educação. Espaço este de fundamental importância para a formação e autoformação humanescente dos educadores em saúde, grupo que faço parte. Uma prática educativa inovadora, revestida de dialogicidade entre os saberes populares e científicos, numa concepção autopoietica, transformadora, transdisciplinar e humanescente.

Nos relatos produzidos pelos educadores, percebe-se que as vivências humanescentes trazem oportunidades de refletir sobre suas práticas educativas. A abordagem metodológica focalizando o estudo vivenciado na construção de cenários imagéticos com a utilização do Jogo de Areia expressou situações do cotidiano de suas práticas, promovendo valorização e atitudes solidárias de troca de saberes. Na grande roda de exposição e partilha de saberes foram relatadas situações educativas vividas coletivamente na comunidade, revelando a importância de compreendermos a condição humana, principalmente de uma forma lúdica, prazerosa, humanescente, como uma oportunidade de descobertas, do autocuidado e do reconhecimento da complexidade da vida no interior de cada Ser.

Percebemos o quanto é importante à dedicação aos estudos, a disponibilidade à alegria de viver, a abertura à Pedagogia Vivencial Humanescente tendo ao centro a ludicidade, que conduz ao encontro com a autopoiese. No entanto, as observações acerca das práticas de cuidado na vida cotidiana dos integrantes do Núcleo Estadual da ANEPS/RN revelam que, dois educadores em saúde, participantes da pesquisa estão mergulhados em intensa agenda de compromissos da jornada de trabalho, em constante ausência no ambiente familiar, fazendo pouco uso da criatividade nas atividades e ações desenvolvidas, restringindo muitas vezes o diálogo nos relacionamentos interpessoais, mostrando uma baixa qualidade de vida, carência de uma alimentação saudável, pouca ou nenhuma atividade física e, principalmente, não buscam nem dedicam tempo ao lazer. Portanto, viver uma vida lúdica, com mais prazer e alegria é uma meta a ser ampliada.

Percebe-se a existência de um potencial infinito de possibilidades nos relatos que revelam a importância do diálogo, da escuta das experiências comunitárias. Muitas vezes, o que os educadores em saúde necessitam é de um pouco mais de atenção, tempo e de condições para que apresentem suas inquietações, certezas e incertezas, onde possam manifestar suas habilidades e competências, seus saberes relacionados aos modos de pensar, sentir, fazer e cuidar da saúde da população.

Certamente, a organização da Articulação de Movimentos e Práticas de Educação Populares em Saúde no Brasil, desde o ano de 2003, uma articulação nacional composta por movimentos sociais e populares, práticas de educação popular, práticas populares, integrativas e complementares em saúde, cuja finalidade maior é articular, reconhecer e fortalecer a diversidade de experiências e saberes aponta novos rumos para a saúde pública. Um trabalho que se organiza através de núcleos nacional, regionais, estaduais e municipais formando uma rede por todo o país, influenciando e intervindo na formulação de políticas públicas, estreitando os laços do diálogo entre os saberes populares e científicos.

Os passos dados apontam a necessidade de uma ação que garanta a continuidade, fortalecimento e expansão da ANEPS/RN, envolvendo um maior número de atores sociais que ainda não fazem parte da articulação, sobretudo, nas regiões do estado. Faz-se necessária a formação permanente dos atores sociais participantes da ANEPS/RN, especialmente os educadores em saúde, para que exerçam seu papel,

socializando o diálogo sobre as práticas, favorecendo sua intervenção nos Sistemas de Saúde locais.

Nessa direção, é inquestionável a necessidade da ANEPS/RN ampliar-se, crescer seus horizontes e lutas, respeitando os saberes, decisões e o crescimento das ações coletivas existentes nos vários cantos do Brasil, especialmente no estado do Rio Grande do Norte. Trata-se, sobretudo, de investir na interação entre os atores que constituem os sistemas de saúde e deles usufruem, acolhendo-os e fomentando seu protagonismo.

Para tanto, a Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular em Saúde – ANEPS/RN tem se desenvolvido e caminhado com a contribuição de diversos atores, numa ação educativa que visa promover a relação de integração e confronto dos saberes popular e científico, a partir do diálogo, da autonomia e da afirmação da liberdade dos sujeitos. Sua finalidade maior é articular, conhecer e refletir sobre as experiências de educação popular na perspectiva de fortalecer a diversidade de experiências e saberes relacionados aos modos de pensar, sentir, fazer e cuidar da saúde da população. Um trabalho realizado principalmente através da atuação dos educadores em saúde.

Idealiza-se que o Sistema Único de saúde seja tomado em sua perspectiva de rede, comprometida com a defesa da vida, construtora de laços de cidadania. Para tanto deve ser contagiado pela humanescência; olhar cada pessoa em sua especificidade, sua história de vida, mas também percebê-la como um corpo coletivo, parte da história de muitas vidas.

Portanto, faz-se necessário que estejamos atentos para as inúmeras possibilidades existentes de expressão dos diferentes saberes e práticas educativas em favor de um mundo melhor, mais humano, solidário e fraterno. Durante nossa vida passamos por contínuas mudanças e transformações, dependendo da interação no mundo em que vivemos. Neste sentido, compreende-se que ao assumir nossa autonomia seremos capazes de provocar as mudanças que queremos, entendendo tais mudanças como atos de cognição, ou seja, o próprio processo de vida, um movimento contínuo de reencantamento da vida.

Os estudos de Capra (2006, p. 211) descrevem que “a cognição, de acordo com Maturana, é a atividade envolvida na autogeração e na autoperpetuação de redes

autopoieticas. Em outras palavras, a cognição é o próprio processo de vida”. Portanto, nossas atividades contínuas, nosso jeito de criar e recriar a vida, de transformá-la, de fazer da vida uma Obra de Arte é o próprio processo de viver. Capra (2006, p. 211), nas palavras de Maturana e Varela revela que “viver é conhecer”. Desta forma, entendemos que é essa força energética que nos impulsiona ao gosto e desejo pela vida.

Assim, como gotas d’água, com as belezas e as alegrias da vida construídas a partir das vivências e experiências corporalizadas ao longo deste percurso, mergulhamos em direção ao encontro com as águas do oceano da ludopoiese e da humanescência.



Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes.
Paulo Freire

CAPÍTULO 5

O ENCONTRO DAS ÁGUAS COMO OCEANO DA LUDOPOLISE E DA HUMANESCÊNCIA

Revestimos-nos de alegria, amor e poesia para traçar as impressões conclusivas desta prazerosa caminhada, a partir da concepção do estudo dedicado ao processo de autoformação humanescente de educadores em saúde, integrantes do Núcleo Estadual da Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular em Saúde – ANEPS-RN.

A imagem da abertura deste capítulo registra um cenário na caixa de areia que retrata como a ludopoiese e a humanescência se revelam na vida de educadores em saúde e contribuíram para a sua autoformação humanescente. São gotas d'água em suas singularidades, seguindo em busca de novos rios, lagos, bacias, mares e oceanos, totalmente transformadas e envolvidas pelas emoções e os sentimentos expressos na beleza do encontro das águas com o oceano ludopoiético e humanescente. A flor representa as propriedades do sistema autopoiético, nela encontramos a energia do amor à vida. O coração desenhado na areia representa a vida como obra de arte, que nos permite reconhecer que o fluir do impulso lúdico faz acender a chama da beleza nas nossas vidas.

Em busca de completude, somos seduzidos a mergulhar na profundidade do oceano, reconhecendo a importância da corporeidade para as transformações desejadas, compreendendo a abundância do rico universo das manifestações, antes isoladas e anônimas, hoje fazendo parte de uma articulação nacional, que apesar das barreiras, continua lutando, utilizando o jogo, a dança, a música, a literatura, o teatro, o folclore, as práticas educativas, preservando as tradições da cultura popular pelo país a fora, em favor da educação em saúde.

Entende-se que essa riqueza cultural inserida no processo educativo promove a saúde e o bem-estar da população, ajudando a superar o ativismo, as dificuldades ocorridas no ambiente familiar e comunitário, prevenindo o adoecimento. A educação popular em saúde através da cultura popular tem contribuído bastante com as práticas educativas, promovendo a saúde na comunidade. Mostra que é possível fortalecer e estimular a ludicidade como uma prática educativa fundamental para o ser humano, para a melhoria de sua qualidade de vida. A cultura é uma força que se levanta frente ao atual cenário de injustiça social, as desigualdades e violências que ainda submete boa parte de nossa população, que teimam em se perpetuar no nosso país e no mundo. Ela deve ser acessível a todos para que possa oferecer à sociedade possibilidades de superação dos problemas existentes.

Há um verdadeiro jogo cultural com certo ritual de atitudes e gestos no fazer da articulação dos movimentos sociais e nas práticas de educação popular em saúde que o torna indispensável para a formação e autoformação ludopoiética humanescente dos educadores em saúde da ANEPS-RN, principalmente ao tomarem consciência da importância do lúdico na vida das pessoas, ao saber lidar com o jogo de areia de uma forma tão prazerosa, envolvente e gratificante. De acordo com Johann Huizinga, o grande historiador holandês, (2001, p. 5) “a intensidade do jogo e seu poder de fascinação não podem ser explicados por análises biológicas”. Huizinga (2001) ainda complementa “e, contudo, é nessa intensidade, nessa fascinação, nessa capacidade de excitar que reside a própria essência e a característica primordial do jogo”. Assim, implica-se a alegria e a capacidade criadora do ser humano, todo o poder transformador, manifestando assim a vida em sua plenitude.

São muitas inquietudes que movimentam e impulsionam a vida, “que vem em ondas”, “como um mar”, “num indo e vindo infinito”, para retomada da reflexão sobre a autoformação humanescente, motivando a curiosidade epistemológica, maior consciência do nosso papel como educadora e pesquisadora, no empenho coletivo e individual de compreender a formação humana para além da educação formal.

Ao deleitarmos no devaneio poético, proporcionado pela trajetória nos caminhos da água, foi possível descrever como a ludopoiese e a humanescência se revelam na vida de educadores em saúde. Observamos através das memórias de suas histórias e narrativas de vida, que eles se reinventaram ao despertarem para a sua corporeidade, permitindo que suas essências pudessem ser expandidas, tornando-se seres capazes de maior abertura para a vida, as novas experiências, descobertas, construções, desconstruções, reconstruções, para as transformações desejadas. Nesse sentido, consideramos oportuno sensibilizar outros educadores para estimularem e expandirem as vivências humanescentes para outros espaços educativos formais e informais, despertando para a corporeidade, reconhecendo a ludicidade como um fenômeno humano.

Nesta perspectiva, o mergulho na aventura epistemológica pelo caminho da água, através do jogo de areia e por meio dos momentos vivenciais, envolvendo os educadores em saúde tem inaugurado um novo jeito de promover o entrelaçamento entre a teoria e a prática, articulando as experiências de vida, viabilizando a relação potencializadora entre a comunidade acadêmica e a sociedade, trazendo para a cena

atores historicamente invisibilizados, ampliando o contexto de produção do conhecimento e articulação política.

Nesta busca percebemos que é um privilégio conviver com pessoas tão especiais, que aprendem e, ao mesmo tempo, ensinam como fazer bom uso da nossa autonomia e da nossa sabedoria para, de forma dinâmica e vivencial, desenvolvermos a alegria e o gosto pela vida através da arte e da cultura. Para tanto, se submeteram às novas experiências, às novas vivências, às trocas de saberes e fazeres, abertos para a vida, se reconhecendo como seres autopoieticos, reconstrutores de si, e em constante processo de formação e autoformação.

Desta maneira, compreende-se o significado dessa missão desafiadora, que requer criar condições para fluir a beleza da vida, e que resulte em mudanças estruturais, na preparação de espaços para se jogar o jogo da vida, fortalecendo com a mais pura e simples alegria de viver, o sentido e o significado da beleza, com sua forma singular de sentir o pulsar da vida, de valorização de nossas capacidades, reconhecendo as capacidades das outras pessoas, para o humanescer, que se manifesta através da corporeidade. Pois, sem isso nossa prática educativa jamais se tornará a beleza que queremos que ela seja.

Acreditamos na pertinência da contribuição desse estudo que dá ênfase ao fenômeno da ludopoiese ao desejarmos uma educação transformadora e transdisciplinar, que contribua para a autoformação humanescente de educadores em saúde do Núcleo Estadual da ANEPS-RN; que desperte a natureza e a condição humana do Ser em sua totalidade e integralidade à luz da corporeidade; resgatando o sentido da vida, que consiste em fazer da vida uma obra de arte, reconhecendo que o fluxo do impulso lúdico faz acender a chama da beleza na nossa vida, como revela a Gota d'água Rosa (2011):

Após tantas vivências maravilhosas é que percebo a minha vida transformada. Repensar a vida me ajudou a trilhar um novo caminho. Agora me sinto mais livre e até mais bonita, pois tenho cuidado melhor de mim, da minha saúde, da saúde da minha comunidade. Parece que a minha estrela voltou a brilhar... Desejo repassar essas vivências para outras pessoas. Sou grata a todos vocês por me acolherem, por me estimularem a vir para esses encontros.

Tornou-se, portanto, fundamental refletir junto aos educadores em saúde sobre o fenômeno da ludopoiese, impulsionada pela corporeidade, com vistas na

humanescência, para um reencantamento da educação, para o reencantamento da própria vida humana, principalmente, no momento histórico em que vivemos, de marcas tão profundas que nos são impostas. Esperamos contar sempre com o papel reflexivo, crítico e criativo dos educadores em saúde da ANEPS-RN, para uma compreensão mais aprofundada do processo de autoformação humanescente, diante da riqueza de tantas revelações a ser sistematizada, e que exige outros estudos.

Ao interagirem com o jogo de areia os participantes compreenderam que o ato de jogar, de brincar vivenciado na prática, ajuda a captar esse fluxo de energia da ludicidade, da corporeidade, do movimento, da sensibilidade, da criatividade, do imaginário, oportunizando muitas revelações, a entrega total, onde os sentimentos e os pensamentos, a razão e a emoções estão juntos, impulsionando a corporeidade e a autoformação humanescente. Gota d'água Vermelha (2011) realça que,

Não conhecia o Jogo de Areia, mas achei fantástica a idéia; parece até brincadeira de criança, na verdade é um jeito diferente da gente aprender mais sobre a nossa vida, e quem sabe, também uma forma de ensinar como viver melhor, como cuidarmos da saúde da população. Construir uma obra de arte da nossa vida requer muita atenção, exige pensar, planejar, ser bastante criativa, tudo isso de uma forma prazerosa, gostosa, pois é tudo muito delicado, como a vida da gente é, como a natureza é, como o mundo é.

Os educadores em saúde conceberam o jogo de areia como uma atividade livre capaz de os absorver integralmente, abrindo caminhos para descreverem a realidade, das várias fases da vida, de uma forma lúdica e plena em sua totalidade. Portanto, é fundamental adentrar no oceano da humanescência, adentrando na nossa vida, fazendo emergir o desejo individual e coletivo para que, com jogo, arte, beleza e plenitude possa se construir a mais bela de todas as artes, a própria vida.

Os momentos de socialização dos cenários foram bastante prazerosos para todos os participantes. Percebemos como a vivência com o Jogo de Areia é envolvente, faz fluir sentimentos e emoções diante da beleza dos cenários na areia que representam suas histórias e narrativas de vidas, repletas de sentidos e significados, possibilitando um mergulho no nosso universo existencial, no interior do nosso Ser, fazendo emergir a afetividade, a criatividade e a sensibilidade. Para Gota d'água Marron (2011):

A socialização é um momento muito importante, porém delicado. Cada um coloca o seu ponto de vista, um diferente do outro. No entanto, todos buscam um mesmo objetivo que é construir e falar de sua própria obra de arte, ou seja, todos representam e falam da própria história de vida, de todo reflexo de como ela é na realidade. A gente se sensibiliza com a história de vida do outro. Uma tarefa aparentemente fácil, no entanto bastante difícil para quem é recatado como eu, que não gosta de falar em público, ainda mais prá falar da própria história de vida... Lembrar o passado... Pensei que seria mais difícil, não foi. No fim, falei mais do que o tempo permitia. Mas, valeu a pena! Acho até que fui bastante criativo.

Ao evidenciarem, através do Jogo de Areia, a importância da ludicidade, da sensibilidade, da criatividade e da reflexividade vivencial, dimensão humana que fundamenta a proposta da formação ludopoiética, tendo como referência suas histórias de vida e as narrativas, os educadores em saúde percebem a própria vida corporalizada, fortalecendo a autoformação, criando as condições para o fluir humanescente.

Como ser histórico, político e social, protagonista na missão de educar, através do Jogo de Areia os educadores adquiriram novos saberes, possibilitando a reflexividade sobre a vida, construindo e reconstruindo os caminhos da trajetória pessoal, profissional e social, compreendendo melhor o paradigma da educação, seus avanços e perspectivas na tentativa de somar esforços, que permita o desenvolvimento do espírito científico, do pensamento crítico e reflexivo.

Entende-se que nossa formação é um processo contínuo e inacabado, através do conhecimento, saberes e modos de convivência construiremos uma sociedade mais justa, humana, fraterna e solidária, na qual, seus atores sociais tenham como meta, viver segundo os princípios éticos, na perspectiva de garantir uma vida digna para todos.

É desta forma que também acontece com a nossa autoformação humanescente. É na interação, na experiencialidade, na reflexividade sobre a vida que a humanescência se revela transformando, embelezando, impulsionando nossa corporeidade pelo brincar, criar e sentir em um permanente exercício de reflexão, configurando a Teia da Corporeidade, onde emerge o fenômeno da ludopoiese. Encontro que se observou a partir da formação do espírito transdisciplinar pela via da corporeidade e, tornou-se o centro da Pedagogia Vivencial Humanescente.

A autoformação dos educadores em saúde, considerada a partir de uma abordagem transdisciplinar, foi observada durante os momentos de vivências com apoio das propriedades ludopoiéticas. Na busca da consistência do presente estudo foi possível evidenciar essas propriedades a partir das histórias e narrativas de vida dos educadores em saúde, da construção dos cenários do Jogo de areia, nas diferentes vivências de ludicidade experienciadas nos momentos humanescentes, na própria vida.

A autolelia revelou-se na satisfação dos educadores ao fazerem suas escolhas, ao demonstrarem sua autonomia, no modo singular de ser e estar no mundo, na alegria de vivenciar os momentos de ludicidade, na construção dos cenários, na descrição do Jogo de areia, ao expressarem sentimentos e emoções na convivência com a família e os amigos, pelas ações que estão desenvolvendo nas comunidades.

A autoterritorialidade evidenciou-se na convivência com o grupo, no reconhecimento do espaço delimitado para as vivências, ao se reconhecerem como seres corpóreos, ao tratar seus corpos como territórios existenciais, nas interações com as pessoas envolvidas nas vivências em grupo, ao reconhecerem o espaço do trabalho, na relação íntima com a comunidade, a natureza, o mundo.

A autoconectividade apresentou-se no envolvimento do Ser consigo mesmo, durante as vivências humanescentes, nas interações interpessoais entre os membros do grupo; na expressão do prazer e da alegria pelo simples fato de estarem juntos trabalhando em comunhão, almejando objetivos comuns; nas conexões que fazem com a comunidade, com o mundo.

A autovalia desvelou-se no reconhecimento dos valores humanos, na riqueza atribuída à própria vida, no valor atribuído a objetos simples, mas de grande valor estimativo, no respeito às tradições e a cultura dos povos e comunidades, ao reconhecer o quanto são valiosas as atividades de lazer junto aos familiares, ao atribuir um autovalor aos momentos de ludicidade vivenciados com os amigos no ambiente de trabalho.

A autofruição expressou-se nos vários momentos vivenciais, desde a interação com as miniaturas, com o Jogo de Areia, com os cenários construídos, na sensibilidade expressas no momento de socialização, ao narrarem sobre a alegria e o prazer que estão sentindo ao viver a vida com mais intensidade e beleza.

Assim, foi possível constatarmos por meio das propriedades da ludopoiese o envolvimento dos educadores com a pesquisa, a importância das vivências humanescentes na vida das pessoas e nos espaços educativos. Desta forma, como educadora-pesquisadora, também fui capaz de reconstruir a própria vida, tornando-a a mais bela e singular obra de arte. Nesta trajetória, sinto-me cada vez mais apta a cumprir funções, colaborando para o desenvolvimento humano nos espaços educativos humanescentes. Almeja-se uma educação transformadora, que estimule a ludicidade, fazendo emergir a alegria de viver a vida com sentido humanescente, favorecendo o processo de autocriação da vida como obra de arte.

Apesar de todo empenho, o fato é que temos, ainda, muito a registrar e a sistematizar sobre as vivências humanescentes, as trajetórias de vida, sobre as práticas educativas desenvolvidas pelos educadores em saúde da ANEPS-RN. Cabe desenvolvermos um esforço coletivo no sentido de registrá-las, revelando rostos e identidades sempre que possível, para torná-las, de fato, um movimento de contínuo aprendizado e crescimento.

Nesse sentido, é imprescindível defendermos uma educação vivencial, que acontece de dentro para fora e não de fora para dentro, associada aos conceitos de uma aprendizagem corporalizada (CAVALCANTI, 2010), como um ato autopoietico (MATURANA; VARELA, 2001); para o desenvolvimento da saúde integral e não da doença. Isso implica revisar o modo de vida das pessoas, garantindo a continuidade do tratamento com o entendimento de doença e cura como um processo, de forma que possam conduzir a um atendimento humanizado e a uma prática educativa humanescente, ética, pessoal e economicamente sustentável.

Compreende-se que a pesquisa realizada conseguiu evidenciar dados importantes da formação ludopoiética desses educadores em saúde, para a sua autoformação humanescente e para a autocriação do próprio lazer, um lazer autopoietico que, por recursividade, alimenta esta autoformação de modo permanente.

A humanescência se revelou na abertura e na entrega dos participantes da pesquisa à vida em sua beleza e plenitude, transformando e reconstruindo a própria arte de viver a vida, no fazer da própria vida uma obra de arte. Um contínuo processo interno, que vai se revelando ao mundo por meio das interações consigo mesmo, com o outro e com o mundo. Manifestações estas que variam de acordo com a singularidade e a organização autopoietica de cada Ser. A humanescência também se revelou quando os

educadores em saúde participam criativamente na vida da comunidade, fazem uso de sua autonomia para atuar politicamente nos espaços institucionais. Essa participação criativa envolve o aprimoramento de suas habilidades e competências, de possibilidades inexploradas, reflexivas e mobilizadoras, promotoras de ações transformadoras.

Entendemos a humanecência como um fenômeno humano, que ocorre de dentro para fora, podendo ser despertado no interior de todo Ser humano; se expande em movimento recursivo, um permanente processo de construção, desconstrução e reconstrução da própria vida, e se irradia na vida de todos os seres humanos. Através de vivências humanescentes podemos aprender lições de vida, tomar consciência da “condição comum a todos os humanos”, da rica e necessária diversidade de saberes existentes na vida dos integrantes da Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular em Saúde, ANEPS-RN, possibilitando contribuir para uma educação humanescente, para o desenvolvimento da ludopoiese na formação humana, para o aprendizado da vida.

Desta forma, cumpriremos nosso papel na construção de um novo paradigma na atual passagem de um modelo de pensamento linear, fechado, polarizado, fragmentado, competitivo, excludente e predatório, para um pensamento complexo, aberto, dialógico, incluyente, integrador, com as dúvidas e interrogações de nosso tempo.

Na beleza do encontro das águas com o oceano ludopoiético e humanescente, desejamos que os educadores em saúde integrantes do Núcleo Estadual da ANEPS-RN com a vida transformada, inspirados na riqueza dos processos revelados, na qual, nos tornamos capazes de gerar a própria alegria de viver a vida, possamos irradiá-la para outras pessoas, para a natureza e para o mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem A. **Estórias de quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1995.

_____. **Conversas com quem gosta de ensinar: qualidade total na educação**. Campinas, SP: PAPIRUS, 2000.

AMMANN, Ruth. **A terapia do jogo de areia**. Imagens que curam a alma e desenvolvem a personalidade. Tradução de Mário Serpa. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

ASSMANN, Hugo. **A corporeidade como instância radical de critérios pedagógicos e ético-políticos**; Cidadania: crítica à lógica da exclusão. In: *Metáforas novas para reencantar a educação*. São Paulo: Editora da UNIMEP, 1998.

_____. **Metáforas novas para reencantar a educação: epistemologia e didática**. São Paulo: Ed da UNIMEP, 1998.

_____. **Paradigmas educacionais e corporeidade**. Piracicaba, SP: Editora da UNIMEP, 1995.

_____. **Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

BACHELARD, Gaston. **A formação o espírito científico: contribuindo para uma análise do conhecimento**. Tradução: Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1989.

_____. **A poética do devaneio**. Tradução: Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BARBIER, René. **A pesquisa – ação**. Brasília: Liber Livro, 2002.

_____; BORBA, Sergio; ROCHA, Jamesson (Org.). **Palavra educativa e sujeito existencial**. In: *Educação e Pluralidade*. Brasília: Plano Editora, 2003.

BARBOSA, Siomara Priscilla Anjos de Deus. **Tessituras poéticas da corporeidade na formação humana de educador infantil**. 238f. Dissertação (Mestrado em Educação). UFRN/PPGED. Natal, 2009.

BOFF, Leonardo. **Ecologia, mundialização, espiritualidade**. São Paulo: Ática, 1993.

_____. **Nova era: a civilização planetária**. São Paulo: Ática, 1994.

_____. **Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela terra**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

_____. **Espiritualidade: um caminho de transformação**. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

BOHM, David. PEAT, F. **Ciência, ordem e criatividade**. Tradução: Jorge da Silva Branco. Lisboa: Gradiva, 1989.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Educação Popular**. 3. ed. São Paulo, Brasiliense, 1982.

_____. **O que é educação**. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

_____. **Pesquisa participante**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

- _____. **Cultura popular e educação: salto para o futuro.** SEED/MEC. Brasília, 2008.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria Ministerial nº 971**, de 03 de maio de 2006. Aprova a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no Sistema Único de Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria Ministerial nº 1600**, de 17 de julho de 2006. Constituiu observatórios de práticas em saúde para a Medicina Antroposófica. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria Ministerial nº 853**, de 17 de novembro de 2006. Incluiu na Tabela de Serviços as práticas corporais, as atividades físicas e educativas nas unidades de saúde e comunidades. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria Ministerial nº 1996**, de 20 de agosto de 2007. Dispõe sobre novas diretrizes e estratégias para a implementação da Política Nacional de Educação Permanente em Saúde. Substituiu a Portaria GM/MS nº 198, de 13 de fevereiro de 2004. Brasília: Ministério da Saúde, 2007.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria Ministerial nº 154**, de 24 de janeiro de 2008, republicada em 04 de março de 2008. Criou os Núcleos de Apoio à Saúde da Família – NASF. Brasília: Ministério da Saúde, 2008.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Relatório do 1º seminário Internacional de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde – PNPIC/MS.** Brasília: Ministério da Saúde, 2009.
- BRENNAN, Barbara Ann. **Mãos de luz.** Tradução Octavio Mendes Cajado. 21 ed. São Paulo: Pensamento, 2006.
- CÂMARA, Tereza Cristina Bernardo da. **Corporeidade e Humanescência na fonte dos saberes da vida: a formação de professores que valoriza o ser.** Dissertação: Mestrado em educação. UFRN/PPGED. Natal, 2005.
- CANESQUI, Ana Maria. PAIVA, Vanilda (Org.). **Perspectivas e dilemas da educação popular.** Rio de Janeiro: edições Graal, 1984.
- CAPRA, Fritjof. **O Tao da física.** São Paulo: Cultrix. 1983.
- _____. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos.** Tradução: Newton Roberval Eichenberg. São Paulo: Cultrix, 2006.
- _____. **O ponto e mutação: a ciência, sociedade e a cultura emergente.** Tradução: Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1989.
- CAVALCANTI, Katia Brandão. **Esporte para todos: um discurso ideológico.** São Paulo: IBRASA, 1984.
- _____. **Comunicação pessoal.** Seminário de Pesquisa BACOR-PPGED/UFRN, 2008.1.
- _____. **Comunicação pessoal.** Seminário de Pesquisa Filosofia da Corporeidade. BACOR-PPGED/UFRN, 2010.2.
- _____. **Corporeidade, sensibilidade e transdisciplinaridade: o desafio ludopoiético como obra de arte da vida.** In: III Congresso Internacional Transdisciplinaridade, Complexidade e Ecoformação, set. 2008, Brasília. Anais, CD, Brasília, Universidade Católica de Brasília, 2008a.

_____. **Jogo de Areia e transdisciplinaridade:** desenvolvendo abordagens ludopoiéticas para a educação e a pesquisa do lazer. Revista Licere, vol. 11. Belo Horizonte, 2008.

_____. (Org.). **Pedagogia Vivencial Humanescente:** educação para o sentipensar a condição humana. Curitiba: Editora CRV, 2010.

CAVALCANTI, Katia Brandão; MAIA, S. C. F. **A formação ludopoiética do profissional do lazer:** um desafio para sua autoformação humanescente. In: III Congresso Internacional Transdisciplinaridade, Complexidade e Ecoformação, set. 2008, Brasília. Anais. Universidade Católica de Brasília, 2008.

CIPULLO, Marcos Alberto Taddeo. **Falando do corpo:** o papel do verbo na bioenergética. São Paulo: Summus, 2000.

COLL, César. [et al.] (Org.). **Desenvolvimento psicológico e educação:** psicologia evolutiva. Tradução: Marcos A. G. Domingues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

COSTA, Beatriz; WEID, Bernard Vouder. **Para analisar uma prática de educação popular:** Educação popular: um depoimento. Cadernos de educação popular I. 4. ed. Petrópolis, RJ: editora vozes, 1984.

COULON, Alain. **Etnometodologia.** Tradução: Ephraim F. A. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. **Etnometodologia e educação.** Tradução: Guilherme João de F. Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1995.

CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. **A descoberta do Fluxo:** a psicologia do envolvimento com a vida cotidiana. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

_____. **A psicologia da felicidade.** São Paulo: Saraiva, 1992.

DAMÁSIO, Antonio. **Em busca de Espinosa:** prazer e dor na ciência dos sentimentos. Adaptação para o português do Brasil: Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. **O mistério da consciência.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

D'AMBRÓSIO, Ubiratan; WEIL, Pierre; CREMA, Roberto (Org.). **Rumo à nova transdisciplinaridade.** São Paulo: Summus, 1993.

DELORS, Jacques. (Org.). **Educação: um tesouro a descobrir.** Tradução: José Carlos Eufrásio. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Brasília, DF: MEC, UNESCO. São Paulo: Cortez, 1998.

DESCARTE, Renè. **Discurso do método.** Tradução J. A. M. Pessanha. São Paulo: Abril Cultural, 1999.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular.** São Paulo, SP: SESC, 2001.

_____. **Sociologia empírica do lazer.** São Paulo: Perspectiva, 1999.

FRANÇA, Tereza Luíza de. **Educação, corporeidade, lazer:** saber da experiência cultural em prelúdio. 2003. 299f. Tese (Doutorado em Educação). UFRN. Natal, 2003.

FREIRE, Paulo. **Conscientização:** teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3. ed. São Paulo: Ed. Moraes, 1980.

_____. **Pedagogia do oprimido.** 27. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 16 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

- _____. **Pedagogia da tolerância.** São Paulo: UNESP, 2004.
- _____. **Educação como prática de liberdade.** 28. ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2005.
- _____. **Pedagogia da esperança:** um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.
- GADOTTI, Moacir; TORRES, Carlos Alberto (orgs.). **Educação popular:** Utopia Latino – americano. São Paulo Cortez: editora a Universidade de São Paulo, 1994.
- GALVANI, Pascal. **A autoformação:** uma perspectiva transpessoal, transdisciplinar e transcultural. Artigo publicado em Educação e Transdisciplinaridade II. São Paulo/SP: Triom/UNESCO, 2002.
- GARDNER, Howard. **Inteligências Múltiplas:** a teoria na prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- GONÇALVES, Maria Augusta Salim. **Sentir, Pensar, Agir:** Corporeidade e Educação. Papirus. Campinas: SP. 1994.
- HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens:** O jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- JOSSO, Marie Christine. **Experiências de vida e formação.** Tradução: José Claudino e Júlia Ferreira. São Paulo, SP: Cortez, 2002.
- _____. **Trajetórias e processos de ensinar e aprender:** práticas e didáticas. A realização do ser humano como processo de transformação. XIV ENDIPE. 2008.
- JUNG, Carl Gustav. **Tipos psicológicos.** Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- KALFF, Dora M. **Sandplay:** a psychotherapeutic approach to the psyche. Cloverdale, California: Temenos Press, 2003.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa.** São Paulo: Summus, 1994.
- _____. **Metodologia do trabalho científico.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2001.
- LA TORRE, Saturnino de. **Criatividade aplicada:** recursos para uma formação criativa. Tradução de WIT Languages. São Paulo: Madras, 1997.
- LELOUP, Jean-Yves. **Cuidar do ser.** Fílon e os terapeutas de Alexandria. Petrópolis, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- _____. **O corpo e seus símbolos:** uma antropologia essencial. Org.: Mary Alves de Lima. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- LOWEN, Alexander. **Prazer:** uma abordagem criativa da vida. São Paulo: Summus, 1982.
- MAIA, Sônia Cristina Ferreira. **Da formação ludopoiética à autopoiese do lazer:** significados para a autoformação humanescente do profissional do lazer. 102f. Tese (Doutorado em Educação). UFRN/CCSA/PPGE.. Natal, 2008.
- MASLOW, Abraham H. **Introdução à psicologia do ser.** Rio de Janeiro: Eldorado, 1975.
- MATURANA, Humberto; DÁVILA, Ximena Paz. **Educação a partir da matriz biológica da existência humana.** Tradução de Leda Beck. UNESCO. Chile: Revista PRELAC, 2006.

MATURANA, Humberto; REZEPKA, Sima Nisis. de. **Formação e capacitação humana**. Petrópolis: Vozes, 2003.

MATURANA, Humberto; VARELA Francisco J. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas da compreensão humana. São Paulo: Athena, 2001.

MATURANA, Humberto; VERDEN-ZÖLLER, Gerda. **Amar e brincar**: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia. Tradução de Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2004.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MERCADO, Luiz P. L. **Formação continuada de professores e novas tecnologias**. Maceió: EDUFAL, 1999.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1971.

MORAES, Maria Cândida. **Educar na biologia do amor e da solidariedade**. Petrópolis: Vozes, 2008.

MORAES, Maria Cândida; LA TORRE, Saturnino de. **Sentipensar**: Fundamentos e Estratégias para Reencantar a Educação. Petrópolis. RJ: Vozes. 2004.

MORIN, Edgar. **O método 6: ética**. Tradução: Juremir Machado da Silva. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2005.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Trad: Catarina Eleonora F. Silva e Jeanne Sawaya. Revisão Técnica de Edgard de Assis Carvalho. 10ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

MOSCA, Maristela. **Como se fora brincadeira de roda**: a ciranda da ludopoiese para uma educação musical humanescente. 182 f. Dissertação (Mestrado em Educação). UFRN/CCSA/PPGE. Natal, 2009.

MUSSE, Narla Sathler Oliveira. **Vivências ludopoiéticas no jogo de areia**: a tatalidade na autoformação humanescente. 257 f. Tese (Doutorado em Educação). UFRN/CCSA/PPGE. Natal, 2011.

NICOLESCU, Basarab. (Org.). **Educação e transdisciplinaridade**. Brasília: UNESCO, 2005.

_____. **O manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom, 1999.

OETHE, José Renato. **Concepções históricas de educação popular e construção de novos paradigmas**. São Paulo, 1986.

PADILHA, Paulo Roberto. **Educar em todos os cantos**: reflexões e canções por uma educação intertranscultural. São Paulo: Instituto Paulo Freire. Cortez Editora, 2007.

PARKER, Stanley. **A sociologia do lazer**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PEREIRA, Lígia Souza de Santana. **Festa na escola e a autopoiese do lazer**. 296 f. Tese (Doutorado em educação). UFRN/CCSA/PPGE. Natal, RN, 2011.

PERRENOUD, Philippe. **A prática reflexiva no ofício de professor**: profissionalização e razão pedagógica. Tradução: Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PIERRAKOS, M.D. John C. **Energética da Essência**. (Core Energetics). Desenvolvendo a Capacidade de Amar e de Curar. Tradução de Carlos A. L. Salum e Ana Lúcia Franco. 6. ed. São Paulo: Editora Pensamento, 2007.

PINEU, Gaston. **A autoformação no decurso da vida**. Disponível em www.cetrans.com.br Site acessado em 10 de outubro de 2010.

PINHEIRO, Evanir Oliveira. **Dançando com gatos e pássaros: o movimento ecossistêmico da ludopoiese na educação infantil**. Tese (Doutorado em Educação). UFRN/CCSA/PPGED. Natal, RN, 2011.

PIRES, Edmilson Ferreira. **Corporeidade e sensibilidade: o jogo da beleza na educação física escolar**. Natal, RN: EDUFRN, 2000.

_____. **O fenômeno da ludicidade no jogo crítico e criativo da vida de professores-pesquisadores em corporeidade**. 146 f. Tese (Doutorado em Educação). UFRN/CCSA/PPGED. Natal, 2002.

_____. **Jogando com a beleza e o lúdico na construção do conhecimento em corporeidade**. In: XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte/II Congresso Internacional de Ciência do Esporte. Política Científica e Produção de Conhecimento em Educação Física. Recife-PE, 2007. P. 1-11.

SAMPAIO, Ana Tânia Lopes. **Universo encantado do cuidado na autopoiese docente: uma viagem epistemológica transdisciplinar**. 209 f. Tese de Doutorado em Educação. UFRN/PPGED. Natal, 2009.

SANTIN, Silvino. **Educação física: uma abordagem filosófica da corporeidade**. Ijuí: Unijui, 1987.

SANTOS, Artemisa de Andrade. **Corporeidade e a melodia da experiência estética na formação humanescente de cantores-educadores**. 151 f. Dissertação (Mestrado em Educação) UFRN/PPGED. Natal, 2009.

SCHILLER, Friedrich. **A educação estética do homem**. São Paulo: Editora Iluminuras, 1995.

_____. **A educação estética do homem: numa série de cartas**. Tradução de Roberto Schwarz e Márcio Suzuki. Carta XXII. São Paulo: Iluminuras, 2002.

_____. **Poesia ingênua e sentimental**. São Paulo: Iluminuras, 1997.

SOUZA, Samir Cristino de (Org.). **Catálogo Aneps-RN: Mãos que fazem movimentos e práticas de educação popular em saúde no Rio Grande do Norte**. Natal: Editora do CEFET-RN, 2006.

TAVARES, J. **A resiliência na sociedade emergente**. São Paulo: Editora Cortez, 2001.

TORRES, Rosa Maria, **Discurso e prática em educação popular**. Op. Cit. p.75 São Paulo: Editora. Cadernos de Planejamento Participativo. 1986, p.25.

VARELA, Francisco; THOMPSON, Evan; ROSCH, Eleanor. **A Mente Corpórea: Ciência Cognitiva e Experiência Humana**. Tradução: Joaquim Nogueira Gil e Jorge de Sousa. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

VASCONCELOS, Eymard. (Org.). **A Espiritualidade no Trabalho em Saúde**. São Paulo: HUCITEC, 2006.

_____. **Educação popular e atenção à saúde da família**. São Paulo: HUCITEC, 1999.

ANEXOS

ANEXO 1



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Prezado Sr., Prezada Sra.,

Este documento é um convite para você participar do Projeto de Pesquisa intitulado Ludopoiese e humanescência na vida de educadores em saúde da ANEPS-RN, cujo objetivo central é descrever e interpretar como a ludopoiese e a humanescência se revelam na vida de educadores em saúde e contribuíram para a autoformação humanescente, sob orientação do Prof. Dr. Edmilson Ferreira Pires, desenvolvida pela mestranda em educação, aluna do PPGEd/UFRN, Áurea Emília da Silva Pinto.

Ressaltamos que a sua participação é muito importante e valiosa para o nosso estudo, considerando a sua implicabilidade neste processo de formação e autoformação humanescente. Esclarecemos que sua participação é voluntária, bem como asseguramos que sua participação na pesquisa não compromete em quaisquer gastos ou prejuízo financeiro e pessoal. Portanto, caso desejar, poderá informar sua desistência a qualquer momento, sem que isso lhe traga alguma penalidade.

Salientamos que todas as informações obtidas serão tratadas de forma a manter o anonimato de pessoas como fonte de dados, garantindo assim, um tratamento acadêmico e profissional.

As dúvidas a respeito da ética dessa pesquisa poderão ser questionadas ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFRN, na Praça do Campus Universitário da UFRN, Caixa Postal 1666. Av. Salgado Filho, s/nº - CEP. 59.078-970. Natal-RN-Brasil. Telefone: + 55 84 3215 3135. Site: www.etica.ufrn.br. E-mail: cepufrn@reitoria.ufrn.br

Agradecemos sua atenção e, caso aceite participar do Projeto de Pesquisa, solicitamos a sua confirmação, assinando o presente termo. Contamos com a sua inestimável participação, apresentamos as nossas cordiais saudações,

Áurea Emília da Silva Pinto,
Aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação
UFRN/PPGEd. - Natal/RN/Brasil.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, após ter lido o presente Termo aceito o convite para participar do Projeto de Pesquisa intitulado **Ludopoiese e Humanescência na Vida de Educadores em Saúde da ANEPS-RN**, na condição de voluntário.

Natal, _____ de _____ de 2010

Assinatura: _____

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

Formulário N°: _____

Data de realização: ____/____/2010

PÚBLICO ALVO: Educadores em Saúde do Núcleo Estadual da ANEPS-RN

I – IDENTIFICAÇÃO E CARACTERÍSTICAS DA/O ENTREVISTADA/O:

1 – SEXO DA PESSOA ENTREVISTADA:

1.1 () Feminino

1.2 () Masculino

2 – FAIXA ETÁRIA DA/O ENTREVISTADO:

2.1. () de 18 a 24 anos

2.2. () de 25 a 34 anos

2.3. () de 35 a 44 anos

2.4. () de 45 a 59 anos

2.5. () acima de 60 anos

3 – NATURALIDADE DA/O ENTREVISTADO/A:

3.1. () Natal

3.2. () Interior do Estado do RN.

3.3. () Outros estados. Qual? _____

4 – ESCOLARIDADE DA/O ENTREVISTADO/A?

4.1. () Não-alfabetizado

4.2. () Ensino Fundamental 1º Nível completo

4.3. () Ensino Fundamental 1º Nível incompleto

4.4. () Ensino Fundamental Médio completo

4.5. () Ensino Fundamental Médio incompleto

4.6. () Ensino Superior completo. Curso: _____

4.7. () Ensino Superior incompleto. Curso: _____

4.8. () Pós-Graduação. Qual? _____

5 – CONDIÇÃO CONJUGAL ATUAL DA/O ENTREVISTADO:

5.1. () Solteira/o

5.2. () Casada/o

5.3. () União consensual

5.4. () Separada/o ou divorciada/o

5.5. () Viúva/o

5.6. () Não se aplica

6 – RAÇA/COR DA/O ENTREVISTADO?

6.1. () Branca

6.2. () Negra/Preta

6.3. () Parda

6.4. () Amarela

6.5. () Indígena

6.6. () Outra. Qual: _____.

7 – RELIGIÃO DA/O ENTREVISTADO?

7.1. () Católica

7.2. () Protestante

7.3. () Espírita

7.4. () Outra. Qual? _____.

8 – SITUAÇÃO ATUAL DE TRABALHO DA/O ENTREVISTADA/O?

8.1. () Tem emprego formal (com registro em carteira).

8.2. () Tem um trabalho “por conta própria” ou “Autônomo” .

8.3. () Está desempregada/o

8.4. () Trabalha somente em casa (tarefas do lar)

8.5. () Está aposentada/o

II – SOBRE A LUDICIDADE NA VIDA DE EDUCADORES EM SAÚDE DA ANEPS-RN

9 - VOCÊ REALIZOU ALGUMA ATIVIDADE QUE TENHA PROPORCIONADO PRAZER E ALEGRIA NA ÚLTIMA SEMANA?

9.1. () Sim

9.2. () Não

10 - SE A RESPOSTA DO ITEM 9 FOI SIM, ONDE OCORREU A ATIVIDADE?

10.1. () No ambiente familiar (residência)

10.2. () No local de trabalho

10.3. () No bairro/comunidade onde mora

10.4. () Em outro local da cidade, fora do bairro onde mora

10.5. () Fora da Cidade onde mora.

11 - SE A RESPOSTA DO ITEM 9 FOI SIM, QUANTO TEMPO VOCÊ DEDICOU A ESSA ATIVIDADE?

11.1 () Até uma hora

11.2 () Duas horas

11.3 () Acima de três horas

12 - SE A RESPOSTA DO ITEM 9 FOI SIM, QUAL A IMPORTÂNCIA DESSA ATIVIDADE PARA SUA VIDA?

12.1 _____

13 - VOCÊ CONSIDERA QUE AS PRÁTICAS CORPORAIS INTEGRATIVAS PODEM CONTRIBUIR PARA SUA SAÚDE E QUALIDADE DE VIDA?

11.1 () Sim

11.2 () Não

14 - SE A RESPOSTA DO ITEM 13 FOI SIM, QUAIS AS PRÁTICAS CORPORAIS INTEGRATIVAS VOCÊ REALIZA NO DIA-A-DIA. CITE ATÉ TRÊS:

14.1. _____

14.2. _____

14.3. _____

15 - VOCÊ PERCEBEU SE OCORREU ALGUMA MUDANÇA NA SUA VIDA PESSOAL E PROFISSIONAL A PARTIR DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS QUE DESENVOLVE? CITE ATÉ TRÊS:

15.1. _____

15.2. _____

15.3. _____

Nossa gratidão pela participação na pesquisa,

Áurea Emilia da Silva Pinto,
Aluna do PPGEd/UFRN - Natal/RN/Brasil.

ANEXO 3

ROTEIRO PARA ENTREVISTA PARTICIPATIVA

Público alvo: Educadores em Saúde do Núcleo Estadual da ANEPS-RN

1º Momento

- a) Ambiência: limpar, arejar e organizar o ambiente, trazendo símbolos, equipamentos e material didático para facilitar o desenvolvimento da atividade.
- b) Acolhimento: ao receber os/as participantes é importante acolher bem e fazer com que todos se sintam à vontade e descontraídos.
- c) Apresentação da proposta de trabalho; do objetivo da pesquisa;
- d) Dinâmica: entregar aos participantes uma folha de papel ofício e lápis colorido; solicitar que desenhem seu rosto procurando expressar sentimentos de como estão chegando e as expectativas para o encontro; quanto terminarem, cada um se apresenta e expressa seus sentimentos e suas expectativas, mostrando ao grupo a beleza da construção de si, falando do significado dessa dinâmica a partir daquilo que somos, temos e trazemos. Ao final fazer a leitura da oração de São Francisco, refletindo sobre sua mensagem.
- e) Reflexão norteadora: Para você, o que significa ser educador/a em saúde?
Qual a importância da Educação popular em Saúde para a sua vida?
- f) Participar do debate, das discussões dialógicas, fazer os registros.

2º Momento

- a) Atividade de Grupo: dialogando em roda para um despertar da consciência crítica da realidade. Para formar grupos utilizamos a dinâmica da dança: convidamos os participantes para uma dança. A partir de uma dança individualizada buscar interagir com a música, o ritmo, a dança. Posteriormente, pedir para que se juntem primeiro dois a dois, na sequência três a três, quatro a quatro, até formar os grupos na quantidade que se quer atingir. É interessante utilizar ritmos diferentes, como valsa, forró, xote, balada, entre outros; estimular

o envolvimento do participante com o ritmo da música, com a dança. Observar as atitudes de cada participante, seu movimento pela sala, a ocupação do espaço, sua interação com o grupo.

- b) Reflexão norteadora: Quais as dificuldades enfrentadas para o desenvolvimento de suas práticas educativas?
- c) Socialização dos saberes de cada grupo. Ao final fazer a leitura do poema Autofruição, de autoria da educadora Áurea Emília da Silva Pinto, estimulando a reflexão sobre o fluir humanescente.
- d) Participar do debate, das discussões dialógicas, fazer os registros.

3º Momento

- a) Momento celebrativo da vida, das conquistas; recheado dos sabores trazidos pelos participantes com lanches regionais, considerando a cultura, os hábitos, os costumes, a tradição de cada região do estado.
- b) Convidar os participantes para um momento de relaxamento, estimulando sua auto-estima, o cuidado de si, do outro, do mundo.
- c) Atividade reflexiva. Questão norteadora: Das atividades educativas que você desenvolve, qual destacaria como sendo prazerosa e alegre, e o que sente ao realizá-la? Quais as expectativas para a melhoria de sua atuação no campo da Educação em Saúde?
- d) Após relatos, oportunizar a socialização em grupo das impressões sobre as questões norteadoras.
- e) Avaliação dos encontros: o que quero deixar, o que quero levar e por quê.
- f) Participar do debate, das discussões dialógicas, fazer os registros.

Nossas cordiais saudações e agradecimentos pela colaboração e participação.

Áurea Emília da Silva Pinto,

Aluna do PPGEd/UFRN - Natal/RN/Brasil.

ANEXO 4

Poema: Autofruição

Autora: Áurea Emília da Silva Pinto

Autofruição

Minha gente preste atenção,

Vou falar da autofruição:

Uma propriedade Ludopoiética,

Do ensino, pesquisa e extensão.

Peculiar à vivência lúdica, de prazer e emoção

Para que ocorra o fluxo, busco ambiente propício

Usando a caixa de areia, construo cenários belíssimos

Sensibilidade, criatividade, são guias fundamentais

No aprender a ser autônomo, é preciso se reeducar

O povo deve ter voz, prá educação transformar

A ciência não deve esquecer a sabedoria popular

Essa riqueza da gente, presente em todo lugar

Na pesquisa não é diferente, vamos corporalizar

Viva o lúdico, viva a vida, viva a educação popular!

ANEXO 4

*Oração de São Francisco**Senhor,**Faça-me um instrumento de vossa paz.**Onde houve ódio, que eu leve o amor;**Onde houver ofensa, que eu leve o perdão;**Onde houve discórdia, que eu leve união;**Onde houver dúvida, que eu leve a fé;**Onde houve erro, que eu leve a verdade;**Onde houve desespero, que eu leve a esperança;**Onde houve tristeza, que eu leve alegria;**Onde houver trevas, que eu leve a luz;**Ó Mestre,**Fazei que eu procure mais consolar, que ser consolado;**Compreender, que ser compreendido;**Amar, que ser amado;**Pois é dando que se recebe,**É perdoando que se é perdoado,**E é morrendo que se vive para a vida eterna.*

ANEXO 5

Letra de Música: Senhora rezadeira

Interprete: Beth Carvalho

Senhora rezadeira

Ó senhora rezadeira

Rezadeira

Ô rezadeira senhora

Minha senhora

Senhora rezadeira

Reze uma prece com fé

Pra que a raça brasileira

Esteja sempre de pé

Reze pra que o nosso povo

Viva sempre a liberdade

E construa um mundo novo

Cheio de felicidade

Falei ô senhora

Reze pra que a lua mansa

Nunca deixe de brilhar

E na vida a esperança

Nunca venha nos faltar

Reze pra que a falsidade

Seja sempre superada

E que o amor e a bondade

Andem sempre de mãos dadas

Falei ô senhora

ANEXO 6

Letra de Música: Como uma onda

Composição: Lulu Santos | Nelson Motta

Como Uma Onda

*Nada do que foi será
De novo do jeito que já foi um dia*

*Tudo passa
Tudo sempre passará*

*A vida vem em ondas
Como um mar
Num indo e vindo infinito*

*Tudo que se vê não é
Igual ao que a gente
Viu há um segundo
Tudo muda o tempo todo
No mundo*

*Não adianta fugir
Nem mentir
Pra si mesmo agora
Há tanta vida lá fora
Aqui dentro sempre
Como uma onda no mar
Como uma onda no mar
Como uma onda no mar*